

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

FLORISBETE DE JESUS SILVA

**CENAS REPETIDAS: SENTIDOS E MEMORÁVEIS DE GÊNERO NO LIVRO
DIDÁTICO**

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BA
2017**

FLORISBETE DE JESUS SILVA

**CENAS REPETIDAS: SENTIDOS E MEMORÁVEIS DE GÊNERO NO LIVRO
DIDÁTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Texto, Significado e Discurso

Orientador: Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA

2017

Silva, Florisbete de Jesus	
S58c	<p>Cenas repetidas: sentidos e memoráveis de gênero no livro didático/ Florisbete de Jesus Silva, 2017. 108f.</p> <p>Orientador (a): Adilson Ventura da Silva. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós -Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, 2017. Inclui referências. F.104 – 107.</p> <p>1. Livro didático – Português. 2. Gênero– Masculino e feminino. 3. Memoráveis. I. Silva, Adilson Ventura da. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós - Graduação em Linguística.</p> <p style="text-align: right;">CDD: 371.32</p>

Catálogo na fonte: Cristiane Cardoso Sousa – CRB 5/1843
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Repeated scenes: meanings and memorable genres in the textbook.

Palavras-chave em inglês: Meanings. Memorable. Female and Male. Textbook.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca Examinadora: Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva (Presidente – Orientador); Prof. Dr. Jorge Viana Santos (UESB); Prof. Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães (UNICAMP)

Data da Defesa: 20 de fevereiro de 2017

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

FOLHA DE APROVAÇÃO**FLORISBETE DE JESUS SILVA****CENAS REPETIDAS: SENTIDOS E MEMORÁVEIS DE GÊNERO NO LIVRO DIDÁTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 20 de fevereiro de 2017.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva (Presidente)
Instituição: UESB

Ass.: 

Prof. Dr. Jorge Viana Santos.
Instituição: UESB

Ass.: 

Prof. Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães
Instituição: UNICAMP

Ass.: 

Ao meu Moreno, mais que um esposo, amigo e parceiro na minha caminhada acadêmica e na minha história de vida.

A Gustavo, meu filho, maior tesouro que possuo nesta vida.

Às minhas irmãs e irmãos, que a cada dia demonstram que lugar de mulher e de homem é marcado pela multiplicidade.

A Geovani, meu irmão-parceiro, cuja existência torna minha vida mais doce e serena.

AGRADECIMENTOS

A Deus, responsável pela força que me sustenta diariamente, e a todos aqueles que o auxiliam na gerência da energia de amor a mim direcionada, os quais muitas vezes me mantiveram de pé, em meio às vicissitudes.

A minha família inteira: pai, mãe, tia, irmãos, irmãs e sua descendência, exemplo de união e de força, de bondade e ternura.

Ao meu orientador, Adilson Ventura da Silva, por acreditar em meu projeto, pelos diálogos constantes, os quais me proporcionaram aprendizagem para a vida toda, por ter se tornado, nesse percurso, um grande parceiro, exemplo de pesquisador e profissional.

Ao Professor Jorge Viana Santos, profissional de tantos talentos, que carinhosamente se dedicou à leitura deste trabalho, trazendo contribuições valiosas no momento da qualificação.

À Professora Edvania Gomes da Silva, por me apontar os trilhos quando as “viagens discursivas” me levavam a outros caminhos, pelas valiosas contribuições na qualificação, as quais foram imprescindíveis para novas aprendizagens.

Ao Professor Eduardo Guimarães, por aceitar participar da banca de defesa.

Aos funcionários do PPGLin, pela atenção constante; especial carinho a Jonathan Lopes, pelas respostas aos meus questionamentos à distância.

Às meninas do PPGMLS, pelo carinho e café, nos dias de frio.

Aos colegas do Curso de Mestrado, pelo incentivo, carinho e acolhida.

A Geci Brito, Marcos Dutra e Ruan Caio, pelo afeto, apoio e acolhida em seu lar.

A Zezé e família, pelo auxílio e carinho a todo instante.

A Wander Caires Lima, pelos diálogos sobre Gênero.

A Neilton Castro da Cruz, pelo socorro na madrugada, quando eu voltava para casa, e pela tranquilidade transmitida, quando o barco parecia querer afundar.

Aos gestores do Colégio Municipal Professor Álvaro Henrique Santos (Edvaldo Oliveira, Jeremias Macedo e Regina Fontana), pela mão estendida nos momentos difíceis.

A todos os meus amigos, pelo incentivo diante do cansaço que, às vezes, parecia não ter fim.

RESUMO

Esta pesquisa analisa os sentidos do feminino e do masculino no Livro Didático *Português: Linguagens* (2012), dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, destinado aos anos finais do Ensino Fundamental, com o objetivo de compreender como se constituem o ser homem e o ser mulher nos discursos inseridos neste recurso pedagógico, especificamente aqueles que se apresentam nas propostas de atividades e sugestões de respostas apresentadas pelos autores. Visa, também, identificar a que memoráveis esses discursos remetem, se àqueles atrelados a acontecimentos políticos da sociedade patriarcal brasileira, retratados por relatos de viajantes e pesquisas organizadas por Mary Del Priore (2006), ou àqueles ligados a acontecimentos políticos que retratam a luta feminina por direitos sociais e políticos, bem como as discussões referentes à teoria de Gênero, apresentadas nesta pesquisa pelas pesquisadoras Judith Butler (2015) e Guacira Louro (2003a). O percurso metodológico consistiu na utilização da abordagem qualitativa, com análise fundamentada pela Semântica do Acontecimento, uma construção teórica desenvolvida por Eduardo Guimarães (1989; 2005a; 2005b; 2007b; 2012b), que entende a enunciação como uma prática política que instala o conflito no centro do dizer, e auxilia na compreensão de que a constituição do sentido é histórica, e que a relação do sujeito com a língua ocorre no acontecimento. O trabalho mostra a relevância das discussões sobre gênero na sociedade, principalmente no que diz respeito aos papéis assumidos por mulheres e homens, assunto ainda atravessado por estereótipos marcados pelo preconceito, discriminação e discursos que legitimam a desigualdade, principalmente no que concerne aos direitos políticos e sociais.

PALAVRAS-CHAVE

Sentidos. Memoráveis. Feminino e Masculino. Livro Didático.

ABSTRACT

This research analyzes the female and male meanings the Textbook *Português: Linguagens* (2012), authors William Roberto Cereja and Thereza Cochar Magalhães, for the final years of primary school, in order to understand how they are being man and being a woman in the speeches included in this educational resource, specifically those that present the proposals of activities and suggested answers put forward by the authors. It also aims to identify that memorables these discourses refer, to those linked to political events of the Brazilian patriarchal society, portrayed by travelers reports and surveys organized by Mary Del Priore (2006), or those linked to political events that depict the female struggle for social and political rights, as well as discussions related to gender theory, presented in this study by researchers Judith Butler (2015) and Guacira Louro (2003a). The methodological approach was the use of qualitative approach, with reasoned analysis of the Semantics of the Event, a theoretical construct developed by Eduardo Guimarães (1989; 2005a; 2005b; 2007b; 2012b), who understands the enunciation as a political practice that installs the conflict at the center of saying, and assists in the understanding that constitution of meaning is historical, and the subject's relation to the language occurs in the event. The work shows the importance of discussions on gender in society, particularly with regard to the roles played by women and men, subject still crossed by stereotypes marked by prejudice, discrimination and speeches legitimizing inequality, especially with regard to political rights and social.

KEYWORDS

Meanings. Memorables. Female and Male. Textbook.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: O OBJETO, O CORPUS, O PERCURSO METODOLÓGICO	9
2 SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS PARA A COMPREENSÃO DE SENTIDOS NAS QUESTÕES DE GÊNERO	14
2.1 A SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO E A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DO SENTIDO	14
2.1.1 Designação, reescrituração e articulação: relações linguísticas de sentido no acontecimento	18
3 SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO E A HISTÓRIA DE GÊNERO: CRUZANDO DISCURSOS PARA SE COMPREENDER SENTIDOS	25
3.1 HISTÓRIAS DE MULHERES E HOMENS: UM ESPAÇO POLÍTICO-ENUNCIATIVO	25
3.1.1 O que nos diz o <i>corpus</i>	26
3.1.1.1 Análise dos recortes.....	28
3.2 CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	48
4 O ACONTECIMENTO POLÍTICO DE GÊNERO E SUAS CONCEPÇÕES DO SER HOMEM E DO SER MULHER	50
4.1 MOVIMENTOS FEMINISTAS: UM ACONTECIMENTO POLÍTICO DE CONFLITOS E MUDANÇAS.....	50
4.1.1 Conhecendo o <i>corpus</i>	55
4.1.1.1 O sentido do feminino e do masculino, em Butler	56
4.1.1.1.1 O sentido do feminino e do masculino, em Louro.....	61
4.2 CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	72
5 O LIVRO DIDÁTICO: UM ESPAÇO POLÍTICO DE CONTENDAS.....	74
5.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O LIVRO DIDÁTICO.....	74
5.1.1 Conhecendo o objeto de análise.....	75
5.1.1.1 Análise dos recortes.....	76
5.2 CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	98
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS	103

1 INTRODUÇÃO: O OBJETO, O CORPUS, O PERCURSO METODOLÓGICO

A língua é constituída pelos acontecimentos e, assim, está definitivamente exposta a eles, mas ao mesmo tempo se apresenta, enquanto simbólico, como num presente constante, no qual ela se mostra sempre a mesma, mesmo que se modifique todo o tempo, porque funciona no acontecimento.

Eduardo GUIMARÃES (2008, p. 96)

O século XXI traz uma nova configuração para as questões acerca dos sentidos referentes a homens e mulheres, e isso se deve a acontecimentos políticos que vêm ocorrendo ao longo dos séculos, intensificando-se inicialmente na Europa e alcançando depois a América, com discussões voltadas para a urgência de se desenvolver políticas sociais em prol da visibilidade feminina, dentre elas aquelas que dessem às mulheres o direito de votar, de assumir uma profissão remunerada e de tê-la valorizada na mesma proporção que os homens, de terem seus direitos políticos e sociais respeitados.

No espaço político brasileiro essa discussão tomou fôlego apenas no século passado, no final da década de 1960, quando mulheres e uma minoria masculina, influenciados pelos resultados desses movimentos, iniciaram manifestações que colocavam em pauta o combate à discriminação, à segregação social e política, ao silenciamento daqueles até então considerados como invisíveis, em sua maioria mulheres.

As primeiras discussões acerca de gênero fazem parte desses acontecimentos políticos, possibilitando um novo olhar sobre os movimentos, dando-lhes novos sentidos, uma vez que ampliam os suportes utilizados para as manifestações, somando-se às marchas e aos protestos públicos também os meios de comunicação impresso, os debates nas universidades, os estudos da mulher. Tais estudos dão origem à teoria pós-estruturalista de gênero, compreendido por pesquisadoras como Scott (1989), Butler (2015) e Louro (2003a), como constituinte das identidades dos sujeitos, estas marcadas pela multiplicidade, pela contradição e pela instabilidade. E, por constituir essas identidades, o gênero abrange também a etnia, a classe social, a sexualidade.

Como as identidades de gênero não são fixas, transformam-se continuamente, os sujeitos, em suas relações sociais, agenciados por acontecimentos políticos atravessados por diferentes modos de dizer, vão sendo construídos como masculinos e femininos, falando de lugares sociais distintos, o que pode resultar na reconfiguração de sentidos que constituem o ser homem e o ser mulher.

Pensando nesse processo de construção de sentidos pelos diferentes modos de dizer, é que nos interessamos pelo Livro Didático, por entendermos que o mesmo é um espaço de

debates, nele se instaura uma enunciação que remete a acontecimentos políticos marcados pela multiplicidade de dizeres. Nesse sentido, acreditamos que as questões referentes a gênero seriam um acontecimento político que possivelmente não ficaria de fora.

Assim, nos propusemos a investigar o sentido do masculino e do feminino no livro didático *Português: Linguagens* (2012), dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, destinado aos anos finais do Ensino Fundamental, objetivando compreender como se dão as relações no espaço de enunciação, que é um espaço político, representado pelos referidos autores, a partir da análise do memorável que ali se apresenta e da análise dos sentidos produzidos pelos textos ilustrativos, pelos enunciados construídos nas propostas de exercícios e pelas sugestões de respostas apresentadas ao professor.

A fim de entender a que memoráveis remetem o *corpus* supracitado, estabelecemos como objetivos específicos, analisar como se instituem os sentidos do ser homem e do ser mulher em textos históricos que retratam o espaço político brasileiro até a primeira metade do século XX, e na teoria pós-estruturalista de gênero, desenvolvida na segunda metade do referido século.

A investigação foi norteada por uma questão principal, a saber: Quais os sentidos que o masculino e o feminino possuem no livro didático de Língua Portuguesa, e que efeitos são produzidos por esses sentidos? Levantamos duas hipóteses no início da pesquisa, que se resumem numa única: que os enunciados do livro didático poderiam demonstrar tanto lugares sociais defensores do respeito à diversidade, quanto aqueles reiteradores da desigualdade no que se refere ao gênero.

Os motivos que nos levaram à escolha dessa coleção¹ se deve ao fato da mesma ocupar o primeiro lugar no *ranking* de solicitações no portal do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), no ano de escolha do Livro Didático (2012), além de receber parecer positivo dos avaliadores do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), os quais apontam a formação cultural e cidadã como duas das características principais dos quatro exemplares (*Português: Linguagens 6º ano; Português: Linguagens 7º ano; Português: Linguagens 8º ano; Português: Linguagens 9º ano*).

O percurso metodológico que utilizamos envolveu uma abordagem qualitativa, por ela se preocupar mais com a intensidade do que com a extensão dos fatos, pois seu objetivo é a interpretação destes. Desse modo, as informações são muito mais que um mero objeto de

¹ Trata-se da coleção distribuída para utilização nos anos de 2014, 2015 e 2016.

análise, elas estão carregadas de dizeres cujos sentidos precisam ser compreendidos (MINAYO, 2007).

O primeiro passo foi nos debruçarmos sobre a teoria que fundamenta esta investigação, a Semântica do Acontecimento, uma construção teórica desenvolvida por Guimarães (1989; 2005a; 2005b; 2007b; 2012b), a qual conceitua a enunciação como uma prática política que instala o conflito no centro do dizer e afirma que a constituição de sentido é histórica e que a relação do sujeito com a língua ocorre no acontecimento. Este nos possibilita analisar a língua acontecendo na relação com seus falantes, os sentidos ali sendo formados e transformados, entrando num processo conflituoso de divisão e redivisão.

Como a referida teoria apresenta amplas possibilidades de discussão, optamos por fazer alguns recortes. Assim, utilizamos nesta pesquisa o conceito de designação, pela qual o real é significado na linguagem, mas essa projeção não se dá de forma direta, sua produção ocorre mediante relação entre as palavras, resultando na construção de sentidos. E ainda, tomamos os procedimentos de reescrituração e articulação, os quais estabelecem o Domínio Semântico de Determinação (DSD), definido por Guimarães (2007b) como o procedimento que explica como funciona o sentido da palavra no texto, mediante a relação enunciativa que ela mantém com outras palavras que ali também estão funcionando.

Compreendida a base da teoria, decidimos iniciar um trabalho paralelo de leitura do Livro Didático, página a página, visando à identificação de enunciados relacionados ao nosso objeto de estudo, *os sentidos do masculino e do feminino*. Nesse momento, criamos critérios para nos auxiliar na seleção de excertos a serem analisados: a presença de elementos linguísticos como *homem/homens*, *mulher/mulheres*, feminino, masculino e seus determinantes, nomes próprios relacionados a pessoas, bem como designações atreladas à etnia. Para organizar os dados da leitura, foi elaborada uma ficha catalográfica, onde registramos os enunciados, o livro e a página, bem como as sessões ou tópicos, questões e alternativas onde estavam inseridos.

Refletindo sobre a teoria em estudo e os dados obtidos no *corpus*, pensamos que o diálogo ficaria mais enriquecedor se tentássemos identificar a que memoráveis remetem os enunciados dos excertos selecionados, se àqueles que mostram a desigualdade de direitos entre homens e mulheres, ou àqueles que apontam para novas configurações em relação aos sentidos referentes a eles e a elas.

Diante disso, decidimos analisar *o sentido do masculino e do feminino* também em *corpus* que retratasse a história de mulheres e homens no Brasil, suas lutas e conquistas. Assim, optamos pela construção de um capítulo onde analisamos relatos de viajantes e de

pesquisas que compõem a obra *História das Mulheres no Brasil*, organizada pela historiadora Mary Del Priore (2006), e outro onde analisamos a obra *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, da pesquisadora feminista Judith Butler (2015), e *Gênero Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*, da professora Guacira Lopes Louro (2003a), autoras que têm influenciado os debates referentes à teoria pós-estruturalista de gênero no espaço político brasileiro.

A ideia de analisar os relatos de viajantes surgiu enquanto era lida a obra *História das Mulheres no Brasil* (2006), onde tais relatos aparecem como citações diretas e indiretas, nos chamando a atenção por apresentarem locutores falando de lugares sociais marcados pelo preconceito em relação a identidades de gênero. Assim, cada vez que nos deparávamos com uma citação que considerávamos interessante para nossa pesquisa, anotávamos o nome do autor e buscávamos a referência nas notas que aparecem ao final de cada capítulo do livro. Desse modo, ao terminarmos a leitura já tínhamos uma lista com os dados a serem pesquisados. Esses dados nos levaram aos documentos *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, de Gabriel Soares de Souza(1851), e *Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*, de Maria Graham (LACOMBE, 1956)².

Após essa primeira fase da pesquisa, decidimos escrever os dois primeiros capítulos, objetivando o exercício para a compreensão da Semântica do Acontecimento e sua proposta de análise. Assim, escrevemos **Semântica do Acontecimento: pressupostos teóricos para a compreensão de sentidos nas questões de Gênero**, onde apresentamos a teoria de Guimarães (1989; 2005a; 2005b; 2007a; 2007b; 2009; 2011a; 2011b; 2012a; 2012b), e **Semântica do Acontecimento e a História de Gênero: cruzando discursos para se compreender sentidos**, momento em que iniciamos a análise semântica dos excertos, que denominamos recortes, nesta pesquisa, selecionados da obra e dos documentos anteriormente referendados (DEL PRIORE, 2006; SOUZA, 1851; GRANHAM/LACOMBE, 1956). Para melhor organização da análise neste segundo capítulo, optamos por agrupar os recortes em quatro temáticas, cuja apresentação encontra-se na introdução do mesmo.

Mais próximos da teoria base, pelo exercício na elaboração dos dois capítulos, passamos para o passo seguinte, que consideramos o mais desafiador, uma vez que tivemos que analisar os sentidos do feminino e do masculino em obras mais complexas, por tratarem da construção do conceito de gênero, ao mesmo tempo em que tentam desconstruir concepções que iniciaram o processo de discussão acerca do assunto. Assim, nos lançamos à

² O referido diário foi traduzido por Américo Jacobina Lacombe.

leitura de *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* (BUTLER, 2015), e já no prefácio percebemos que o trabalho seria árduo, pelo fato de a autora construir sua tese fazendo uma análise crítica de teorias estruturalistas, psicanalíticas e da sexualidade, o que nos exigiu uma atenção redobrada para identificar quais eram as suas discussões e quais as concepções dos pesquisadores com os quais dialoga, a exemplo de Saussure, Lacan, Freud, Riviere, Kristeva, Foucault, dentre outros. Nesse sentido, dos três capítulos que compõem a obra, apenas o primeiro nos apontou a possibilidade de seleção dos enunciados, por apresentar uma discussão da própria autora, acerca das questões de gênero.

Em relação a *Gênero Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista* (LOURO, 2003a), o trabalho foi menos árduo, e nessa obra conseguimos selecionar a maior parte dos recortes analisados no capítulo terceiro, intitulado **O acontecimento político de gênero e suas concepções do ser homem e do ser mulher**, onde analisamos *os sentidos do masculino e do feminino* instituídos pela teoria pós-estruturalista de gênero, representada pelas duas pesquisadoras ora referenciadas.

Construído o terceiro capítulo, debruçamo-nos novamente sobre o Livro Didático, repassando as páginas, a fim de verificar se não havíamos deixado algum enunciado para trás. Após essa segunda análise, partimos para a construção do quarto capítulo, **O livro didático: um espaço político de contendas**, onde analisamos os enunciados apresentados como propostas de exercícios e como sugestão de respostas, pelos autores, além de dois anúncios publicitários utilizados com a finalidade de trabalhar questões referentes à estrutura da língua.

Nesse momento, analisamos, ao todo, 24 recortes, organizados também por temáticas, as quais representam um número de oito, e são especificadas na introdução do referido capítulo.

Por fim, tecemos as **Considerações Finais**, onde discutimos os resultados da pesquisa, apresentando reflexões sobre os mesmos, apontando para outros caminhos que podem tornar esta investigação o início de uma longa caminhada rumo a novos conhecimentos.

2 SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS PARA A COMPREENSÃO DE SENTIDOS NAS QUESTÕES DE GÊNERO

Enunciar é uma prática política, é a compreensão de que o sentido se constitui historicamente, e que é no acontecimento que se dá a relação do sujeito com a língua.

Eduardo GUIMARÃES (2005a)

Neste capítulo discutiremos os preceitos da Semântica do Acontecimento, construção teórica que subsidiará nossas análises sobre os sentidos do masculino e do feminino nos textos escolhidos para compor o corpus da pesquisa.

2.1 A SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO E A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DO SENTIDO

A Semântica do Acontecimento (doravante SA), desenvolvida por Eduardo Guimarães e sua equipe de pesquisa, é uma construção teórica que designa a enunciação como uma prática política que instala o conflito no centro do dizer, constituindo-se pela contradição entre a normatividade das instituições sociais que organizam desigualmente o real e afirmação de pertencimento dos não incluídos.

Apesar de se filiar à tradição francesa de estudos da enunciação, a SA desloca tais estudos e assume posições diferentes, considerando a história e o político na definição do acontecimento enunciativo. Assim, concebe a enunciação como um acontecimento sócio-histórico, onde se dá a relação do sujeito com a língua, e deve acontecer num espaço em que haja possibilidade de se pensar como o sentido se constitui historicamente (GUIMARÃES, 2007a).

O acontecimento não é um fato no tempo, por isso não pode ser pensado numa sequência temporal linear, em que há uma marcação de um passado e de um futuro. É o acontecimento que instala a sua temporalidade, na qual o passado não é representado pelo antes, e sim pelo memorável, um recorte realizado pelo acontecimento, originando, a partir daí, a latência do futuro (GUIMARÃES, 2005a; SILVA, 2012).

Segundo Machado (2011, p. 48), o memorável é

uma rememoração de sentidos recortada no e pelo acontecimento enunciativo. Não é o “todo” já-dito, mas uma memória de sentidos que é recortada na relação com o presente do acontecimento, projetando um futuro na forma de interpretação. O

memorável depende, portanto, da temporalização realizada pelo acontecimento do dizer. Ele é assim definido pelo presente da enunciação e pela futuridade, isto é, pela interpretação possível que esse passado de enunciações pode ter, dependendo do presente.

A temporalidade configura-se por um presente que se abre para uma latência de futuro, esta compreendida como as diversas possibilidades de interpretação. E é essa futuridade que possibilita o acontecimento da linguagem, é nessa projeção para o futuro que tal acontecimento significa, uma vez que abre o lugar dos sentidos. Presente e futuro são constituídos de significados por um memorável recortado do passado, por um acontecimento. Esse passado não é uma lembrança individual, mas rememoração de enunciações, pois se apresenta como parte de uma nova temporalização, assim como a futuridade. Desse modo, o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um espaço novo onde os tempos convivem, criando condições para o sentido, para o acontecimento da linguagem e para a enunciação (GUIMARÃES, 2005a).

É o acontecimento que, por ser constituído de um passado de sentido relacionado com o presente, faz com que os enunciados, entendidos como elementos que integram um texto e que significam para além das situações empíricas, tenham significados diferentes. No acontecimento, os sentidos significam algo do real, se formam e se transformam em outros sentidos, dividem-se, entram em conflito, e é esta situação conflituosa que o torna político (GUIMARÃES, 2005a; MACHADO, 2011; SILVA, 2012).

Guimarães assevera que, embora a enunciação seja marcada pelas condições sócio-históricas, não se pode considerar a história pelo caráter temporal, tampouco pensar a língua apenas como um sistema que oferece as formas que estabelecem as regras para as relações sociais. O acontecimento enunciativo expõe o repetível ao novo, marcando o encontro do já dito com os sentidos produzidos na enunciação. E esse processo de produção de sentidos constitui a história, como memória, e o social, que possibilita pensar a língua em funcionamento (GUIMARÃES, 1989).

Nesse sentido, continua o autor, a enunciação é um acontecimento histórico perpassado pelo interdiscurso, este compreendido como espaço de memória no acontecimento. Nesse processo, o interdiscurso contribui para o funcionamento da língua, afetando-a pela posição do sujeito no discurso. Assim, a enunciação é marcada pela dispersão produzida por sua relação com o interdiscurso (GUIMARÃES, 2005a; 2015).

Ao utilizar o conceito de interdiscurso, Guimarães dialoga com estudos realizados por Orlandi (2005, p. 31), para quem o interdiscurso é “o saber discursivo que torna possível todo

dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”.

De acordo com o autor, o interdiscurso aparece no texto mediante as posições enunciativas do sujeito, o qual assume como seu o dizer que, por direito, pertence ao interdiscurso. Este se constitui pela relação entre os discursos, e essa relação é responsável pela sua constituição e particularização. Tais discursos não são definidos antecipadamente, organizados de forma intencional, eles são histórica e linguisticamente definidos, movimentando a língua como memória. Sendo assim, há uma dispersão de posições de sujeito. Ocupar uma posição de sujeito é dividir-se entre saber sobre si mesmo e o que é dito na enunciação. Ao fazer funcionar a língua, o interdiscurso constitui o sujeito e o sentido (GUIMARÃES, 2005b; 2011a).

É do interdiscurso que é recortado o memorável. Estese constitui a partir das relações com o político, uma vez que só se poderá enunciar a partir do lugar em que se está, dizer de determinada forma e não de outra. As palavras podem apresentar mais de um memorável a ser recortado, o que significa que, dependendo do recorte, o sentido será um, não outro; daí existirem mais de uma possibilidade de interpretação para o mesmo enunciado (GUIMARÃES, 2005a; SILVA, 2012).

Ao discutir sobre as figuras da enunciação, Guimarães (2005a, p. 15-16) afirma que o sujeito/falante torna-se uma figura política ao assumir a palavra, por estar constituído pelos espaços de enunciação, designados como espaços políticos. O político, aqui, é entendido como “algo que é próprio da divisão, que afeta materialmente a linguagem, o acontecimento da enunciação”. Ele é o “fundamento das relações sociais, no que tem importância central a linguagem”. E o autor acrescenta que:

O político, ou a política, é para mim caracterizado pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos. Desse modo, o político é um conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento [...] o político é incontornável porque o homem fala. O homem está sempre a assumir a palavra por mais que esta lhe seja negada (GUIMARÃES, 2005a, p. 16).

Sendo assim, o político deve ser pensado como o que “produz estabilidade, reforça discrepâncias e exclusões, mas também é o que permite o movimento, a inclusão e a produção de condições de igualdade, segundo o modo como se dá o embate das forças em jogo” (OLIVEIRA, 2014, p. 45).

Esse embate de forças ocorre porque os espaços de enunciação “são espaços habitados por sujeitos divididos por seus direitos de dizer e aos modos de dizer”. São espaços de conflito, onde os papéis sociais dos sujeitos são redivididos. Nesse sentido, enunciar é estar na língua em funcionamento, no acontecimento e pelo acontecimento (GUIMARÃES, 2005a, p. 18).

Os modos específicos de acesso à palavra são constituídos pela cena enunciativa, um espaço particular, onde os lugares de enunciação no acontecimento são distribuídos. Esses lugares “são configurações específicas do agenciamento enunciativo para aquele que fala e aquele para quem se fala, que não são pessoas donas do seu dizer, mas lugares constituídos pelos dizeres” (GUIMARÃES, 2005a, p. 23). Tais lugares são representados pelo Locutor (com L maiúsculo), responsável pelo dizer, pelo locutor *x* (com l minúsculo), que fala de um lugar social, e pelo enunciador, identificado pelo lugar de onde diz algo (GUIMARÃES, 2011a).

O Locutor não tem acessibilidade ao que enuncia, por não estar inserido na significação da enunciação. Assim, divide-se no acontecimento, porque falar, enunciar, pelo funcionamento da língua no acontecimento, é falar enquanto sujeito. Nesse processo de representação do que enuncia, é necessário que haja um desprendimento de si mesmo, tornando-se um lugar social, representado pelo locutor *x*. E é esse lugar de locutor *x* (locutor-homem, locutor-mulher, por exemplo), que o autoriza a dizer algo de certo modo e em certa língua (GUIMARÃES, 2005a).

Ainda segundo Guimarães, o Locutor desconhece a marca do lugar de onde fala. Isso ocorre quando o eu aparece no dizer, apagando o lugar social, ignorando que *fala em uma cena enunciativa*. Nesse sentido, os lugares de dizer são chamados de enunciadores, apresentados como individual, genérico, universal e coletivo.

O enunciador-individual desconhece que fala de algum lugar, imagina “que está acima de todos, independente da história” (*Eu não faço tarefas de mulher/Eu não assumo responsabilidades de homem*, por exemplo). O genérico simula ser responsável pelo dizer, embora este seja a representação de um coletivo (ditos populares, por exemplo). O dizer não é só seu, é de todos, por isso ele se torna uma parte da coletividade. Todavia, “se mostra como um indivíduo que escolhe falar tal como outros indivíduos, uma outra forma de se apresentar como independente da história”. O enunciador-universal enuncia de um lugar tido como sendo verdadeiro ou falso, próprio do dizer científico, apesar de não ser exclusividade dele. Também apresenta um lugar de dizer “não social, acima da história, de onde se diz sobre o mundo” (GUIMARÃES, 2005a, p. 25-26). Já o enunciador-coletivo representa a voz de

todos como uma única voz, está “ligado a um lugar, diríamos, corporativo, de um conjunto, que o dizer apresenta como um todo específico” (GUIMARÃES, 2012a, p. 193).

Guimarães (2012b, p. 46-47) discute, ainda, que a relação do leitor/analista de um texto também é um lugar constituído pela cena enunciativa, uma vez que “a interpretação não se faz a partir de um lugar das motivações pessoais, mas de um lugar social”. Desse modo, o leitor é agenciado enquanto alocutário, cuja relação com o texto se dá no presente e no futuro, já que “o futuro é, no acontecimento, o tempo da interpretação”.

Todas essas considerações de Guimarães são de extrema relevância para esta pesquisa. Contudo, seguindo o que defende Zoppi-Fontana (2012), sobre a importância de se observar os detalhes, para melhor estruturar os procedimentos de descrição e análise do *corpus*, utilizaremos um recorte da teoria, as categorias analíticas denominadas designação, reescrituração e articulação.

2.1.1 Designação, reescrituração e articulação: relações linguísticas de sentido no acontecimento

Segundo Guimarães (2007b), a designação é uma relação linguística constituída de sentidos construídos no acontecimento, através da qual o real é significado na linguagem, mas essa projeção não se dá de forma direta, sua produção ocorre mediante relação entre as palavras, resultando na construção de sentidos. Esse real não é representável no seu todo, mas constituído como realidade diferente, projetada por determinada posição-sujeito na e pela enunciação. Por isso, embora o funcionamento da designação ocorra sob o efeito da estabilidade, ela é marcada pela instabilidade.

Pela designação, os nomes são significados, mas não enquanto algo abstrato. Essa significação ocorre mediante a relação linguística simbolicamente remetida ao real, tomada na história (GUIMARÃES, 2005a). Desse modo, um nome é designado não a partir do seu sentido denotativo, mas pela relação de sentidos que ele estabelece com outros nomes, em um acontecimento enunciativo (GUIMARÃES, 2012b).

Para Souza (2011, p. 28), a designação é um processo “histórico-enunciativo, em que o sentido é determinado pelas condições sociais de sua existência”. Assim, continua a autora, ela representa o político, já que fundamenta as relações sociais presentes na linguagem, refere-se a objetos levando em conta os seus sentidos, e não a sua *relação de existência no mundo*. Esses sentidos não são “determinados pelo indivíduo, mas pelo funcionamento do

interdiscurso, e significam enunciativamente pelos indivíduos ao ocuparem uma posição de sujeito no acontecimento” (SOUZA, 2011, p. 44).

Para melhor compreender esse processo, analisemos um *post* do *blog* da cearense Gisele Castro:



Não nasci pra ser Amélia(CASTRO, s/d.).

Se analisarmos o nome *Amélia*, sem uma ligação com um acontecimento histórico, é possível dizer que ele representa apenas um nome feminino comum, já que existem tantas *Amélias* espalhadas pelo Brasil. Contudo, a negação presente neste enunciado aponta para sentidos funcionando em outra direção, os quais indicam uma “relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real” que faz com que o nome *Amélia* “funcione como elemento das relações sociais que ajuda a construir e das quais passa a fazer parte” (GUIMARÃES, 2003, p. 54).

Nesse sentido, ser *Amélia* no Brasil, para alguns homens e algumas mulheres, é ser submissa, é ter o espaço doméstico como o lugar principal de atuação. E essa relação de sentidos se institui porque esse nome remete ao memorável daquela *Amélia que era mulher de verdade*, a que *passava fome* ao lado do companheiro e até *achava bonito não ter o que comer*. A mulher que foi homenageada na composição de Mario Lago e Ataulfo Alves, *Ai que saudade da Amélia* (1942), interpretada por Roberto Carlos. Um outro memorável encontra-se em alguns dicionários, nos quais o sentido de *Amélia* está atrelado ao espaço privado, a exemplo de *mulher meiga e serviçal* (PRIBERAM, 2006); *mulher que passa o dia inteiro em casa, lavando, cozinhando e outras coisas do gênero* (INFORMAL, 2006).

Desse modo, o nome negado no enunciado da cearense não é apenas a identificação de uma mulher, ele está ligado a um acontecimento político constituído por sentidos que apontam lugares sociais marcados por estereótipos³.

No que diz respeito à reescrituração, Guimarães a concebe como “o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito, fazendo interpretar uma forma como diferente de si”. É a reescrituração que “coloca em funcionamento uma operação enunciativa fundamental na constituição de sentido de um texto”. A esta operação dá-se o nome de predicação, não a da sentença, mas aquela em que, “no fio do dizer, uma expressão se reporta a outra, pelos mais variados procedimentos, dentre eles a repetição, a substituição, a elipse, a expansão, a condensação e a definição” (GUIMARÃES, 2007b, p. 84).

Para ilustrar esses procedimentos, apresentaremos um excerto de um jornal que circulou no período de 1910 a 1960.

Você e seu lar

Se bem que a mulher já tenha transposto os limites de sua completa emancipação, um grito enérgico, que vem do fundo, do subconsciente saindo lhe diz: “O lugar da mulher é no Lar.” Portanto, amigas, agora que o alto nível de vida nos obriga a ombrear com os homens para o custeio de nossas famílias, podemos procurar uma profissão a ser exercida dentro de casa. Por isso, trazemos, hoje, uma sugestão para aquelas que apreciam o tricô, tão em moda, atualmente (JORNAL DAS MOÇAS, 07 de janeiro de 1960, p. 14, edição 02325).

O título do enunciado é uma *reescrituração por condensação*, já que resume a ideia apresentada pelo locutor-jornalista, em todo o texto, acerca do papel que deve ser exercido pela mulher.

Após a afirmação de que “*Lugar de mulher é no Lar*”, os enunciados aparecem reescriturados pelo procedimento da *expansão*, uma vez que o locutor-jornalista amplia o já dito, ao dizer que o alto nível de vida obriga as mulheres a buscarem a igualdade com os homens, o que remete à emancipação citada no início do texto, e ao apresentar uma profissão que pode ser realizada *dentro de casa*, reportando-se ao *lugar da mulher*.

A *reescrituração por definição* está presente tanto na afirmação que define o lugar do feminino (*Lugar de mulher é no lar/ lugar de mulher é dentro de casa*), quanto na indicação

³Corroboramos a discussão de Tomaz Tadeu da Silva, de que estereótipo é uma “opinião extremamente simplificada, fixa e enviesada sobre as atitudes, comportamentos e características de um grupo cultural ou social que não aquele ao qual se pertence”. Ver *Teoria cultural e educação – Um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

de uma das profissões que podem ser exercidas pela mulher (... *profissão a ser exercida dentro de casa.../... tricô, tão em moda, atualmente*).

O pronome de tratamento que inicia o título do texto marca uma reescrituração por substituição, uma vez que se refere à *mulher*, palavra apresentada nos enunciados seguintes. O mesmo pode se dizer sobre o substantivo *amigas* e o pronome demonstrativo *aquelas*, que também podem ser considerados como uma *elipse*, já que neles se omite a alocutária principal, para quem a mensagem está direcionada: a mulher. Um outro exemplo de *reescrituração por substituição* está na utilização da sinonímia, quando se substitui a palavra *lar*, por *casa*.

Por fim, a *repetição*, que se apresenta parcialmente na afirmação de que a mulher deve escolher uma profissão que possa desenvolver *dentro de casa*, retomando, assim, o enunciado defendido no início do texto: *Lugar de mulher é no lar*.

É relevante ressaltar que, embora os elementos do excerto em análise estejam ligados entre si, não quer dizer que apresentam o mesmo sentido. Um exemplo disso é o substantivo *amigas*, que substitui a palavra *mulher*, mas com um sentido diferente. Ao escrever a expressão *a mulher*, o locutor parece ocupar um lugar que generaliza as alocutárias, ou seja, a mensagem está direcionada a todas as mulheres, chamando a sua atenção para que não esqueçam o seu verdadeiro lugar, o lar. Já ao utilizar o substantivo *amigas*, parece falar de um lugar que tenta atenuar o dizer, frente ao acontecimento político feminista que tomava força no mundo, cujas ideias já começavam a fazer parte de discussões no Brasil, incentivando as mulheres a lutarem por seus direitos, dentre eles o de trabalhar no espaço público, bem como o de ter esse trabalho valorizado.

Outro exemplo de reescrituração com sentidos diferentes, dentre tantos outros que aparecem no referido excerto, diz respeito aos substantivos *lare casa*. O primeiro está relacionado com a família, com os valores e princípios; o segundo refere-se à construção destinada a nos abrigar. Desse modo, é possível dizer que, ao substituir *lar* por *casa*, o locutor fala de um lugar cuja enunciação reforça a ideia de que o trabalho feminino está no espaço doméstico, não no espaço público, além de reiterar que o desequilíbrio do lar (família) é consequência da ausência feminina.

Tais exemplos vão ao encontro do que diz Guimarães (2007b), quando afirma que a reescrituração liga elementos de um texto com outros inseridos no mesmo texto, e ao retomar um elemento, este já não apresenta o mesmo sentido. Através dela, a enunciação de um texto rediz aquilo que já foi dito, significando o seu presente na temporalidade do acontecimento,

atribuindo sentidos diferentes ao reescriturado. Tais sentidos são constituídos na relação entre as expressões do texto, não no funcionamento do enunciado, apenas.

Como afirma Machado (2011, p.115), a reescrituração não está atrelada apenas ao funcionamento sintático, ela também depende das relações de sentido que são historicamente constituídas, determinando “um nome por sobre os limites das orações, para além dos limites do enunciado”.

Já no procedimento de articulação as relações semânticas são estabelecidas pela forma como os elementos lingüísticos dão sentido a outros elementos em sua proximidade, mediante agenciamento enunciativo. Ela pode ocorrer de três modos distintos: *por dependência*, *por coordenação* e *por incidência*. Na primeira, “os elementos contíguos se organizam por uma relação que constitui, no conjunto, um só elemento”; na segunda, há uma tomada de elementos de mesma natureza, os quais são organizados “como se fossem um só da mesma natureza de cada um dos constituintes”; e na última, ocorre uma relação “entre um elemento da mesma natureza e outro de outra natureza, de modo a formar um novo elemento do tipo do segundo” (GUIMARÃES, 2009, p. 51).

Para melhor compreender esta questão, analisaremos três recortes. O primeiro faz parte de uma das pesquisas que nos auxiliam nas discussões acerca de acontecimentos políticos ocorridos no período colonial brasileiro. Os demais fazem parte do nosso *corpus*.

R1: Toda **ahistória da humanidade**⁴, até período recente, foi escrita pelos homens (PRIORE; AMANTINO, 2013, p. 9).

R2:[...] no ano seguinte, várias órfãs, de família nobre, foram mandadas para casarem-se com os funcionários, **com dotes representados por negros, vacas e éguas** (GRAHAM, 1956, p. 15).

R3: O viajante Carl Seidler dizia que a igreja era o teatro habitual de todas as aventuras amorosas na fase inicial, a mais ardente da sua eclosão. **Só aí é possível ver as damas sem embaraço aproximarem-se diretamente e até cochicharem algumas palavras** [...] Enquanto se faz o sinal- da- cruz, pronuncia-se no tom da mais fervorosa prece a declaração de amor (ARAÚJO, 2006, p. 62).

No primeiro recorte temos uma articulação por dependência, uma vez que os elementos lingüísticos *a* e *da humanidade* estão vinculados ao elemento *história*, constituindo, assim, uma só unidade. Já no segundo, os elementos estão organizados como se fossem um só da mesma natureza, ou seja, todos são dotes. E o sentido apresentado pela coordenação, nessa cena enunciativa, cria a possibilidade de várias interpretações. Uma delas é

⁴ Os grifos apresentados nos três enunciados são nossos.

a de que o negro está na mesma categoria dos animais. O último recorte apresenta uma relação entre elementos de naturezas distintas, o que pode ser observado nas seguintes paráfrases: *As damas se aproximam sem embaraço. Até cochicham algumas palavras.* O *até* aponta para a incidência de um segundo elemento, caracterizado como novo, criando a possibilidade da seguinte interpretação: *Aproximar-se de um homem era menos escandaloso para uma dama, do que cochichar-lhe algumas palavras.*

As três cenas enunciativas corroboram as afirmações de Guimarães (2009, p. 52), quando o mesmo declara que nas articulações de dependência e coordenação, o acontecimento aponta para uma relação dos elementos do enunciado, que é realizada pelo Locutor. Diferentemente da articulação de incidência, na qual é apontada, pelo acontecimento, uma relação da enunciação do Locutor com o enunciado. Assim, continua o autor, “há diferentes operações enunciativas de articulação que produzem sentido pelo modo como uma forma é afetada pela outra pelo agenciamento enunciativo do acontecimento”.

Esses procedimentos analíticos (designação, reescrituração e articulação) nos levam ao Domínio Semântico de Determinação (doravante DSD), definido por Guimarães (2005a; 2007b) como o procedimento que explica como funciona o sentido da palavra no texto, mediante a relação enunciativa que ela mantém com outras palavras, ali também funcionando. Segundo o autor, para dizer o sentido de uma palavra é necessário estabelecer o seu DSD. Para isso, é preciso se atentar para o funcionamento da palavra no texto em que ela aparece, suas relações com as outras palavras que ali estão, pois são essas relações que constituem o seu sentido.

Para se descrever o sentido, deve-se considerar, primeiramente, a palavra na unidade de análise. Entende-se por unidade de análise, o enunciado em que as palavras ocorrem. É importante salientar que o enunciado deve estar integrado a um texto, seus elementos devem estar articulados, apresentando uma “consistência interna própria”, e é esta consistência que “dá a ele uma independência do texto do qual faz parte”. O significado do enunciado tem relação com “sua consistência interna e com sua independência relativa quanto ao texto”. Essa independência relativa é que vai apontar que determinado significado ocorre em virtude do texto em que a palavra está inserida (GUIMARÃES, 2007b, p. 83).

Para melhor ilustrar como se dá esse processo de análise, vamos retomar o segundo recorte aqui referenciado: “[...] várias órfãs, de família nobre, foram mandadas para casarem-se com os funcionários, **com dotes representados por negros, vacas e égua**”.

Analisando a operação enunciativa em destaque, é possível dizer que há uma designação apontando para o sentido de homens e mulheres de etnia africana na sociedade colonial brasileira, o que nos leva ao seguinte DSD:

dote negros	negros animais
Lê-se: determina ()	Lê-se: determinado ()

O DSD mostra que o elemento linguístico *negros* está articulado com elementos da mesma natureza, utilizados como moeda de comercialização: terras, objetos, vacas, éguas, dentre outros pertences dos interessados nesse processo. Assim, é determinado por *dote* e por animais, o que nos possibilita identificar a seguinte oposição:

negros	e	negros----- coisa, animais
seres humanos	também	funcionários----- homens
(—————)	Lê-se: oposição	(-----) Lê-se: sinônimo

A oposição nos faz pensar que o sentido da palavra *negros*, apresentado pelo DSD, remete ao memorável de que homens e mulheres de etnia africana foram excluídos da designação de gente, por vários séculos no Brasil. Assim, não sendo gente, não podiam ser tratados como seres humanos, como homens dotados de direitos, estes usufruídos pelos funcionários, por estes serem de etnia europeia ou descendentes desta. Homens livres, representantes da nação colonizadora.

A análise da cena enunciativa demonstra como o DSD apresenta elementos linguísticos que, em suas relações historicamente constituídas, determinam a palavra analisada, compondo sentidos para o enunciado supracitado, mostrando como a língua se movimenta, ao funcionar, nesse acontecimento enunciativo.

E assim analisaremos, nos próximos capítulos, os sentidos do masculino e do feminino nas discussões que perpassam o espaço político de gênero, trazendo como recorte alguns aspectos da história de mulheres e homens no Brasil, as discussões teóricas a partir da *terceira onda*⁵ dos movimentos feministas e os enunciados representados em livro didático.

⁵ Essa questão será discutida no terceiro capítulo.

3 SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO E A HISTÓRIA DE GÊNERO: CRUZANDO DISCURSOS PARA SE COMPREENDER SENTIDOS

Os sentidos se constituem pelo cruzamento de discursos, na relação com a história, tratada aqui como memória de sentidos, e com os sujeitos constituídos na e pela linguagem.

Eduardo GUIMARÃES (1995)

3.1 HISTÓRIAS DE MULHERES E HOMENS: UM ESPAÇO POLÍTICO-ENUNCIATIVO

As reflexões realizadas até aqui nos mostram que é possível pensar num diálogo entre a História de Gênero e a SA, compreendendo que esse diálogo é afetado pela exterioridade, constituindo sentidos diferentes, uma vez que os lugares sociais de onde se origina o dizer também são distintos.

O Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa designa gênero também como “a forma como se manifesta, social e culturalmente, a identidade sexual dos indivíduos” (FERREIRA, 2002, p. 345). Essa designação se aproxima do conceito apresentado pela teoria pós-estruturalista de gênero, que assim o define: “categoria que estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas” (BUTLER, 2015, p. 21); “todas as formas de construção social, cultural e lingüística, implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens” (MEYER, 2003b, p. 16).

É a partir desses acontecimentos enunciativos que falar de gênero, neste trabalho, é falar de um lugar social onde mulheres e homens são constituídos em sua relação com a língua, nos espaços políticos e socioculturais a partir dos quais são representados como sujeitos oriundos de diversas modalidades onde sentidos se cruzam, se dividem, redividem, se transformam, originando novas formas de dizer e de se poder dizer.

Pensar sobre a História de Gênero nos espaços de enunciação brasileiros é compreendê-la como um espaço político, uma vez que os embates em prol do acesso à palavra, do poder dizer e do que se pode dizer é marca das diversas cenas enunciativas que compõem esse acontecimento. Os sentidos de ser mulher e de ser homem passam por um processo contraditório em que inclusão e exclusão caminham juntas, ocorrendo um conflito entre a normatização da desigualdade e a afirmação de pertencimento dos desiguais, num processo de divisão e redivisão. E este processo marca a configuração do dizer, inserindo-se

nas representações desses sujeitos, como também marca a relação de pertencimento dos mesmos, em relação a esse dizer.

Nesse acontecimento enunciativo, os sujeitos da História de Gênero são constituídos pelo funcionamento da língua na qual enunciam, agenciados por lugares sociais distintos: o lugar social do homem; o lugar social da mulher; o lugar social que legitima a desigualdade no que diz respeito aos direitos de ambos; o lugar social que combate essa desigualdade, dentre tantos outros lugares. Sendo assim, esses enunciados não partem de um ser físico que se apropria da linguagem visando o empoderamento. Enuncia-se enquanto ser inserido num mundo atravessado pelo simbólico, o qual também o afeta.

Por ser um acontecimento político, este acontecimento temporaliza, constituindo a expressão História de Gênero, que se configura por um presente que aponta para uma latência de futuro, criando a possibilidade de novas interpretações, e isso ocorre mediante um recorte que se faz do passado, um memorável, responsável pela projeção de sentidos realizada pela futuridade. Desse modo, é possível identificar, na história de homens e mulheres, de um modo geral, memoráveis representando a desigualdade entre mulheres e homens portugueses, indígenas e africanos, o silêncio feminino imposto pela misoginia, mas também memoráveis de resistência, responsáveis pelas mudanças na história de mulheres e homens da atualidade, pelos novos sentidos que os constituem historicamente.

Para melhor compreender como a História de Gênero se constitui como um espaço político, e para identificar possíveis sentidos inter-relacionados com o livro didático que escolhemos como objeto de pesquisa, analisamos algumas cenas enunciativas (14 recortes) identificadas em relatos de viajantes (registrados em documentos históricos) e em pesquisas realizadas e organizadas pela historiadora Mary Del Priore, na obra *História das Mulheres no Brasil*.

Tais análises constituem um acontecimento que, enquanto futuridade, poderá ser retomado na análise do livro didático, apontando para uma relação de temporalidade onde “presente e futuro são constituídos de significados”, instituindo “condições para o sentido, para o acontecimento da linguagem e para a enunciação” (GUIMARÃES, 2005b, p. 12).

3.1.1 O que nos diz o corpus

História das Mulheres no Brasil (DEL PRIORE, 2006) é uma obra organizada pela Professora Mary Del Priore, que reúne os escritos de 19 historiadores e de uma escritora, Lygia Fagundes Telles. Todos eles contribuem para a reflexão acerca da feminilidade no

Brasil, mostrando o papel desempenhado pelas mulheres ao longo da história, abarcando desde o cotidiano indígena até os movimentos feministas do século XX.

Apesar de situar as questões da feminilidade no centro de discussões, a obra também apresenta a história dos homens, já que estes estão sempre presentes nas relações de gênero ali discutidas, apresentados a partir de lugares sociais diversos.

Como nosso objetivo não foi fazer uma análise aprofundada da referida obra, mas compreender como foram se instituindo memoráveis, ao longo da história, os quais podem estar atrelados aos sentidos do masculino e do feminino na atualidade, escolhemos artigos que mostram como os costumes e vivências de mulheres e homens indígenas, africanos e portugueses são vistos do lugar social do locutor europeu-português e, mais tarde, do lugar do locutor-brasileiro. Nesse sentido, foram selecionados cinco artigos, a saber:

1. *Eva Tupinambá*, de Ronald Raminelli, faz uma discussão sobre o cotidiano dos indígenas brasileiros no início da colonização portuguesa. O professor traz informações sobre o imaginário europeu acerca das mulheres e homens indígenas, possibilitando uma reflexão a respeito dos sentidos relacionados ao homem e à mulher que habitavam a *Terra Colonizada*⁶. Ao citar relatos de viajantes europeus, o autor analisa como estes viam com estranheza os costumes dos habitantes desta Terra, julgando-os pela ótica de seus próprios valores, descrevendo-os como *deturpações promovidas pelo Diabo*, não como uma cultura diferente daquela influenciada pelo universo cristão. Isso permitiu a identificação de locutores falando de lugares sociais diferentes, apontando para sentidos também diversos, constituindo as designações de homens e mulheres.

2. *A Arte da Sedução: Sexualidade Feminina na Colônia*, de Emanuel Araújo, aborda questões ligadas à repressão da sexualidade feminina, o que nos possibilitou identificar uma construção de sentido no que se refere ao homem e à mulher, já que ambos são apresentados, sob a ótica dos viajantes e legisladores citados pelo autor, a partir de designações diversas: *virtuoso/imperfeita; intelectual/dissimulada, íntegro/lasciva*.

3. *Mulheres nas Minas Gerais*, de Luciano Figueiredo, apresenta o cotidiano feminino na sociedade mineira do século XVIII, nos auxiliando, com os documentos citados ao longo do artigo, na compreensão dos sentidos produzidos nos diferentes lugares sociais que dão significados ao ser homem e ao ser mulher, significados estes marcados pela exclusão/inclusão, dependendo da etnia, da condição de liberdade ou submissão, bem como da ocupação exercida por ambos.

⁶ O Brasil.

4. *MulheresdoSul*, de Joana Maria Pedro, discute como o envolvimento dos homens com a revolução ou com a política contribuiu para uma relativa liberdade feminina, o que levou a mídia da época a criticar os chamados novos hábitos, conclamando a imagem de boa esposa e mãe.

5. *Mulheres dos Anos Dourados*, escrito por Carla Bassanezi, mostra a imagem feminina nos anos 50, pelo viés da mídia impressa da época, vislumbrando o imaginário acerca do ser mulher na primeira metade do século XX.

Apesar de não terem sido selecionados, os demais artigos que compõem a obra tiveram grande relevância para a análise que aqui nos propusemos a fazer, pois as notas usadas pelos autores nos levaram a documentos também importantes para a compreensão do sentido do masculino e do feminino na história de mulheres e homens da sociedade brasileira. Assim, analisamos recortes dos seguintes documentos:

a) *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, de Gabriel Soares de Souza (1851), agricultor português que se fixou na Bahia na segunda metade do século XVI e que se tornou um estudioso da *Nova Terra*, descrevendo a flora e a fauna da província, bem como os costumes dos povos indígenas.

b) *Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*, de Maria Graham (LACOMBE, 1956), uma escritora inglesa que veio ao país para ser preceptora da princesa Maria da Glória, filha do Imperador D. Pedro I, e que relatou os costumes dos moradores da *Nova Terra*.

A escolha dos cinco artigos e dos documentos supracitados justifica-se pelo fato de os mesmos atenderem o objetivo proposto para análise, uma vez que visamos identificar memoráveis construídos ao longo da história, para se referir aos papéis de homens e mulheres na sociedade, bem como os sentidos atrelados a esses homens e a essas mulheres, quando relacionados aos povos responsáveis pela miscigenação cultural da população brasileira (indígenas, portugueses e africanos). Com isso, fomos organizando um conjunto de sentidos que nos auxiliaram na análise do objeto central desta pesquisa: o livro didático.

3.1.1.1 Análise dos recortes

Os recortes foram organizados em quatro temáticas, visando uma descrição mais detalhada dos enunciados e uma análise mais ampla dos elementos linguísticos e sua relação com o acontecimento enunciativo.

A primeira temática (*Mulheres e homens indígenas do lugar do europeu*) se divide em dois blocos: a) *Indivíduos machos e indivíduos fêmeas*; b) *Mulheres = propriedades; homens = proprietários*. Aqui foram analisados recortes dos relatos de Gabriel Soares de Souza (1851), que retratam o cotidiano de indígenas brasileiros. O objetivo da análise foi compreender os sentidos constituídos para mulheres e homens indígenas, sob o olhar do locutor-viajante europeu.

A segunda temática (*Mulher e homem: ≠ negros e quase = negros*) analisa os sentidos estabelecidos para africanos e seus descendentes, do lugar de enunciação europeu e brasileiro, a partir da observação de cenas enunciativas que se apresentam no artigo de Emanuel Araújo (2006) e no diário da historiadora Maria Graham (LACOMBE, 1956).

A terceira temática (*Mulher é “coisa ruim”; homem é gente do bem*), analisada a partir de recortes dos artigos de Emanuel Araújo e Joana Pedro (2006), apresenta sentidos legitimados por vozes de locutores distintos, acerca do ser homem e do ser mulher, sentidos estes que apontam para o funcionamento de um memorável presente em dizeres instituídos em séculos passados, os quais vinculavam o masculino à perfeição e o feminino a uma infinidade de defeitos.

Para a análise da quarta e última temática (*O espaço público é do homem; o espaço doméstico é da mulher*), revisitamos os relatos de Gabriel Soares de Souza, para compará-los com os escritos de Joana Pedro e Carla Bassanesi (2006), e com isso foi possível observar os sentidos constituídos para os lugares que devem ser ocupados por homens e por mulheres, a partir de um memorável do período colonial que ainda funcionava no século XX.

Vejamos as temáticas e seus respectivos recortes:

Temática 1	Mulheres e homens indígenas do lugar do europeu:
Bloco A	Indivíduos machos e indivíduos fêmeas.

R1: Aqui se perdeu o bispo do Brasil, D. Pedro Fernandes Sardinha, com sua nau vinda da Bahia para Lisboa, em a qual vinha Antônio Cardoso de Barros, provedor-mor que fora do Brasil, e dois cônegos e **duas mulheres honradas e casadas**, muitos **homens nobres** e outra muita gente, que seriam mais de cem pessoas brancas, **afora escravos**, a qual escapou toda deste naufrágio, mas não do **gentio caeté**, que neste tempo senhoreava esta costa da boca deste rio de São Francisco até o da Paraíba (**Relato do viajante Gabriel Soares de Souza**. In: SOUZA, 1851, p. 61)⁷.

R2: Estas tamareiras não dão frutos se não houver **macho** entre elas, e a **árvore que é macho** não dá fruto e é mui ramalhuda do meio para cima, e as fôlhas são de cor verde-escuro; **as fêmeas** têm uma copa em cima e a cor dos ramos é de um verde-

⁷ Todos os grifos que aparecem nos recortes são nossos.

claro(**Relato do viajante Gabriel Soares de Souza, sobre as grandezas da Bahia.** In: SOUZA, 1851, p. 168).

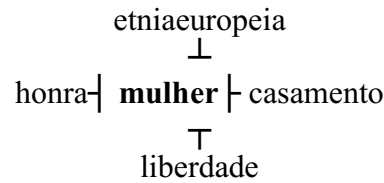
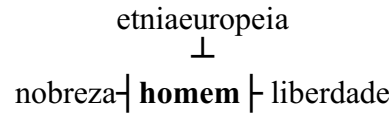
R3: Têm para si os portugueses que jaguretê é onça, e outros dizem que é tigre; cuja grandura é como um bezerro de seis meses; falo **dos machos**, porque **as fêmeas** são maiores (**Relato do viajante Gabriel Soares de Souza, sobre as grandezas da Bahia.** In: SOUZA, 1851, p. 244).

R4: [...] **os machos** costumam a roçar os matos, e os queimam e alimpam a terra deles; e **as fêmeas** plantam o mantimento e o alimpam; **os machos** vão buscar a lenha com que se aquecem e se servem, porque não dormem sem fogo, ao longo das redes, que é a sua cama; **as fêmeas** vão buscar a água à fonte e fazem de comer; e **os machos** costumam ir lavar as redes aos rios, quando estão sujas (**Relato do viajante Gabriel Soares de Souza, sobre indígenas tupinambás do Brasil.** In: SOUZA, 1851, p. 311).

As quatro cenas enunciativas são constituídas por um Locutor que se divide em locutor-viajante e locutor-europeu. O primeiro representa-se como um enunciador-individual, descrevendo as características da *Terra Colonizadabem* como os costumes dos seus habitantes, como se fosse dono do seu dizer. Já o discurso do segundo posiciona-se em um lugar que inclui indígenas e africanos no acontecimento enunciativo como moradores dessa terra, mas ao mesmo tempo os exclui, à medida que os mesmos são observados como representantes de um lugar social onde a fonte do dizer existe, mas é descartada, porque se origina de espaços de enunciação constituídos por sentidos diferentes, por uma língua funcionando também de forma distinta, pela luta em prol do acesso à palavra, pela batalha constante em busca do pertencimento. Assim, o locutor-europeu adere ao modo de dizer do enunciador-universal, uma vez que representa o lugar de onde são estabelecidos os conceitos de verdadeiro ou falso a respeito do ser mulher e do ser homem, acerca de cultura e civilização, e também ao modo de dizer de um enunciador-coletivo, um porta voz de uma coletividade, no caso, os colonizadores europeus.

Essa compreensão pode ser ampliada quando observamos, no recorte um (R1), os adjetivos *honradas e casadas* articulados com a palavra *mulheres*, e o adjetivo *nobres* articulado com a palavra *homens*, além da articulação entre o verbo e o elemento prepositivo indicando direção (... *nau vinda da Bahia para Lisboa*), o que nos leva a pensar que são portugueses voltando ou indo visitar sua terra, e na expressão *afora escravos*, que traz a possibilidade da oposição escravidão/liberdade.

Tais articulações podem ser representadas pelos seguintes DSD:

(Recorte 1a)**(Recorte 1b)**

([⊥]; [⊢]; [⊤]; [⊥]) **Lê-se: determina.**

É possível dizer que o sentido de mulher e de homem, constituído nesse lugar social representado pelo locutor-europeu, traz um memorável de um acontecimento religioso, o qual estabelece a etnia europeia como padrão para determinar o que é ser gente e o que não é ser gente, por esta ser cristã, defender a Santa Fé⁸. Assim, parece haver uma definição básica para alguém ser chamado de homem e de mulher, e essa designação é atravessada por sentidos que exaltam culturas em detrimento de outras, num processo de inclusão e exclusão constante. Sendo assim, a etnia europeia, a honra, a liberdade e o casamento determinam o ser mulher, e esta mesma etnia, seguida da liberdade e da nobreza (relacionada a títulos) determina o ser homem.

Outras relações de sentidos constituídas pela articulação dos elementos linguísticos aparecem na oração explicativa utilizada para dar ênfase à quantidade de pessoas brancas presentes na nau (... *que seriam mais de cem pessoas brancas*), na exclusão representada pelo elemento linguístico-prepositivo afora (*afora escravos*), a qual cria uma oposição entre pessoas brancas e pessoas escravas, e na ligação entre a coordenativa adversativa com a expressão negativa relacionada a *gentio*. Tal ligação parece estabelecer a exceção, mas na verdade inclui os indígenas numa situação de negatividade, inserindo-os num lugar onde a barbárie é que dá sentido às relações sociais (... *escapou toda deste naufrágio, mas não do gentio caeté que neste tempo senhoreava esta costa da boca deste rio de São Francisco até o da Paraíba*).

Podemos considerar, ainda, que a adversativa aí presente (*mas não do gentio caeté*) também está articulada ao memorável de um acontecimento que identifica os indígenas não

⁸ Esse memorável pode ser identificado em acontecimentos retratados por documentos do período Quinhentista, a exemplo do *Diálogo sobre a Conversão do Gentio*, redigido por Manuel da Nóbrega, no período de 1556 a 1557.

crístãos como povo selvagem⁹, uma vez que são designados como cruéis assassinos de gente civilizada, aqui identificada como o povo europeu. Seguindo a análise, é possível dizer que a explicativa relacionada ao povo caeté remete ao memorável de desapropriação da *Nova Terra*, pelos portugueses¹⁰, o que pode ser justificado pela articulação entre *gentio* e *senhoreava*, verbo com o mesmo sentido de *assenhorear*, o qual aparece no dicionário de Figueiredo (1913)¹¹ com o seguinte sentido: “**assenhorear-se**. *p.* Tornar-se senhor. Tomar posse. Entrar no domínio. (Cp. senhorear)”. Essas articulações nos auxiliam a refletir sobre um novo DSD, nesse acontecimento enunciativo:

(Recorte 1c)

homem e mulher

 pessoas não brancas, escravos e gentios (indígenas)

() **Lê-se: oposição.**

Analisando o DSD, uma das possíveis interpretações a que podemos chegar é que o locutor-europeu fala do lugar de um enunciador-universal e de um enunciador-coletivo, o que contribui para o estabelecimento de posições opostas para a designação de mulher e de homem, quando compara as três etnias que habitam as terras brasileiras (europeia, indígena e africana). Isso nos faz pensar que o mesmo representa um já dito marcado por estereótipos em relação aos povos com culturas distintas dos padrões estabelecidos pelo colonizador. Desse modo, o dizer do Locutor nos traz a enunciação de que se *homem* e *mulher* estão em oposição a *pessoas não brancas, escravos e gentios (indígenas)*, estes, apesar de serem citados como espécie que se insere no grupo de seres vivos, são excluídos do grupo dos seres humanos.

Podemos dizer, então, que a cena enunciativa que se constitui no recorte um (R1) traz um conjunto de sentidos que podem ser parafraseados da seguinte forma:

(R1d) São requisitos para se identificar uma mulher: casamento, honra, etnia europeia, liberdade, pele branca.

(R1e) São requisitos para se identificar um homem: nobreza, etnia europeia, liberdade, pele branca.

⁹O regimento que elevou Tomé de Souza ao posto de governador do Brasil, redigido pelo Rei de Portugal, no dia 17/12/1548, é um dos documentos que demonstram isso.

¹⁰Dentre os documentos que descrevem como deveria ser esse processo de apropriação, está o regimento acima referenciado.

¹¹ Optamos por usar o dicionário de Figueiredo nesta análise, por considerarmos que o mesmo está, em tese, mais próximo dos sentidos constituídos pelos elementos linguísticos do período aqui retratado.

(R1f) *Escravos e indígenas (caetés) não têm esses requisitos; logo, não são homens/mulheres.*

É possível observar a relação de sentidos que aparece na designação da terceira paráfrase, no que diz respeito a não aceitação do indígena como homem/mulher, na representação do DSD das outras cenas enunciativas:

(Recorte 2)

1. *Estas tamareiras não dão frutos se não houver **macho** entre elas [...]*
2. *[...] **as fêmeas** têm uma copa em cima e a cor dos ramos é de um verde-claro.*

macho ----- tamareira ⊥ tamareira	fêmea ----- tamareira ⊥ tamareira
--	--

(-----)Lê-se: **sinônimo.**

(Recorte 3)

1. *Têm para si os portugueses que jagaretê é onça, e outros dizem que é tigre;*
2. *[...] cuja grandura é como um bezerro de seis meses;*
3. *falo **dos machos**, porque **as fêmeas** são maiores.*

macho ----- jagaretê, onça, tigre ⊥ jagaretê, onça, tigre	fêmea ----- jagaretê, onça, tigre ⊥ jagaretê, onça, tigre
--	--

(Recorte 4)

1. *... **os machos** costumam a roçar os matos, e os queimam e alimpam a terra deles;*
2. *... **eas fêmeas** plantam o mantimento e o alimpam;*

macho ----- homem indígena ⊥ homem indígena	fêmea ----- mulher indígena ⊥ mulher indígena
--	--

Podemos observar, a partir desses DSD, que os elementos linguísticos *macho* e *fêmea* aparecem como sinônimos e como determinantes de *plantas*, *animais*, *homens* e *mulheres* indígenas. Além disso, são também uma reescritura de *gentio*, registrado no acontecimento

enunciativo da primeira cena. Além do sentido de pagão, *gentio* também aparece no dicionário de Figueiredo (1913) como *aquela que não é civilizado, selvagem*, contrapondo-se com a designação de homem, representada assim pelo mesmo autor: “**homem** m. Animal racional e mamífero, que pela sua inteligência, pelo dom da palavra e pela história, se distingue dos outros seres organizados, ocupando entre eles o primeiro lugar”. Nesse sentido, é possível dizer que nas cenas enunciativas de dois a quatro o Locutor enuncia como um enunciador-universal, fortalecendo a concepção de que os não incluídos nos padrões culturais estabelecidos pelos invasores, os considerados *não civilizados, selvagens*, são os outros seres organizados, ou seja, são indivíduos como as plantas e os animais irracionais, são machos e fêmeas, porém não são homens, não são mulheres.

A reescritura por repetição, no recorte quatro (R4), possibilita essa interpretação, pois apesar de as palavras *machos* e *fêmeas* passarem a impressão de que possuem um único sentido, elas *não estabelecem uma igualdade*, como bem afirma Guimarães (2009), cada vez que são reescritas significam diferentemente das outras vezes que foram usadas. Sendo assim, parece haver um agenciamento do Locutor, na direção de uma enunciação que fortaleça a concepção de animalização relacionada aos povos indígenas. É como se a repetição fosse um mecanismo de força para legitimar o estereótipo do selvagem que precisa ser doutrinado.

Temática1	Mulheres e homens indígenas do lugar do europeu:
Bloco B	Mulheres = propriedades; homens = proprietários.

A descrição do relacionamento conjugal entre mulheres e homens de diferentes aldeias indígenas brasileiras, feitas pelos viajantes, nos aponta lugares sociais que constituem outros sentidos para o ser homem e o ser mulher. O recorte a seguir pode nos ajudar a compreender esta questão:

R5: A **mulher** verdadeira dos tupinambás é a **primeira que o homem teve** e conversou, e não têm em seus casamentos outra cerimônia mais que **dar o pai a filha a seu genro**, e como têm ajuntamento natural, ficam casados; e **os índios principais têm mais de uma mulher**, e o que **mais mulheres** tem, se tem por mais honrado e estimado (**Relato do viajante Gabriel Soares de Souza, sobre indígenas tupinambás do Brasil**. In: SOUZA, 1851, p. 304).

Podemos considerar alguns aspectos de sentido pelas paráfrases possíveis para esse enunciado:

(R5a) *O casamento transforma a indígena em mulher.*

(R5b) *A mulher não escolhe o parceiro, ela é dada a ele.*

(R5c) *A quantidade de mulheres traz honra e estima para o índio.*

A representação desses sentidos pode ser identificada no seguinte DSD:

(Recorte 5)

mulher ----- coisa	quantidade de mulheres
└	└
posse	honrado índio └ lugar
└	
ajuntamento natural	

Conforme o DSD, sob a ótica do acontecimento que agencia o locutor-europeu, o *ajuntamento natural* determina o ser mulher, a qual é sinônimo de posse, e a quantidade delas determina a *honra do índio*, que por sua vez determina o seu lugar na aldeia. No horizonte de interpretação deste DSD, podemos dizer que há duas direções diferentes operando. Em uma, a individualização do enunciador, que imagina falar do lugar do viajante, preocupado apenas em registrar as informações. Em outra, opera a influência da voz da coletividade, uma vez que o locutor-português fala de um lugar que não só vê com estranheza uma cultura diferente daquela com cujos padrões está acostumado, como também adere a um modo de dizer que continua legitimando o estereótipo do não civilizado, da espécie não humana, presente nos recortes analisados anteriormente. Nesse sentido, o locutor enuncia de um lugar onde se compara a cerimônia do matrimônio indígena como um momento em que a mulher é *dada ao género*, sem levar em consideração os sentidos que perpassam os enlaces matrimoniais observados e vividos no lugar social desses sujeitos.

Representando-se como uma voz coletiva marcada por um memorável atrelado ao acontecimento político que determina o casamento ocidental como o modelo para se oficializar uma relação conjugal, o locutor-português vê a mulher indígena como posse: ela é *mulher de*. E quanto mais mulheres tiver, mais hombridade o homem terá. O interessante é que esse lugar acaba influenciando um acontecimento enunciativo que aponta para uma nova designação relacionada aos indígenas: com o *ajuntamento natural*, ele passa a ter posses (mulheres), tornando-se o principal na aldeia, e por isso deixa de ser apenas indivíduo macho, torna-se índio; ela, em seu papel de esposa e propriedade, deixa de ser indivíduo fêmea, passa a ser *mulher*.

Um outro aspecto interessante a se observar é que, como o enunciador representa a Igreja Católica, há uma resistência à poligamia, o que pode ser identificado na articulação do adjetivo com o numeral, no seguinte enunciado: *A mulher verdadeira dos tupinambás é a primeira que o homem teve e conversou*. Aqui se apresenta também um locutor-jurídico que

adere ao modo de dizer de um enunciador-universal, o qual determina o conceito de verdadeira e falsa esposa, estabelecendo como legítima apenas a primeira união, o que coloca as outras mulheres numa posição ilícita.

Temática 2: Mulher e homem: ≠ negros e quase = negros

Não apenas os indígenas sofreram estereótipos instituídos por uma enunciação coletiva e universal que marcou o dizer em relação à cultura dos colonizados. Os estudos de Araújo (2006) e Figueiredo (2006), bem como os relatos de Graham (LACOMBE, 1956), dentre outros, mostram que os africanos também sofreram discriminações das mais diversas, representadas, por exemplo, na resistência, por parte do colonizador, em tratá-los como homens e mulheres, exceto quando interesses individuais se colocavam acima do preconceito. Vejamos o funcionamento semântico-enunciativo desse acontecimento político apresentado pelos autores:

R6: No final do século XVIII Deus parecia estar cansado para punir a vaidade feminina, visto que o luxo não só aumentou como se estendeu às **escravas** que acompanhavam suas **senhoras** porta afora. Conforme testemunha Luís dos Santos Vilhena, nas procissões as **mulheres ricas** exibiam-se: [...] com suas **mulatas** e **pretas** vestidas com ricas saias de cetim, becas de lemiste finíssimo e camisas de cambraia ou cassa, bordadas de forma tal que vale o valor três ou quatro vezes mais que a **peça**; e tanto é o ouro que cada uma leva em fivelas, pulseiras, colares ou braceletes e bentinhos que, sem hipérbole, basta para comprar duas ou três **negras** ou **mulatas** como a que o leva; e tal conheço eu que nenhuma dúvida se lhe oferece em sair com quinze ou vinte assim ornadas. Para ver as procissões é que saem acompanhadas de uma tal comitiva (ARAÚJO, 2006, p. 57).¹²

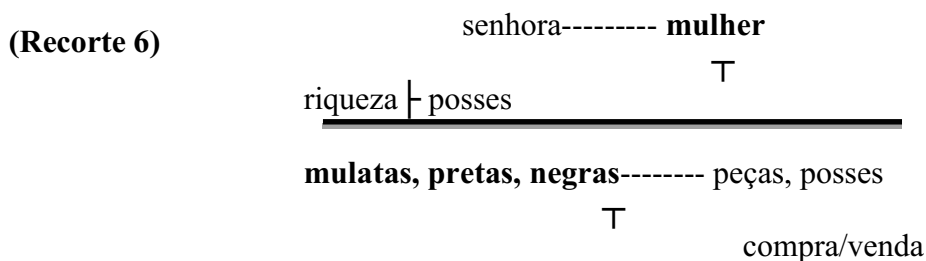
R7: O Campo apresentava os aspectos mais diversos. Dentro do recinto em que a artilharia fôra instalada, tudo era gravidade e atenção ao trabalho; os **soldados** estavam alerta e os **oficiais**, em grupos, comentavam os acontecimentos da noite precedente e as circunstâncias do dia. Aqui e ali, tanto dentro quanto fora do círculo, estacionava um **orador** com seu grupo de ouvintes, atentos às discussões políticas ou arengas patrióticas. Na parte aberta do campo vagavam alguns soldados ou companhias inteiras, fugindo ao ardor da multidão dentro do cercado, bem como cavalos, burros e jumentos, muitos dos quais deitados, pela evidente fadiga. Vinham **negros** de todas as direções, carregados de capim ou milho para os cavalos, ou levando à cabeça bebida fresca ou doces **para os homens** [...] (**Diário de Maria Graham, nos anos de 1821, 1822 e 1823, traduzido por** LACOMBE, 1956, p. 205).

Nas cenas enunciativas constituídas nos recortes seis (R6) e sete (R7) o locutor-historiador enuncia a partir de uma voz coletiva que agrupa desigualmente africanos, europeus e seus descendentes.

¹² Araújo refere-se aos escritos de Luís dos Santos Vilhena, professor português que viveu no Brasil no período de 1787 a 1814, quando faleceu.

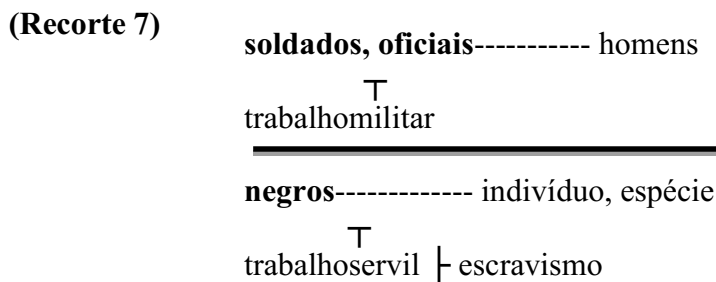
No recorte seis (R6), *mulatas e pretas* são substituídas por *peça*, o que remete ao memorável da chegada dos africanos ao Brasil, quando eram expostos em leilões públicos, para serem vendidos. A partir dessa reescritura, podemos considerar que há uma voz enunciando de um lugar social que estabelece uma designação para *mulatas e pretas*: *são peças, ou seja, são coisas que podem ser compradas, trocadas, vendidas*. Em seguida, a enunciação retoma o processo de reescritura, para substituir *pretas* por *negras*, ao articular *negra ou mulata* com o verbo *comprar*, o que nos possibilita interpretar que *pretas* está relacionado com o sentido de cor da pele, enquanto *negras e mulatas* estão atreladas à etnia africana e afro-brasileira, respectivamente.

E assim, temos o DSD:



No recorte sete (R7), o advérbio de modo (*carregados*), articulado com a palavra *negros*, remete ao mesmo memorável do período escravocrata no Brasil, atrelado ao trabalho forçado, em condições desumanas, o que pode determinar o sentido de *negro*, no referido recorte, a partir de uma relação de significados que o aproxima de um indivíduo, mas o distancia dos seres humanos, possibilidade interpretativa observada na oposição estabelecida por *soldados, oficiais, orador versus negros* e na contradição presente na informação de que *negros levavam bebidas e alimentos para os homens*, a qual cria outra antonímia: *negros versus homens*.

Desse modo, temos a representação desses sentidos no DSD que segue:



As determinações apresentam uma constituição de significados que exclui os africanos e seus descendentes do sentido instituído para homens e mulheres. No DSD do recorte seis (R6), *mulher* é representada pelo enunciador-coletivo como sinônimo de *senhora*, determinada pela riqueza que, por sua vez, é determinada pela posse, não apenas de joias, mas de *mulatas* e *negras*. Estas são apresentadas na cena enunciativa em oposição à mulher, pois foram compradas, tornando-se, assim, posse das senhoras, como podemos ver na articulação entre o verbo *exibir*, o pronome possessivo e os substantivos *mulatas* e *pretas* (... *exibiam suas mulatas e pretas...*). Do mesmo modo, o DSD do recorte sete (R7) nos mostra a representação de *negros* em oposição a *homens*, estes representados como sinônimo de *soldados* e *oficiais*, aqueles como sinônimo de indivíduo. E enquanto os primeiros são determinados pelo trabalho servil atrelado ao escravismo, os últimos são determinados pelo trabalho militar.

Frente a essas relações de sentidos, é possível dizer que o Locutor representa a voz coletiva que posiciona *mulatas*, *negras* e *negros* em um lugar onde não são mulheres nem homens, e sim objetos, espécie animal. Nesse horizonte interpretativo, podemos organizar os enunciados dos referidos recortes nas seguintes paráfrases:

(R6/R7a) Negras e mulatas são propriedades de mulheres; logo, são objetos.

(R6/R7b) Negros fazem o serviço dos animais de carga e são indivíduos opostos aos homens, então não são seres humanos.

Observemos, agora, as cenas enunciativas dos recortes oito (R8) e nove (R9):

R8: Há seis corpos de milícia na cidade da Bahia: primeiro, uma companhia de nobres de cavalaria, que forma a guarda de honra do governo; segundo, um esquadrão de artilharia montada; terceiro e quarto, dois regimentos de brancos, quase todos comerciantes; quinto, um regimento de mulatos; e sexto, um de negros livres, atingindo todos reunidos quatro mil homens (Diário de Maria Graham, nos anos de 1821, 1822 e 1823, traduzido por LACOMBE, 1956, p. 154-155).

R9: Inumeráveis mulheres pretas e pardas pagam a capitação por sua pessoa por não terem algum escravo; é certo [que] vivendo de ofensas a Deus, necessariamente a sua contribuição há de sair do pecado (Clamor da Câmara Municipal de Sabará, em 1897. In: FIGUEIREDO, 2006, p. 158-159).

É possível perceber que o locutor-europeu e o locutor-vereador enunciam de um lugar que cria determinações cujos sentidos são outros, já que retiram *negras* (reescriturada por *pretas*), *mulatos* e *negros* da condição de não humanos, mas ao mesmo tempo os posicionam numa condição de inferioridade.

No recorte oito (R8), essa relação de sentidos é marcada pela articulação dos elementos linguísticos, a começar pela integração de *mulatos* e *negros* na enumeração de *nobres*, *esquadrão*, *brancos* e *comerciantes*, seguida pelo distanciamento dos mesmos, ao serem citados nas últimas posições. Há, ainda, uma articulação entre o adjetivo *livres* com o substantivo *negros*, que parece apontar a liberdade como condição para fazer parte desse grupo de *homens*. E assim chegamos aos seguintes DSD:

(Recorte 8a)

Quatro mil homens | **regimento** | negros livres e mulatos
 liberdade ⊥

Desse modo,

(Recorte 8b)

Negros livres e mulatos-----homens

As determinações dos DSD indicam que a liberdade é a condição para ser considerado humano, já que essa liberdade é que determina o sentido de homens, que por sua vez determinam o sentido de regimento. Desse modo, se mulatos e negros são livres e fazem parte do regimento, significa que os mesmos são homens.

Por outro lado, pela ordem da enumeração dos grupos, teremos um outro DSD:

(Recorte 8c)

superioridade
 ⊥
nobres, esquadrão, brancos comerciantes
 ───────────────────────────────────
mulatos e negros livres
 ⊥
 inferioridade

Podemos pensar que a enunciação estabelece uma outra relação de sentidos pela utilização dos numerais ordinais, criando o grupo dos primeiros (*nobres*, *esquadrão*, *brancos comerciantes*) e o grupo dos últimos (*mulatos e negros livres*). Aqueles são determinados pela superioridade; estes, pela inferioridade, já que, além de serem os últimos da lista, apenas são citados, sem as qualificações que caracterizam os outros grupos (*guarda de honra*, *artilharia*, *ricos*). Nesse sentido, as determinações criam a possibilidade das seguintes paráfrases:

(R8d) *A milícia baiana é composta por seis regimentos de quatro mil homens.*

(R8e) *Mulatos e negros livres fazem parte do regimento, portanto são homens.*

(R8f) *Embora participem da milícia, mulatos e negros são inferiores aos outros homens.*

As paráfrases remetem ao memorável de um acontecimento político marcante no Brasil Império, o recrutamento de negros, muitas vezes forçados por seus senhores, ou seduzidos com a promessa de respeito à sua liberdade, para combater nas guerras e nos movimentos designados pelo governo, como “revoltas”. Embora livres, esses negros ocupavam um lugar inferior na milícia, sendo colocados na linha de frente apenas como escudo para proteger os oficiais brancos, ali seus senhores.

Seguindo a análise, no que diz respeito ao recorte nove (R9), a articulação por coordenação, ligando *pretas* a *pardas*, seguida pela ligação entre o verbo *pagar* e o substantivo *capitação*, apresenta um agenciamento enunciativo que as insere num lugar social que as designa como mulheres, uma vez que não estão mais na condição de peças a serem vendidas, mas de pessoas que pagam impostos. Além disso, a questão da liberdade também está presente, eliptizada nos elementos linguísticos *pagar/capitação*, já que, segundo Figueiredo (2006), só o alforriado tinha a obrigatoriedade de pagar o imposto. E assim chegamos ao seguinte DSD:

(Recorte 9)

Pagar capitação ┆ **mulher-----negras (pretas)** ┆ liberdade

Conforme os sentidos representados no DSD, pagar capitação determina o ser mulher, que por sua vez também é determinada pela liberdade. Logo, sob a ótica do locutor-vereador, que enuncia através de uma voz coletiva, se as negras (pretas) pagam impostos e são alforriadas, mantêm uma relação de consonância com as mulheres, não de oposição. Todavia, embora a ação de pagar os impostos influencie o enunciador-coletivo a representar a mulher negra sob uma nova ótica, há uma crítica à origem da moeda utilizada para tal fim. Temos, então, um locutor-religioso agenciado por acontecimentos cujos sentidos designam essas mulheres como pecadoras (...*vivendo de ofensas a Deus, necessariamente a sua contribuição há de sair do pecado.*), o que as inferioriza e as posiciona numa situação de oposição em relação ao ideal de mulher por ele representado. Isso remete a dois memoráveis: um atrelado ao

acontecimento que designa a prostituição como uma profissão imoral, o outro relacionado ao acontecimento que causou a ruptura da Igreja Católica, a venda de indulgências.

Temática 3: Mulher é “coisa ruim”; homem é gente do bem.

Perfeição e imperfeição sempre estiveram presentes nas representações de homens e mulheres desde o período colonial, determinando comportamentos e influenciando os rumos da sua história. Eles, muitas vezes, foram considerados o modelo de virtude. Quanto a elas, tantas vezes foram vistas como a representação da maledicência, da impureza, de artimanhas capazes de levar o homem a caminhos tortuosos (ARAÚJO, 2006).

Essas designações, que várias vezes aparecem nos escritos organizados por Del Priore (2006), indicam que o olhar sobre homens e mulheres partia de lugares sociais distintos, principalmente do religioso, o qual estabeleceu sentidos para ambos que muitas vezes determinaram normas de comportamentos, bem como instituíram estereótipos que marcaram suas histórias, por séculos. Exemplos disso são os Estatutos elaborados pelo Bispo Azeredo Coutinho, os quais, dentre outras coisas, afirmavam que, enquanto os homens procuravam “conduzir-se ao auge da autoridade e da glória, pelas armas ou letras”, as mulheres “procuravam o mesmo pelos agrados do espírito e do corpo”, por isso deveriam receber uma educação com princípios religiosos, os quais as protegeriam dos “defeitos ordinários do seu sexo” (In: ARAÚJO, 2006, p. 50).

Os recortes analisados a seguir nos trazem uma enunciação que pode representar esse conjunto de sentidos. Vejamos:

R10: Houve uma **falha** na formação da **primeira mulher**, por ter sido **ela criada a partir de uma costela recurva**, ou seja, uma costela do peito, cuja curvatura é, por assim dizer, contrária à **retidão do homem**. E como, em virtude dessa falha, **a mulher é animal imperfeito** [...] As **mulheres**, são por natureza mais **impressionáveis** e mais propensas a receberem a **influência do espírito descorporificado**. [...] **possuidoras de língua traiçoeira**, não se absterem de contar as suas amigas tudo o que aprendem através das **artes do mal** (**Malleus Maleficarum: Tratado de demonologia escrito pelos alemães Heinrich Kramer e Jakob Sprenger, publicado em 1486**. In: ARAÚJO, 2006, p. 46).

R11: Deus **criou o homem** e ficou **satisfeito**. Deus **criou a mulher** e **sentiu-se remordido** na sua santa consciência. E então disse: “A **mulher** será **vaidosa, inconstante e pérfida**. Enganará o homem e o homem será infeliz”. E para consolá-lo, criou o cão (**Quadrinha publicada no Jornal República, 1892**. In: PEDRO, 2006, p. 310).

O recorte dez (R10) inicia com um locutor-machista que adere ao lugar do enunciador-coletivo, com uma reescrituração de Eva (*primeira mulher*), considerada como símbolo do

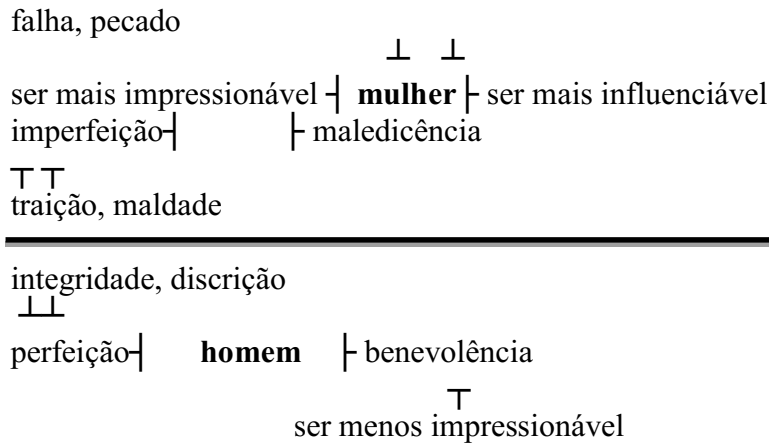
pecado e da perdição do homem, perdição esta que se estendeu à humanidade, uma vez que lhe tirou a possibilidade de viver no paraíso. O enunciado continua se referindo a Eva, ao falar de sua criação (*a partir de uma costela recurva*), dando ênfase ao memorável de um acontecimento bíblico que a relaciona com o sentido de imperfeição, colocando-a em oposição à *retidão do homem*. Nesta expressão, que qualifica o masculino, a articulação da palavra *retidão* com a palavra *homem*, ligadas pela contração prepositiva (*do*), cria a possibilidade de se pensar que ser reto, íntegro, é uma qualidade apenas masculina, o que pode ser legitimado pelo sentido de posse estabelecido pela referida preposição.

A afirmação de que houve *falha na formação da primeira mulher*, o que seria uma crítica à criação de Deus, possibilita a identificação de um outro modo de dizer, assumido pelo enunciador-universal, lugar que estabelece verdades acerca da criação da mulher, dando explicações sobre a causa da sua imperfeição. Sendo assim, o locutor se apresenta também como não religioso, enunciando de um lugar social onde se admite a falha do Criador, cujas consequências marcaram negativamente não só Eva, mas toda a sua geração, como pode ser observado na articulação entre o artigo definido e a palavra mulheres (*as mulheres*), estabelecendo o sentido de generalização. Essa negatividade está presente também na reescrituração por definição (mulher é: *animal imperfeito, mais impressionável, traiçoeira, má*, no recorte dez (R10); *vaidosa, inconstante, pérfida*, no recorte onze (R11)).

Assim, é possível dizer que há locutores marcando lugares sociais diferentes nesta cena enunciativa, mas todos apontam para a desvalorização feminina, o que pode ser verificado quando a mulher é apresentada como uma obra com defeitos, desde a facilidade de se deixar impressionar com qualquer coisa, ou de permitir a presença demoníaca (*espírito descorporificado*) influenciando suas ações, até o prazer por se envolver com a maledicência e a maldade.

É interessante observar, também, que o Locutor enuncia através de uma voz genérica que, ao informar sobre a matéria prima da qual se originou a mulher, seguida das afirmações acerca de suas características negativas, remete a um memorável atrelado a diversos acontecimentos políticos que marcaram a sociedade patriarcal brasileira, o qual corrobora a concepção de que “a mulher não tem jeito”, personificada num provérbio português que diz: *Pau que nasce torto nunca se endireita*, por isso necessita de um homem sempre ao seu lado, para discipliná-la, orientá-la, protegê-la dos perigos que ela mesma atrai para si.

E assim, é possível dizer, por esta análise, que um DSD para esse enunciado seria o seguinte:

(Recorte 10)

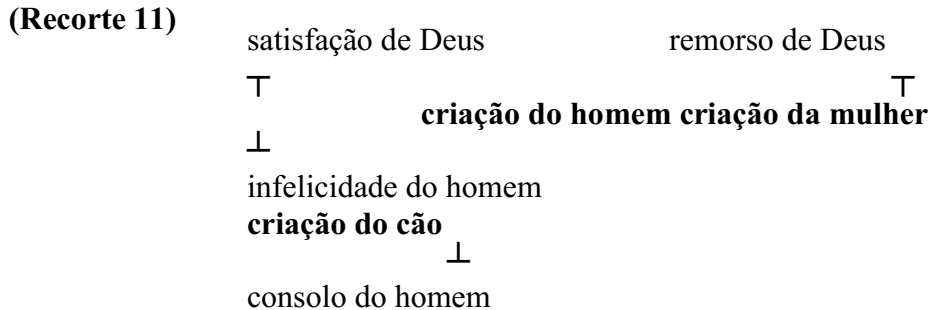
De acordo com o DSD, as determinações que a enunciação designa para a mulher a constituem como um sujeito marcado por sentidos que a identificam a partir de qualificações caracterizadas pela imperfeição, diferentemente das determinações relacionadas ao homem, as quais o representam como um sujeito marcado por designações que o inserem num lugar social caracterizado pela perfeição. Essas relações de sentido criadas por tais determinações estabelecem uma oposição entre homens e mulheres, além de criar possibilidades para a seguinte paráfrase:

(R10a) Mulher é “coisa ruim”; homem é gente do bem.

Esta paráfrase também pode ser a representação do recorte onze (R11), onde é possível identificar um memorável articulado com o acontecimento enunciativo instituído no primeiro. O enunciado já apresenta inicialmente uma articulação exposta pela oração coordenativa, legitimando a ideia de que a criação do homem está ligada à satisfação do Criador, enquanto a criação da mulher está ligada ao sentimento de remorso, ali representado pela palavra *remordido*.

O locutor-jornalista, aderindo ao dizer do enunciador-coletivo, fala de um lugar que cria também uma oposição entre homens e mulheres, ou seja, se a *santa consciência* divina ficou satisfeita ao criar o homem, e arrependida ao criar a mulher, ele apresenta características cujos sentidos estão ligados à santidade, enquanto ela está marcada por qualificações cujos sentidos estão ligados à impureza. Daí a alusão à infelicidade do homem, causada pela mulher, sentido que o constitui como um sujeito inocente à mercê dela, esta constituída como um ser diabólico. E a enunciação segue, apresentando agora o locutor falando de um lugar social que representa uma voz genérica que remete ao memorável de um dito popular, de que *o cão é o melhor amigo do homem*, o que parece apontar para a interpretação de que até um animal (*o cão*) é mais leal do que a mulher.

Desse modo, é possível dizer que as determinações apresentadas nessa cena enunciativa vão ao encontro daquelas instituídas na cena do recorte anterior, como podemos ver no DSD:



De acordo com o DSD, a criação do homem determina a satisfação de Deus, ao passo que a criação da mulher determina o seu remorso. Essa ação divina também determina a infelicidade do homem, que encontra consolo na criação do cão.

Podemos considerar, então, que o sentido de homens e mulheres, estabelecido nos enunciados analisados nesta temática, além de instituir lugares opostos para ambos, ainda legitima conceitos misóginos acerca do feminino, o que demonstra a discriminação e a exclusão históricas a que muitas mulheres ainda são submetidas.

Temática 4: O espaço público é do homem; o espaço doméstico é da mulher.

Embora a supremacia que se viu associada a uma superioridade masculina tenha sido abalada pela forte presença da mulher atuando no espaço público, já no início do século XX, como mostram os artigos de Guacira Louro, Maria Aparecida Silva, Margareth Rago e Paola Giuliani, inseridos na obra aqui analisada (DEL PRIORE, 2006), também nesse século ainda é possível observar enunciações marcadas por estereótipos, no que diz respeito ao lugar de homens e mulheres na sociedade. A figura masculina ainda é atrelada a sentidos que a relacionam com atividades ligadas à intelectualidade, que aproximam o homem do espaço público. Já a figura feminina, por outro lado, apesar de também estar inserida nesse lugar social estabelecido historicamente para o masculino, ainda é vinculada apenas ao lar, à maternidade, ao cuidado com os filhos, sentidos que a aproximam do espaço doméstico.

Os recortes selecionados para análise nos ajudam a entender essas relações de sentido que designam os papéis sociais de homens e mulheres no referido período:

R12: Também as **moças** deste gentio que se criam e doutrinam com as mulheres portuguesas, tomam muito bem o **cozer e lavar**, e fazem todas as **obras de agulha** que lhes ensinam, para oque têm muita habilidade, e para **fazerem coisas doces**, e fazem-se **extremadas cozinheiras** (**Relato de Gabriel Soares de Souza, sobre indígenas tupinambás do Brasil**. In: SOUZA, 1851, p. 311).

R13: Vocês devem poupar mais as **mulheres** e não transformá-las em trabalhadoras da roça. Deixem-nas onde devem estar: no **serviço doméstico**, lá é **seu lugar**, lá **elas têm plenamente o que fazer** e ganham mais para vocês do que como uma marca de carpina. Diferente é quando a mulher se sente suficientemente forte e dispõe de algumas horas para o trabalho na terra, mas, mesmo aí deve ficar **próxima a seus filhos** e no máximo devem **cuidar do jardim perto de casa** (**Jornal Blumenauer, 1910**. In: PEDRO, 2006, p.290).

R14: **Lugar de mulher** é o **lar** [...] a tentativa da mulher moderna de viver como um homem durante o dia, e como uma mulher durante a noite, é a causa de muitos lares infelizes e destruídos [...] Felizmente, porém, a ambição da maioria das mulheres ainda continua a ser o **casamento** e a **família**. Muitas, no entanto, almejam levar uma vida dupla: no trabalho e em casa, como esposa, a fim de demonstrar aos homens que podem competir com eles no seu terreno, o que freqüentemente as leva a um eventual repúdio de seu papel feminino. Procurar ser à noite esposa e mãe perfeitas e funcionária exemplar durante o dia requer um esforço excessivo [...] O resultado é geralmente a confusão e a tensão reinantes no lar, em prejuízos dos filhos e da família (**Revista Querida, novembro de 1954**. In: BASSANEZI, 2006)

O décimo segundo recorte apresenta uma reescrituração por substituição, onde índias são reescrituradas por *moças*, assim denominadas por terem sido *criadas e doutrinadas* pelas *mulheres portuguesas*, e essa transformação de *gentio* em ser humano ocorre mediante o *trabalho com agulhas e na cozinha*. O décimo terceiro inicia com uma elipse, marcada pelo pronome de tratamento (*vocês*) reescriturando homens, o que pode ser considerado também como uma reescrituração por expansão, já que o locutor-jornalista dialoga com esses homens (*vocês*) até o final do enunciado, falando de um lugar que aponta a melhor maneira de decidir sobre os afazeres a serem assumidos pelas mulheres, e determina, com a utilização do advérbio (*lá*), o seu lugar: *no serviço doméstico*. O enunciado do décimo quarto recorte dá continuidade a esse discurso, iniciando com uma reescrituração por definição (*Lugar de mulher é o lar*) e ao mesmo tempo por condensação, já que esta afirmação resume a discussão apresentada em toda a cena enunciativa. É interessante que a mulher moderna é reescriturada por substituições distintas: *é homem*, quando trabalha fora de casa; *é mulher*, quando trabalha em casa; *é destruidora de lares*, porque seu trabalho no espaço público *repudia o papel feminino*. Todavia, a substituição pelo coletivo (*a maioria*) e pelo pronome indefinido (*muitas*) aponta para outra questão que traz certo alívio para o Locutor (alívio marcado pelo elemento linguístico *felizmente*): a busca pelo espaço público não é generalizada, assim o casamento e a família ainda podem ser salvos.

Temos, nestes recortes, um conjunto de sentidos que podem ser representados pelos seguintes DSD:

(Recortes 12, 13 e 14)

- a)
- | | | |
|--|---|--|
| ⊥ | ⊥ | serviço doméstico, obras de agulha |
| | | lavrar a terra trabalho de mulher cuidar do jardim |
| <hr style="border: 1px solid black;"/> | | |
| | | lares destruídos, negação do papel feminino |
| ⊥ | ⊥ | infelicidade trabalho feminino fora do lar competição |
- b)
- | | | |
|--|--|--|
| | esposa | |
| | ⊥ | |
| | mãe papel da mulher doméstica | |
- c)
- | |
|--|
| lugar de mulher ----- espaço doméstico |
|--|

As representações de sentido nos DSD demonstram que trabalho de mulher é determinado pelo *serviço doméstico, obras com agulha, cuidar do jardim e lavrar a terra*. O contrário disso, ou seja, o trabalho feminino fora do lar traz uma infinidade de problemas para a família, uma vez que os *lares destruídos, a competição, a infelicidade e a negação do papel feminino* são determinados por essa atividade. Por isso, o papel da mulher na sociedade é determinado pelo seu desempenho como *esposa, mãe e doméstica*, o que nos leva à interpretação que o seu lugar é no espaço privado.

Observando as enunciações dos recortes, podemos considerar que os sentidos sobre homens e mulheres na primeira metade do século XX não se diferem tanto daqueles estabelecidos no período colonial. Do mesmo modo que Souza (1851), no recorte doze (R12), mostra uma tentativa das portuguesas para disciplinar as indígenas, a fim de que estas *aprendessem a ser mulher*, desenvolvendo atividades tipicamente domésticas, a mídia do século XX declara que *lugar de mulher é no serviço doméstico, cuidando dos filhos*, e que aquela que trabalha fora nega sua condição feminina.

O locutor-jornalista da cena enunciativa que se constrói no recorte treze (R13) enuncia de um lugar que defende a permanência da mulher no espaço doméstico, pois *é lá que é seu lugar*, é lá que *ela tem o que fazer*. Em outras palavras, a enunciação parece reiterar a concepção misógina de que, por requerer competências diferentes daquelas utilizadas no ambiente privado, o espaço público é um lugar do masculino, não do feminino. Assim, o mais longe que uma mulher pode ir fora do lar, para desenvolver alguma atividade, é para o jardim.

No que diz respeito à cena enunciativa do recorte catorze (R14), além de reforçar a concepção de que o espaço público é um lugar do masculino, e o doméstico, o espaço do feminino, o dizer do Locutor nos traz uma enunciação que nos permite considerar a existência de uma crítica em relação às conquistas alcançadas pelas mulheres no século XX, uma vez que o trabalho feminino fora do lar é visto como uma competição, não como um direito. De acordo com a voz coletiva à qual adere o locutor-jornalista, a mulher moderna vive duplos papéis: durante o dia, ela tenta ser homem; à noite, ela tenta ser mulher. A articulação do substantivo *tentativa* com o verbo *viver* cria o sentido de que ela não consegue desenvolver as duas funções com competência. Esse lugar aponta para enunciações ainda presentes nos significados relacionados ao feminino: o de que a mulher não tem capacidade para atuar no que o Locutor denomina como *terreno masculino*. Nesse sentido, segundo o Locutor, a sua opção por trabalhar fora do espaço doméstico é apenas para tentar *viver como um homem durante o dia*, viver as experiências que ele vive, visando comprovar que pode competir com ele num espaço que a ela não pertence.

Esse conjunto de sentidos nos permite chegar à seguinte paráfrase:

(R12,13 e14) O espaço público não é um espaço feminino, porque a mulher já tem seu próprio espaço: o lar.

A paráfrase nos leva à interpretação de que, apesar dos movimentos feministas já fazerem parte dos acontecimentos políticos que marcaram o cenário nacional, a exemplo da luta pelo direito ao voto, da presença feminina no espaço público, trabalhando para a subsistência familiar, da inserção da mulher no espaço político, ocupando cargos até então designados como ofício masculino, dentre tantos outros acontecimentos em que as mulheres se fizeram presentes, o lugar social do locutor-jornalista aponta para um memorável dopatriarcalismo, caracterizado pela supremacia masculina sobre as pessoas que fazem parte da sua organização social, principalmente as mulheres.

Ainda é possível dizer que o acontecimento enunciativo exposto nesta temática indica que a condição de esposa e mãe, edificadora do lar, era mais importante que os sonhos de independência feminina até a primeira metade do século XX. Isso pode nos dar uma dimensão

da luta das mulheres para combater o preconceito daquela sociedade onde o homem parece ser proclamado como um ser superior, cuja voz deveria ser sempre ouvida e posicionada em primeiro lugar.

3.2 CONSIDERAÇÕES GERAIS

Ao analisar as cenas enunciativas instituídas no acontecimento político representado na obra e documentos que constituem o *corpus* deste capítulo, identificamos sentidos produzidos por lugares sociais distintos, o que possibilitou a representação de vários DSD que apontaram para designações do ser homem e do ser mulher, ora marcadas por estereótipos relacionados à etnia, ora atreladas a uma enunciação religiosa que legitima o sentido de perfeição, ligado ao masculino, em oposição ao sentido de imperfeição, ligado ao feminino, ora atravessadas por enunciações que legitimam que lugar de homem é no espaço público, enquanto o lugar de mulher é no espaço doméstico.

O percurso percorrido para análise, do período colonial no Brasil até a primeira metade do século XX, nos permitiu compreender que a misoginia não perdeu sua força ao longo dos séculos, apesar da luta de muitas mulheres em prol da paridade social, da valorização e da consolidação dos direitos conquistados. Os sentidos ememoráveis aqui apresentados corroboram as afirmações de muitos pesquisadores com trabalhos inseridos na obra, como é o caso de Louro (2006), a qual afirma que, mesmo com o regime da República, Estado e Igreja continuaram determinando o modo de ser de homens e mulheres, colocando-os, ainda, numa posição de superioridade versus inferioridade, respectivamente.

Não se pode negar, contudo, algumas conquistas femininas, o que colaborou para que homens e mulheres construíssem uma nova biografia, agora constituída de outros significados que os auxiliam na compreensão dos sentidos do masculino e do feminino, dos seus direitos, o que contribui para que as relações de ambos sejam instituídas por constantes negociações.

É possível dizer, ainda, que os sentidos e os memoráveis identificados neste capítulo originam interpretações que nos provocam a pensar sobre os enunciados do Livro Didático *Português Linguagens*, objeto principal desta pesquisa, indagar se existem relações entre estes enunciados e os acontecimentos políticos que marcaram a história de homens e mulheres no Brasil, no período retratado pelos escritos aqui analisados. Se levarmos em consideração que Locutores do referido período falam de lugares sociais que apresentam memoráveis de acontecimentos ocorridos antes da era cristã, não nos parece ser leviano afirmar que o Livro

Didático em análise pode, em seus enunciados, legitimar discursos atravessados por estereótipos, principalmente no que diz respeito ao feminino, seus papéis e conquistas.

E falando em conquistas, discutiremos, no capítulo que segue, sobre os sentidos que constituem homens e mulheres, no lugar do movimento feminista abordado pela teoria pós-estruturalista de gênero.

4 O ACONTECIMENTO POLÍTICO DE GÊNERO E SUAS CONCEPÇÕES DO SER HOMEM E DO SER MULHER

Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo.

Guacira Lopes LOURO(2003a)

4.1 MOVIMENTOS FEMINISTAS: UM ACONTECIMENTO POLÍTICO DE CONFLITOS E MUDANÇAS

Retomando Guimarães (2005a; 2005b), para quem o acontecimento é um espaço onde passado e presente se relacionam, gerando sempre uma nova temporalização, é possível dizer que as questões de gênero, desde o início, se firmaram como um acontecimento político, já que é um lugar onde os sentidos são constituídos, entram em conflito, se dividem mediante o funcionamento da língua acontecendo com os falantes, aqui se destacando aqueles que se engajam nos movimentos feministas e nos estudos acerca de gênero, que têm possibilitado novos sentidos para o ser homem e o ser mulher, bem como aqueles que se opõem a tais movimentos, combatendo as mudanças que vêm se firmando ao longo do tempo, no que diz respeito às relações entre mulheres e homens.

O acontecimento político de gênero, embora faça parte da história da humanidade desde as primeiras organizações dos grupos sociais, ganha destaque a partir dos movimentos realizados por feministas, classificados em três fases, a saber: *primeira onda*, *segunda onda* e *terceira onda*.

A negação da ideia de que a identidade biológica era a única forma de se identificar o ser homem e o ser mulher na sociedade marcou a *primeira onda* do movimento feminista. Isso porque, para Valcárcel (2004), tal concepção legitimava a exclusão das mulheres das políticas sociais, do campo dos bens de direitos, uma vez que ser fêmea a colocava numa posição de inferioridade, de submissão. Ele representava a cultura, a intelectualidade, a razão, as instituições. Ela, a natureza, por isso estava destinada a cumprir apenas o seu papel de reproduzir a espécie, ser esposa e mãe.

Segundo Beauvoir, enquanto o corpo masculino era visto como “uma relação direta com o mundo”, o corpo feminino era considerado como algo “sobrecarregado por tudo o que o especifica: um obstáculo, uma prisão”. E essa relação da identidade biológica com o público

e o privado criou condições de desigualdade entre homens e mulheres, contribuindo para que eles sempre estivessem em condições mais vantajosas que elas (BEAUVOIR, 1970, p. 10).

Esse acontecimento provocou a discussão, entre feministas, de que a fisiologia genital era a responsável pelos tratamentos díspares recebidos por mulheres e homens na sociedade, colocando estes numa posição de superioridade em relação àquelas, naturalizando, desse modo, discursos propagadores da desigualdade e da exclusão social, dentre eles o discurso de negação ao direito de votar (SCOTT et al., 2012). Assim, há uma reivindicação das mulheres por uma educação igual à oferecida aos homens, bem como pela participação social e política feminina, começando pelo direito ao voto. Todavia, a repressão que marcou o movimento contribuiu para que outros acontecimentos surgissem, indicando que a busca pela igualdade, apenas, sem considerar as relações de poder que se constituem entre homens e mulheres, fragilizava as manifestações (ALVES; PITANGUY, 1991; VALCÁRCEL 2004).

E são esses acontecimentos que instituem a *segunda onda*, marcada pela continuidade da luta pelos direitos à educação (já que a conquista anterior limitou-se ao ensino primário), somando-se à luta por direitos políticos e melhores condições de trabalho. Também foi chamada de sufragista, por causa da luta feminina pelo direito de votar e ser votada. Uma das discussões que marcaram os debates desse acontecimento político diz respeito ao uso do termo solidariedade nas reivindicações, por entenderem que a raiz da palavra fraternidade (*frater*: irmão/homem), um dos termos que compõem o lema da Revolução Francesa (liberdade, igualdade, fraternidade), é marcada por sentidos que posicionam o homem numa condição de igualdade, e a mulher numa condição de marginalização, já que a exclusão feminina das discussões e decisões políticas era fato registrado em lei (ALVES; PITANGUY, 1991; VALCÁRCEL 2004).

A *terceira onda* traz para os espaços de discussão novos dizeres sobre o ser mulher e o ser homem. Beauvoir (1967; 1970) desconstrói enunciações de que a falta de inteligência é intrínseca à natureza feminina, de que o homem já nasce com a intelectualidade, daí ser natural determinar que os espaços de decisões políticas, das instituições escolares, os melhores salários, os melhores cargos no mercado de trabalho, dentre tantos outros benefícios, sejam destinados a eles. A autora discute, dentre tantos outros assuntos, a forma como a mulher aprende, como vivencia suas experiências, e principalmente como, apesar de ser treinada para ser alienada, resiste a esta alienação.

Segundo a autora, “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, p. 9). Em outras palavras, o ser humano aprende, nas relações sociais, a ser homem e a ser mulher, aceitando como naturais as normas de comportamento estabelecidas para cada um. E

para cumprir tais normas, ambos são educados de forma diferente, com regras de comportamento distintas. A elas é imposta a disciplina, para aprenderem a ser mulher, a se comportarem como mulher, a ter sentimentos rotulados como tipicamente femininos. A eles são apresentadas a liberdade e a autonomia, a fim de aprenderem a ser fortes, superiores. As discussões da referida autora contribuíram para a publicação de uma infinidade de pesquisas acerca das condições e dos papéis das mulheres na sociedade, apresentando novas concepções que contribuem para a construção de outros sentidos para a categoria de gênero. Uma dessas concepções assevera que as relações entre homens e mulheres não são baseadas em critérios biológicos, mas sociais. Desse modo, o masculino e o feminino são construções culturais, seus comportamentos são internalizados mediante interação social com grupos que condicionam eles e elas a cumprirem funções sociais específicas e diversas (ALVES; PITANGUY, 1991).

Essas discussões contribuem para o desenvolvimento de estudos acerca de gênero, cuja concepção relaciona-se com as afirmações de que as definições do ser homem e do ser mulher são resultantes de uma construção social. Em 1986, a historiadora Joan Scott publica o artigo intitulado *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, no qual aponta a existência de “ligações explícitas entre o gênero e o poder”. Influenciada pelas ideias foucaultianas, Scott define o gênero como um saber sobre as diferenças sexuais, sendo nessa relação entre saber e poder que os sentidos de ser homem e de ser mulher se constituem. Para a autora, o gênero “se refere à oposição homem/mulher e fundamenta ao mesmo tempo o seu sentido”. Diz, ainda, que “a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se, ambos, partes do sentido do próprio poder”, e chama a atenção para a importância de se compreender que “o gênero tem que ser redefinido e reestruturado em conjunção com uma visão de igualdade política e social que inclui não só o sexo, mas, também, a classe e a raça” (SCOTT, 1989, p. 10-11).

Em 1990 Judith Butler publica *Problemas de Gênero*, obra na qual afirma que a consciência de ser mulher ou homem é desenvolvida no meio em que se vive, influenciada por fatores sociais diversos. O gênero, diz a autora, “estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas”. Assim, conclui, não nascemos homens e mulheres, mas nos construímos como homens e mulheres, influenciados pelas relações sociais. Não é o corpo ou o sexo que determina o gênero, uma vez que o conceito de homens e mulheres pode estar relacionado a corpos totalmente diferentes daqueles estipulados pela sociedade. Em outras palavras, “homens e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um

masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino” (BUTLER, 2015, p. 21; 26).

O espaço de enunciação brasileiro também foi envolvido por esses acontecimentos que mudaram comportamentos de mulheres e homens, construindo outros sentidos para sua história. Segundo Corrêa (2001), o movimento feminista em nosso país destacou-se na década de 1970, e ocorreu articulado com outros movimentos sociais que aqui aconteciam, os quais lutavam por “direito à moradia, melhores condições de vida, até a construção de creches em fábricas e universidades, como também pela anistia para os presos políticos, contra o racismo, pelos direitos dos indígenas e homossexuais” (p. 13-14).

Ainda segundo a autora, há também uma articulação do movimento com os estudos de gênero, o que corrobora a afirmação da pesquisadora Guacira Louro, ao dizer que os estudos feministas passaram a ter um caráter político quando o espaço acadêmico começou a pesquisar sobre a história de vida das mulheres, cedendo espaço a pesquisadoras e pesquisadores que estudavam a vida feminina intensamente, e tais estudos já não se contentavam apenas com simples descrições. Assim, assevera a autora, “o conceito de gênero está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo. Constituinte desse movimento, ele está implicado linguística e politicamente em suas lutas” (LOURO, 2003a, p.14).

Influenciada por algumas discussões de Scott e Butler, no que diz respeito ao gênero, Louro afirma que, ao dar ao gênero um caráter social, as pesquisadoras mencionadas não pretendem negar que a constituição da referida categoria ocorre “com ou sobre corpos sexuados”, elas não negam a biologia, e sim enfatizam “a construção social e histórica produzidasobre as características biológicas” (LOURO, 2003a, p. 22).

A autora também ressalta que não podemos considerar a relação entre homens e mulheres a partir de uma concepção de que os primeiros são sempre os dominadores, e as últimas, as vítimas da opressão. Mulheres e homens, diz a autora, “através das mais diferentes práticas sociais, constituem relações em que há, constantemente, negociações, avanços, recuos, consentimentos, revoltas e alianças”. Caracterizar, então, o relacionamento entre homens e mulheres como marcado, exclusivamente, por atos de opressão é redutor, pois tal relacionamento se processa a partir de “práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas. Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder” (LOURO, 2003a, p. 39 - 41).

Observando esses acontecimentos políticos, responsáveis pelos diversos dizeres acerca de gênero, bem como pela produção de sentidos para o feminino e para o masculino, é

possível dizer que as novas enunciações produzidas em tais acontecimentos refletem o funcionamento das línguas num processo intenso de disputa pelo direito de dizer e de como dizer. Cada movimento e reivindicação, cada denúncia, repressão e resistência, bem como as novas concepções sobre o ser homem e o ser mulher enunciam de lugares sociais diferentes, contribuindo para que tais espaços sejam marcados por múltiplas interpretações, as quais dão origem a novos acontecimentos e a novas disputas.

Como dizem Scott *et al.*(2012, p. 332), “parece não haver um único lugar no qual o gênero possa confortavelmente ou finalmente repousar. E é justamente por isso que estes debates são políticos. As disputas políticas que se seguem a partir da incerteza sobre gênero, levam a uma proliferação dos seus significados”. Sendo assim, “gênero é a lente de percepção através do qual os significados de macho/fêmea, masculino/feminino” são compreendidos. Por isso, analisá-lo “constitui um compromisso crítico com estes significados, a tentativa de revelar suas contradições e instabilidades”, e como as mesmas se manifestam na vida das pessoas.

Para melhor compreender esse processo, analisamos algumas cenas enunciativas destacadas de duas obras escritas por pesquisadoras feministas: *Problemas de Gênero*, de Judith Butler, e *Gênero Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*, de Guacira Louro. A escolha da primeira obra justifica-se pelo fato da mesma ter influenciado os estudos de gênero, numa perspectiva pós-estruturalista, no espaço de enunciação brasileiro, instituindo, ainda hoje, lugares sociais de dizeres distintos, gerando com isso um debate conflituoso, marcado pelo convencimento e pela discordância. Já a segunda foi escolhida porque, além de utilizar uma perspectiva pós-estruturalista, discute gênero no espaço político educacional, o que vai ao encontro da nossa proposta de análise do livro didático, no último capítulo desse trabalho.

A opção por fazer uma análise semântica dessas duas obras justifica-se pelo desejo de compreender se há correlações de sentidos entre as cenas enunciativas que nelas se apresentam e aquelas que constituem o livro didático (LD) utilizado como objeto principal desta pesquisa. Além disso, objetiva-se verificar se existem enunciados no LD remetendo a memoráveis de acontecimentos políticos que marcaram a luta feminina em prol da sua visibilidade e dos seus direitos.

4.1.1 Conhecendo o corpus

Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade (BUTLER, 2015) teve sua primeira edição publicada em 1990, nos Estados Unidos, e é o primeiro livro da autora traduzido no Brasil. Butler desconstrói o conceito de gênero, ao problematizar o binarismo sexo/gênero vigente no movimento feminista, criticando a ideia de que sexo é natural e o gênero é socialmente construído. Para a autora, assim como o gênero, o sexo também é discursivo e cultural.

Influenciada pelo pensamento foucaultiano, ela defende que o binarismo é o resultado de práticas discursivas que funcionam como regimes de poder, apontando o falocentrismo e a heterossexualidade como elementos que definem essa construção. Apresenta também uma crítica à afirmação de que existe apenas uma identidade, ressaltando a existência de identidades, pensadas no plural, e não no singular. Nesse sentido, a autora contrapõe a ideia de que existe uma identidade fixa, afirmando que as identidades estão sujeitas à transformação, por isso é necessário compreendê-las não como posições estruturais rígidas, mas como lugares temporais, dinâmicos, que se conectam e se inter-relacionam uns com os outros.

Assim, a conquista da liberdade implica primeiramente na subversão dessas identidades. De acordo com a autora, as questões relacionadas ao gênero não ocorrem de forma coerente nem consistente nos distintos contextos históricos. Ele estabelece uma relação interseccional com modalidades diferenciadas, como a classe, a raça, a etnia, a sexualidade, “estabelecendo identidades discursivamente constituídas”. Desse modo, “é impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida” (p. 9-10).

Gênero Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista (LOURO, 2003a) é uma obra cuja autora aponta para a existência de identidades múltiplas e flexíveis, e ao tratar das identidades de gênero, afirma que estas se constroem mediante a identificação social e histórica dos sujeitos como masculinos e femininos.

Assim como Butler, Louro se utiliza de conceitos foucaultiano para problematizar algumas discussões em sua obra. Um exemplo é quando afirma que homens e mulheres se fazem mediante práticas e relações que instituem os modos de ser e de estar no mundo, ou seja, os gêneros se produzem nas e pelas relações de poder. Essas práticas e relações, segundo a autora, estão inseridas nas instituições, dentre elas a escola, que as imprime sobre os sujeitos, utilizando mecanismos diversificados, produzindo identidades, dentre elas a de

gênero, pelo viés da desigualdade, da divisão entre mulheres e homens, fortalecendo, desse modo, a manutenção das diferenças de gênero existentes na sociedade.

4.1.1.1 O sentido do feminino e do masculino, em Butler

Uma das afirmações defendidas pela teoria butleriana, representada na obra em análise neste estudo, é a de que gênero e sexo não se determinam, pois são culturalmente construídos. As discussões da autora provocam reflexões acerca das identidades de gênero, a começar pela afirmação, partindo da declaração de Simone de Beauvoir (1967, p.9) – “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” –, de que o tornar-se mulher ou homem não significa que ela é fêmea e ele é macho.

Segundo a autora, a concepção beauvoiriana acerca de corpo, identificando-o como *uma situação*, revela-o como matéria muda, interpretado por sentidos que nele são instituídos pela cultura. Discordando desta concepção, ela afirma que “o corpo é em si mesmo uma construção, como o é a miríade de ‘corpos’ que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero” (BUTLER, 2015, p.30). Outra crítica que faz está relacionada ao binarismo, no que diz respeito ao gênero, ou seja, à concepção de que homem e mulher, masculino e feminino são as únicas formas de representação da sexualidade. Para a autora, “o gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado”. Ele “tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos” (BUTLER, 2015, p. 27).

Embora o foco central de sua discussão seja o dualismo sexo/gênero, Butler vai além, ao problematizar questões relacionadas à etnia, às classes sociais, ao modo como a sociedade cria padrões que, segundo ela, excluem aqueles que não se encaixam em suas normas, empurrando-os para uma situação de confinamento, de silêncio e de invisibilidade.

A partir dessas considerações, passemos, agora, à análise. Selecionamos recortes em que a autora apresenta suas concepções acerca do ser homem e do ser mulher (identificações usadas também como masculino e feminino). Como dois dos três capítulos que compõem a obra em análise apresentam uma discussão ampla de teorias de outros pesquisadores¹³,

¹³No capítulo 2, *Proibição, psicanálise e a produção de matriz heterossexual*, a autora problematiza gênero a partir das teorias de Lacan, Riviere e Freud. No capítulo 3, *Atos corporais subversivos*, a discussão parte das teorias de Julia Kristeva, Michel Foucault e Monique Wittig. Embora a autora apresente suas concepções teóricas, não encontramos, nestes capítulos, recortes em que apareçam, em seu dizer, as palavras homem/mulher, masculino/feminino, usadas como designação.

escolhemos apenas o primeiro capítulo, por este apresentar as concepções da autora, a respeito de gênero. Daí a justificativa para o número de recortes aqui analisados.

Vejamos, então, o sentido do masculino e do feminino na teoria bluteriana.

RI:Para a teoria feminista, o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representá-las completa ou adequadamente pareceu necessário, a fim de promover a visibilidade política das mulheres. **Isso parecia obviamente importante, considerando a condição cultural difusa na qual a vida das mulheres era mal representada ou simplesmente não representada**¹⁴ (BUTLER, 2015, p. 18).

O primeiro aspecto que chama a atenção no excerto é que o Locutor, o qual se divide em locutor-feminista, fala de um lugar que parece corroborar totalmente as discussões realizadas no acontecimento político feminista da primeira e da segunda onda. Todavia, embora acentue a importância da luta pela visibilidade feminina, um dos focos do referido acontecimento, a utilização do verbo *parecer* remete a uma situação de incerteza, o que nos possibilita interpretar que o Locutor diz do lugar do enunciador-individual, para fazer uma crítica ao fato dos locutores-feministas dos movimentos supracitados trazerem apenas a mulher para o centro das discussões, não levando em consideração as outras identidades de gênero. Mas também enuncia do lugar do enunciador-coletivo, já que concorda, em parte, com ideias defendidas nas primeiras manifestações feministas.

O dizer do Locutor remete ao memorável do acontecimento político denominado *Sufragismo*, o qual objetivava não só a conquista do direito feminino ao voto, como também o direito de ter participação ativa na política, nas universidades, de fazer manifestações denunciando as condições indignas de trabalho, dentre tantos outros direitos destacados na época. Outro memorável está relacionado a acontecimentos que denunciavam a falta de representatividade feminina no espaço político, demonstrando que, sem essa representação, a mulher tornava-se um ser sem história, invisível, destinada a ser apenas citada por quem, na visão das feministas, detinha o poder: o homem (BEAUVOIR, 1970; ALVES; PITANGUY, 1991; VALCÁRCEL, 2004).

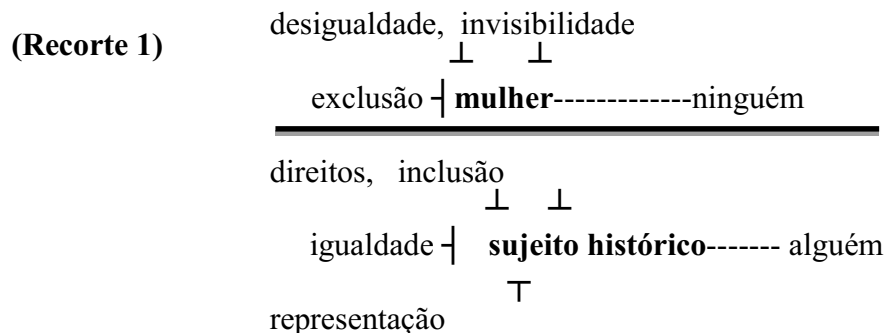
Ao falar de linguagem em sua enunciação, o locutor-feminista parece apontar para uma questão que ganhou força na terceira onda do feminismo, a qual ele parece representar: os estudos desenvolvidos nas áreas de Sociologia, Educação, Literatura, dentre outras, os quais, segundo Louro (2003a), contribuíram para o fortalecimento dos objetivos dos movimentos, uma vez que denunciaram, de acordo com a referida autora, a condição de subjugação de muitas mulheres. Ademais, a pesquisadora salienta que o espaço

¹⁴ Os grifos neste capítulo são nossos.

acadêmicopassou a pesquisar sobre a história de vida das mulheres, e tais estudos já não se contentavam apenas com simples descrições, exigiam explicações para a situação na qual a mulher se encontrava, ao mesmo tempo em que suscitavam discussões em prol de mudanças.

Ainda sobre esta questão da linguagem, a reescrituração por substituição, utilizada pelo Locutor logo no início do enunciado (*Para a teoria feminista, o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representá-las*), parece afirmar que as pesquisas desenvolvidas não visavam à representação de todas as mulheres de uma forma geral, mas apenas daquelas que faziam parte do movimento feminista. Todavia, o pronome demonstrativo (*isso*), reescrevendo a expressão *promover a visibilidade política das mulheres*, aponta para outra interpretação: a de que, mesmo tais pesquisas tendo como foco central a luta das mulheres feministas, tudo isso foi relevante para que ocorressem mudanças na vida das demais.

Sendo assim, a enunciação do lugar social do locutor apresenta um conjunto de sentidos que podem ser representados no seguinte DSD:



O DSD demonstra sentidos que representam a isenção feminina da vida social, o que a privou, segundo as feministas, de ter direitos, de ter uma representação política. Sendo assim, a mulher apresentada na cena enunciativa é determinada pela exclusão, desigualdade e invisibilidade. E se ela é invisível, é ninguém. Desse modo, opõe-se ao sujeito histórico, o qual é determinado pela inclusão, igualdade, representação e pelos direitos, o que o torna visível, ou seja, alguém.

A partir dessas considerações, é possível dizer que a cena enunciativa que se constitui no recorte um (R1) traz um conjunto de sentidos que podem ser parafraseados da seguinte forma:

(R1a) Mulher é um ser invisível, sem representação, sem direitos, sem participação política.

(R1b) *Os direitos, a igualdade, a inclusão e a representação são elementos inerentes ao sujeito histórico; logo, a mulher não é sujeito, é ninguém.*

O segundo e terceiro recortes apresentam cenas enunciativas com um locutor também feminista, o qual enuncia do lugar de enunciador-individual, já que defende a teoria da interseccionalidade, desconstruindo a ideia de gênero atrelada a uma identidade singular, e do lugar de enunciador-coletivo, uma vez que suas discussões são influenciadas por outras vozes que também defendem a ideia de que gênero vai além da binaridade homem/mulher.

R2: Se alguém 'é' uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da 'pessoa' transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas (BUTLER, 2015, p. 21).

R3: Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de 'homens' aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo 'mulheres' interprete somente corpos femininos. [...] *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino (BUTLER, 2015, p. 26).

A enunciação que se apresenta na cena enunciativa do recorte dois (R2) é marcada pela reescrituração. Primeiro por definição, apresentando um conceito do *ser mulher*, depois expandindo-o por toda a cena. Os pronomes *isso* e *tudo* substituem *mulher*, o que nos dá a possibilidade de interpretar que, para o Locutor, mulher não representa uma pessoa, mas uma identidade do ser humano. Já a repetição da palavra gênero parece apontar para o fato de que *mulher* é uma das identidades de gênero inerentes ao ser humano.

No que diz respeito à articulação, as ideias são interligadas pelo processo de coordenação, uma vez que o enunciado inicia com uma explicação de que *ser mulher*, apenas, não representa a diversidade identitária que permeia as discussões de gênero, finalizando com uma ratificação de que há outras modalidades relacionadas a tais questões (*e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas*).

É possível identificar, nesse recorte, um memorável atrelado ao silêncio referente a outros atores cujo movimento de resistência à negação dos direitos não era citado por alguns movimentos feministas da primeira e da segunda onda. Como exemplo, podemos citar

(R3a) Ser mulher é ser masculino e feminino.

(R3b) Ser homem é ser feminino e masculino.

É possível dizer, a partir dessas paráfrases, que o locutor-feminista, assumindo o dizer do enunciador-individual e coletivo, desconstrói o conceito de que masculino e feminino estão relacionados ao macho e à fêmea, à heterossexualidade, incluindo, desse modo, outras identidades até então isoladas, uma vez que não se “encaixavam” nesse conceito, sendo interpretadas como uma anormalidade. Tais identidades, ainda de acordo com o lugar social do locutor, apontam para as limitações instituídas pelos discursos reguladores que têm se legitimado na sociedade, ao mesmo tempo em que disseminam a transformação no que diz respeito à concepção do ser homem e do ser mulher.

A crítica estabelecida pelo lugar social do locutor remete a memoráveis de acontecimentos que trouxeram novas concepções ao palco das discussões de gênero. Um exemplo é a tese de que sexo/gênero são intercambiáveis, porque ambos estão imbricados nas marcas das construções socioculturais.

4.1.1.1 O sentido do feminino e do masculino, em Louro

A pesquisadora Guacira Louro corrobora a tese butleriana, a respeito de que tanto o gênero quanto o sexo são culturalmente construídos. Na obra aqui em análise (LOURO, 2003a), a autora afirma que os modos de ser mulher ou homem são instituídos socialmente, marcados por normas que regulam, condenam ou negam essas formas de se viver. Ademais, assevera que não é o biológico o responsável pela diferenciação relacionada ao gênero, mas o modo como o masculino e o feminino são representados, aquilo que se diz e se pensa sobre eles e elas.

Retomando o argumento butleriano de que *homem e masculino podem estar relacionados a corpos femininos e masculinos, e mulher e feminino podem estar relacionados a corpos masculinos e femininos*, a autora diz que as identidades sexuais e as identidades de gênero estão tão atreladas que é impossível separá-las. Todavia, não se pode pensar que ambas significam a mesma coisa, uma vez que “sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos ou índios, ricos ou pobres)”. Em outras palavras, as identidades dos sujeitos não são dadas nem se acabam num determinado tempo. Elas são construídas, são móveis, por isso se transformam de forma contínua. E é nas relações sociais, “atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, que os sujeitos vão se construindo como

masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e estar no mundo” (LOURO, 2003a, p. 27-28).

Estas constatações desconstroem, segundo a pesquisadora, a dicotomia (masculino/feminino) de gênero, a qual por muito tempo teve primazia nas discussões referentes aos papéis de mulheres e homens, ressaltando a superioridade destes em relação a elas. Afirma, também, que essa proposta de desconstrução possibilita a compreensão de que existem diferentes formas de feminilidade e de masculinidade, incluindo, dessa forma, os sujeitos que até então foram negados, por não se enquadrarem no modelo hegemônico de gênero, por viverem feminilidades e masculinidades diferentes.

Frente a essas considerações, passemos à análise do sentido do masculino e do feminino na obra da referida autora. Para tanto, escolhemos seis recortes, os quais se tornam *corpus* provocador de reflexões, a partir de agora.

R1: Tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito — inclusive como sujeito da Ciência (LOURO, 2003a, p. 17).

O Locutor da cena enunciativa apresentada no recorte um (R1) divide-se em locutor-feminista, que adere ao dizer de um enunciador-coletivo, o qual mostra o processo histórico de invisibilidade que, de acordo com o seu dizer, as mulheres enfrentaram durante séculos. Essa invisibilidade é ressaltada logo no início da cena enunciativa, com a articulação entre os pares antônimos *visível* e *ocultada*, ligados por uma reescrituração que substitui a palavra mulher (*aquela*), seguida por uma explicação do objetivo dos estudos feministas: *Tornar visível aquela que fora ocultada*.

A ligação dos elementos linguísticos, articulada por uma coordenação (*A segregação social e política*), indica que o dizer do Locutora aponta para uma afirmação de que as mulheres foram excluídas enquanto sujeitos políticos, tendo negados seus direitos sociais. Outra questão interessante é que o verbo *conduzir*, seguido pelo adjunto adverbial de modo (*a que as mulheres foram historicamente conduzidas*), assinala que esse processo de exclusão foi discursivamente construído. Isso nos remete a memoráveis de acontecimentos políticos, sociais e religiosos retratados por Araújo, em *História das Mulheres no Brasil* (2006), quando este descreve o modelo educativo que preparava as mulheres, desde cedo, para obedecer às normas estabelecidas pelas instituições responsáveis pela sua disciplina: a família, a igreja, o estado. Somado a tais memoráveis, havia ainda o discurso científico, representado pela

medicina, o qual, segundo Del Priore (2006), criou estereótipos para a mulher, identificando-a como imperfeita, frágil, útil para a reprodução da espécie, mas com fortes conexões com a presença do Demônio, daí a necessidade de discipliná-la.

Os sentidos produzidos nesta cena enunciativa nos levam ao seguinte DSD:

(Recorte 1)



O DSD da cena enunciativa em análise mostra sentidos distintos no que diz respeito à mulher. Primeiro, o locutor-feminista apresenta-se como um enunciador-coletivo, remetendo a memoráveis dos movimentos feministas que influenciaram as mudanças ocorridas na história das mulheres. Tais movimentos, de acordo com o referido locutor, visavam à representação da *mulher* como sujeito, assim ela é determinada pela visibilidade, um sujeito com direitos iguais aos demais, com direito à participação política e social. Estas designações entram em oposição com sentidos determinados por outro lugar social, também marcado pela coletividade, e apontado pelo locutor-feminista: o lugar do locutor-antifeminista, que se destacou naquele acontecimento político por defender a exclusão das mulheres dos espaços públicos e da participação político-social. Desse modo, a desigualdade, a segregação e a invisibilidade as determinam, colocando-as na condição de não-sujeito.

Esse conjunto de sentidos nos permite considerar as seguintes paráfrases:

(R1a) A mulher, na visão do movimento feminista, é um sujeito visível que constrói sua história e a históriada sociedade onde está inserida.

(R1b) A mulher, na visão do movimento antifeminista, é um não-sujeito, um ser sem história própria, segregada a uma condição de isolamento e invisibilidade político-social.

A cena enunciativa que compõe o recorte dois (R2) apresenta um Locutor que se divide também em locutor-feminista, o qual fala do lugar de um enunciador-coletivo, apresentando uma realidade oposta àquela em que mulheres viviam confinadas a uma situação de segregação, como revelou o enunciado do recorte anterior. A enunciação que aqui se apresenta aponta para a resistência de algumas mulheres que, na contramão dos discursos

legitimadores do isolamento feminino no ambiente doméstico, fazem parte da classe trabalhadora. Essa participação no espaço público, no entanto, não minimizou as dificuldades para ascensão nos cargos de trabalho. Vejamos:

R2: É preciso notar que essa invisibilidade, produzida a partir de múltiplos discursos que caracterizaram a esfera do privado, o mundo doméstico, como o "verdadeiro" universo da mulher, já vinha sendo gradativamente rompida por algumas mulheres. Sem dúvida, desde há muito tempo, as mulheres das classes trabalhadoras e camponesas exerciam atividades fora do lar, nas fábricas, nas oficinas e nas lavouras. Gradativamente, essas e outras mulheres passaram a ocupar também escritórios, lojas, escolas e hospitais. Suas atividades, no entanto, eram quase sempre (como *são* ainda hoje, em boa parte) rigidamente controladas e dirigidas por homens e geralmente representadas como secundárias, 'de apoio', de assessoria ou auxílio, muitas vezes ligadas à assistência, ao cuidado ou à educação (LOURO, 2003a, p. 17).

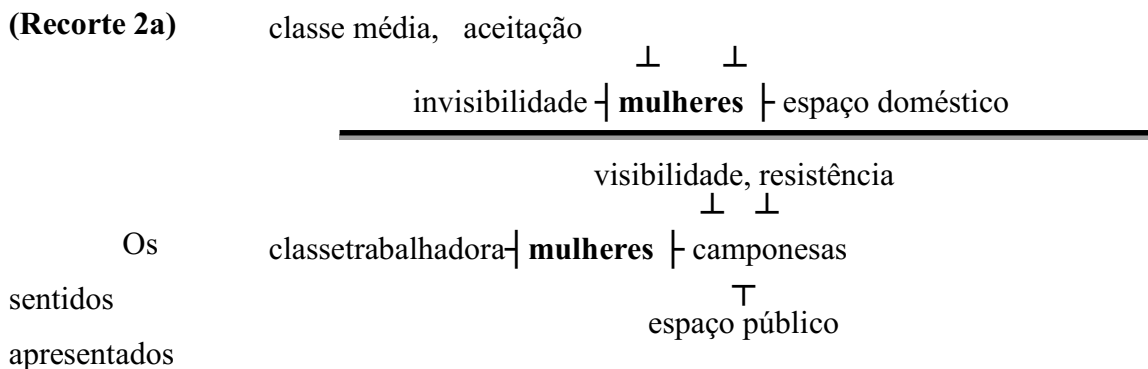
Os enunciados que iniciam a cena enunciativa remetem ao memorável de um acontecimento religioso e patriarcal que estabelecia o espaço doméstico como o único lugar onde a mulher, *a rainha do lar*, deveria atuar, cuidando da família, da harmonia e do embelezamento do ambiente. Parece haver uma crítica do locutor-feminista em relação a esse conceito, o que pode ser interpretado pelo fato de o adjetivo *verdadeiro* ser marcado pelas aspas. Ao falar do rompimento desse discurso, por parte de algumas mulheres, o Locutor aponta para o memorável atrelado ao movimento de mulheres que sempre resistiram às leis de disciplinamento feminino, uma vez que muitas delas necessitavam de trabalhar para garantir não só a própria sobrevivência, mas a de toda a família (DEL PRIORE, 2006). Nesse sentido, o Locutor parece chamar a atenção para esse acontecimento, ao utilizar uma articulação por dependência (*as mulheres das classes trabalhadoras*), seguida de uma coordenação (*e camponesas*), o que nos leva à interpretação, partindo da utilização do artigo definido na primeira articulação, de que as mulheres pertencentes a classes sociais financeiramente abastadas tinham menos liberdade que aquelas cujo trabalho remunerado tornava-se imprescindível para a sobrevivência.

Quando fala do rompimento, por parte dessas mulheres, com os discursos determinantes do seu "verdadeiro" lugar, a presença do adjunto adverbial de modo (*gradativamente*), na fala do Locutor, pode estar apontando para a luta contínua delas para conquistarem o espaço público nas mesmas condições que os homens, situação demonstrada no final da enunciação, quando são apresentados os desafios por elas enfrentados: de um lado, a conquista do espaço público; do outro, as dificuldades para assumirem cargos não secundários, a rigidez e o controle exercidos por parte dos homens, seus dirigentes. Nesse sentido, embora livres do isolamento doméstico, elas enfrentam o processo histórico de

subordinação fora do lar, têm seus passos vigiados e controlados pelo patrão, através de quem o representa: um homem.

Outro fato interessante na cena enunciativa é a voz de um enunciador-individual, marcada no enunciado destacado nos parênteses: *Suas atividades, no entanto, eram quase sempre (como são ainda hoje, em boa parte) rigidamente controladas e dirigidas por homens[...]*. Ao aderir ao lugar desse enunciador, o Locutor parece apontar para um acontecimento político do presente, a luta que ainda é travada pelos movimentos feministas, em prol da valorização feminina no espaço profissional, de direitos trabalhistas iguais àqueles vivenciados pelos homens, de participação igualitária em cargos de gestão. Mas o enunciado também remete a um memorável atrelado a acontecimentos que denunciaram a situação degradante a que mulheres eram submetidas em seu ambiente de trabalho, no espaço público.

Frente a esta análise, a cena enunciativa do recorte dois (R2) nos apresenta um conjunto de sentidos que podem ser representados por dois DSD:



pelo DSD 2a nos auxiliam na interpretação de que a vida das mulheres de classe média, na visão do locutor-feminista, estava em oposição à vida das trabalhadoras e camponesas, estas determinadas pela visibilidade, pela resistência e pelo espaço público, aquelas marcadas pela invisibilidade, pelo espaço doméstico e pela aceitação da situação subordinada em que estavam inseridas. Contudo, a partir do enunciado marcado por uma conjunção adversativa (*Suas atividades, no entanto, eram quase sempre rigidamente controladas e dirigidas por homens...*), esta oposição é extinta, apontando para situações igualitárias vivenciadas por ambas as classes de mulheres. Isso nos leva ao segundo DSD:

(Recorte 2b)

**mulheres de classe média ----- mulheres da classe trabalhadora
e camponesas**

 T T
subordinação subordinação

Podemos pensar, a partir da observação do DSD, que apesar da luta das camponesas e mulheres das classes trabalhadoras para romper com a situação de subordinação a que mulheres eram submetidas há séculos, como bem afirmam pesquisadores de gênero¹⁵, quando diz respeito ao espaço de trabalho, a situação das mesmas está em consonância com a vida das mulheres de classe média, uma vez que também vivem numa condição subalterna, no espaço público.

Dando continuidade à análise, é possível organizar os sentidos marcados na cena enunciativa, nas seguintes paráfrases:

(R2c) Mulheres de classe média se submetem à condição isolada do espaço doméstico.

(R2d) Mulheres da classe trabalhadora e camponesas resistem à condição isolada do espaço doméstico, mas se submetem ao controle masculino no espaço público.

O recorte três (R3) é composto por uma cena enunciativa cujos enunciados apontam para um memorável ligado ao acontecimento político que marcou a teoria pós-estruturalista de gênero, a saber: as discussões de que gênero abrange não apenas as questões relacionadas às mulheres, mas também aos homens, às diversas identidades que constituem elas e eles, a exemplo da etnia, da raça, da sexualidade, da cultura. Passemos, então, ao recorte:

R3: Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (LOURO, 2003a, p. 41).

O locutor-feminista enuncia através de uma voz coletiva, marcada pela articulação coordenativa que une *homens e mulheres, suas práticas e relações, seus modos de ser e de estar no mundo, suas formas de falar e de agir*, o que nos permite dizer que o mesmo fala de um lugar que institui um novo sentido ao masculino e ao feminino, diferente daqueles que marcaram o acontecimento político da *primeira* e da *segunda onda* do movimento feminista,

¹⁵A exemplo de Araújo, Bassanezi e Figueiredo (2006), já citados neste trabalho.

cuja luta, como ressaltam Scott *et al.* (2012), colocava a mulher no centro das discussões, excluindo o homem e as categorias interseccionais que perpassam as questões de gênero.

O dizer do referido Locutor remete ao memorável de outro acontecimento político que marcou a terceira fase do feminismo: a tese butleriana, filiada a Beauvoir (1967;1970), mas ampliada, para atender as diversas categorias de gênero, de que homens e mulheres não nascem prontos, vão se construindo como mulher e homem, influenciados por diversos fatores sociais que perpassam suas identidades. Outro memorável que se apresenta na voz coletiva a partir da qual o Locutor enuncia está atrelado aos debates de feministas da *terceira onda*, as quais, influenciadas pela teoria foucaultiana, defendem que *mulheres e homens se produzem nas e pelas relações de poder*.

A presença do adjunto adverbial *apenas*, na enunciação do Locutor, ao dizer que *Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura*, nos possibilita interpretar que existe aí certa crítica à afirmação de que os corpos são recipientes que recebem passivamente as inscrições de gênero. Tal crítica é reforçada, a nosso ver, pelo uso da reescrituração por substituição (*eles e elas*) seguida pela voz verbal reflexiva que traz a ideia de performance (*se fazem*), termo utilizado por Butler (2015) para representar as ações reiteradas incessantemente por homens e mulheres, reatualizando discursos histórica e culturalmente construídos.

Assim, os sentidos instituídos pela cena enunciativa do recorte três (R3) nos levam ao seguinte DSD:

(Recorte 3)

repressão	práticas discursivas	
	⊥	⊥
censura	oser mulher e o serhomem	relações de poder
	⊥	⊥
identidades	comportamento	

As determinações que designam o ser homem e o ser mulher, partindo da enunciação instaurada na cena enunciativa do recorte em análise, possibilitam a interpretação de que as questões de gênero não podem ser discutidas a partir da concepção de que homens e mulheres são constituídos e se constituem na sociedade apenas como pares opostos, uma vez que ambos são determinados pela censura e pela repressão, por modos de dizer que estabelecem as relações de poder que tanto impõem quanto negociam as normas comportamentais e as identidades nas quais eles e elas se inscrevem. Desse modo, é possível identificar, no discurso

do Locutor, uma constatação de que as relações instituídas por mulheres e homens são marcadas por conflitos e recuos, mas também por progressos e alianças.

Podemos pensar, frente a estas considerações, nas seguintes paráfrases:

(R3a) As relações de gênero são conflituosas.

(R3b) O respeito à igualdade de direitos deve ser um princípio norteador das relações de gênero.

Os recortes quatro (R4) e cinco (R5) trazem uma enunciação que remete ao memorável de acontecimentos que determinaram normas para o exercício da docência masculina e feminina, mostram sentidos constituídos para essa profissão, antes exercida apenas por homens. Vejamos o sentido que, segundo Louro (2003a), era instituído para o homem e para a mulher professora:

R4:[...] professores homens foram apresentados como bondosos orientadores espirituais ou como severos educadores, sábios mestres, exemplos de cidadãos... Diversos grupos e vozes desenharam esses sujeitos (LOURO, 2003a, p. 100).

R5:[...] essa era uma mulher que falhara, pois carregava para sempre o insucesso de não ter casado e não ter tido filhos; por outro lado, ela era uma mulher que tinha uma instrução mais elevada, trabalhava fora do lar, com uma possibilidade de circulação pelo espaço público maior do que as demais mulheres. Além disso, ela exercia uma atividade remunerada, o que podia garantir seu sustento ou, eventualmente, de pessoas sob sua dependência. De algum modo — ainda que com evidentes restrições — essas solteironas usufruíam de certas prerrogativas masculinas. Certamente elas eram um pouco ‘diferentes’ das outras mulheres (LOURO, 2003a, p. 104-105).

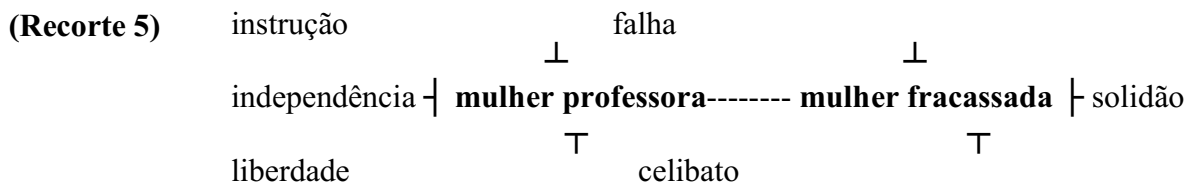
O recorte quatro (R4) apresenta qualificações para os *professores homens* que podem ser consideradas como uma reescrituração por definição, se pensarmos na seguinte paráfrase: *Professores homens são bondosos, orientadores espirituais, severos educadores, sábios mestres, exemplos de cidadãos*. Tais qualificações parecem fazer parte de um discurso coletivo, se levarmos em consideração a articulação por coordenação que aparece no final do enunciado (*Diversos grupos e vozes desenharam esses sujeitos*). Já o recorte cinco (R5) é marcado por uma reescrituração por repetição, apresentando uma situação contraditória (*uma mulher que falhara/ uma mulher que tinha instrução*) e ao mesmo tempo mostrando que a inserção no espaço público lhe trazia independência, mas a privava do casamento e da maternidade, o que é reforçado por outra reescrituração, dessa vez por substituição (*solteironas*).

O lugar social de locutor-feminista que se apresenta na cena enunciativa do quarto recortere remete a um memorável que aponta para um acontecimento político onde a profissão

intensa quanto a tarefa de ser esposa e mãe, além de requerer um modelo que não influenciasse os alunos¹⁶ a pensar sobre sua sexualidade. Sendo assim, o casamento trazia como consequência os filhos, e a gravidez de uma professora provocaria uma curiosidade proibida de ser esclarecida.

Por outro lado, a frustração de não poder ser esposa, mãe e professora ao mesmo tempo era compensada pela independência financeira, pela liberdade de poder circular em público com mais facilidade que as *demais mulheres*, pelos laços de afetividade criados com os alunos.

Podemos dizer, por esta análise, que um DSD para os sentidos que se instituem para a mulher professora pode ser:



O DSD nos impulsiona para a interpretação que pode levar às seguintes paráfrases:

(R5a) *A mulher professora é símbolo de conquista.*

(R5b) *A mulher professora é símbolo de fracasso.*

É possível compreender, frente a estas paráfrases, dois sentidos funcionando. O primeiro, atrelado a memoráveis de acontecimentos que foram determinantes para a conquista do espaço público pela mulher professora, para a obtenção da liberdade de circular nos mesmos espaços que os homens, bem como para a sua independência financeira, a qual lhe permitia viver sem a necessidade de um esposo para lhe sustentar. O segundo, ligado a memoráveis relacionados a acontecimentos que originaram a criação de uma imagem caricaturada dessa profissional, marcada pela falta de atrativos, pela incapacidade de conquistar um marido, pela severidade. Uma mulher destinada a viver solteirona, representada por estereótipos que por muito tempo fizeram parte da sua existência, desde a forma de se vestir até o modo de se comportar na sociedade. Tais sentidos estão ligados ao recorte seis (R6):

R6: As mulheres professoras — ou para que as mulheres possam ser professoras — precisam ser compreendidas como ‘mães espirituais’. O trabalho fora do lar, para elas, tem de ser construído de forma que o aproxime das atividades femininas em

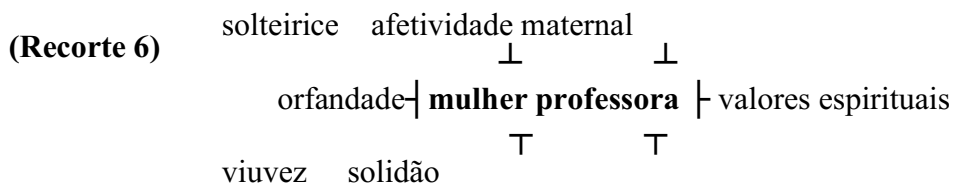
¹⁶ Com o advento da indústria, os homens abandonam a profissão docente, ficando para as mulheres a tarefa de educar, também, os meninos.

casa e de modo a não perturbar essas atividades. Assim, as mulheres que vão se dedicar ao magistério serão, a princípio, principalmente as solteiras, as órfãs e as viúvas. Nos primeiros tempos, quem vai, efetivamente, exercer a profissão são as mulheres ‘sós’ (LOURO, 2003a, p. 104).

É interessante analisar, nesta cena enunciativa, que uma das qualificações da mulher professora (*mães espirituais*) tem o mesmo objetivo daquela exigida para o homem professor (*orientador espiritual*), ou seja, ambos tinham a tarefa de instruir os seus alunos acerca dos valores que deveriam adquirir, para viverem em sociedade. Contudo, diferentemente das professoras, os professores não tinham a obrigação de se comportarem como “pais”, e sim como orientadores.

Outra questão é que a explicação que se apresenta no dizer do locutor-feminista (*ou para que as mulheres possam ser professoras*) apresenta uma condição para que a mulher exerça a profissão docente: a disponibilidade para ser mãe. E a ligação entre o espaço público da sala de aula e o espaço privado do lar é destacada como uma obrigatoriedade, como pode ser visto no enunciado onde o verbo *ter*, articulado com a preposição *de* e o verbo *ser*, aponta para uma situação onde não há possibilidade de escolha (*tem de ser construído de forma que o aproxime das atividades femininas em casa e de modo a não perturbar essas atividades*). Além disso, a finalização da informação, iniciada pela conjunção aditiva (*e*) reitera a importância do papel de mãe espiritual, para que os valores ensinados em sala de aula sejam uma continuidade daqueles ensinados em casa.

E assim chegamos ao seguinte DSD:



O DSD apresenta as qualificações exigidas para que uma mulher pudesse exercer a profissão docente e expõe, também, que os sentidos instituídos para essas mulheres proporcionaram-lhes uma vida pública, uma instrução diferente daquela que as demais mulheres receberam, mas destinaram a elas uma existência solitária, desprofissionalizaram a sua atividade docente, uma vez que esta foi se tornando uma espécie de recompensa, pela sua falha em constituir uma família. Como professoras, essas mulheres poderiam cumprir sua função feminina, sendo mães afetivas dos seus alunos. E sendo “mães”, deveriam se contentar

apenas com uma remuneração básica para a sua sobrevivência, já que a maternidade é uma doação (LOURO, 2006).

4.2 CONSIDERAÇÕES GERAIS

As cenas enunciativas instituídas no acontecimento político da teoria pós-estruturalista de gênero, representado nas obras que compõem o *corpus* de análise deste capítulo, remetem a memoráveis ligados a outros acontecimentos já referenciados nesta pesquisa: memoráveis que apontam para enunciações marcadas por vozes coletivas oriundas de um lugar onde se legitima a disparidade entre homens e mulheres; memoráveis que demonstram acontecimentos políticos que provocaram mudanças nos modos de ser homem e de ser mulher na sociedade, que instituíram outros sentidos para o masculino e feminino, contribuindo para a elaboração de uma teoria que estabelece outros significados para o gênero, para o corpo e para o sexo, incluindo, nessas novas relações de sentido, aqueles e aquelas que até então eram *invisíveis*, segundo as autoras das obras analisadas, nos movimentos em prol da consolidação dos direitos de mulheres e homens.

Nesse sentido, é possível pensar que tais acontecimentos estão atrelados, e ainda hoje se apresentam inter-relacionados ou individualizados, em enunciações com Locutor dividido de formas distintas e com modos de dizer também diferentes. Eles estão presentes em materialidades comunicativas diversas, provocando uma discussão que se renova continuamente, incitando, como diz Guimarães (2005b), os desiguais a se colocarem como iguais, a legitimarem o seu dizer e o seu modo de dizer, a terem o direito de serem ouvidos e compreendidos, de serem constituídos como sujeitos, de assumirem a palavra, mesmo quando esta lhe é negada.

Identificados como uma dessas materialidades comunicativas, o livro didático pode ser constituído por acontecimentos representados por uma prática política que institui lugares sociais e modos de dizer marcados pelo conflito, pela luta em prol do acesso à palavra, do poder dizer, do como dizer e do que se pode dizer. E nesse processo de enunciação, em que dizer é estar na língua em funcionamento, acontecimentos se cruzam, instalando uma temporalidade que aponta para interpretações plurais.

Desse modo, fazendo uma inter-relação entre os sentidos e memoráveis identificados na análise que realizamos neste capítulo com o objeto principal desta pesquisa (o livro didático), é possível dizer que a enunciação que neste se instaura tanto pode estar constituída de sentidos ligados a memoráveis de acontecimentos retratados na obra História das Mulheres

no Brasil (DEL PRIORE, 2006) e nos relatos de Gabriel Soares de Souza (1851) e Maria Graham (LACOMBE, 1956), objeto de análise do segundo capítulo, como também estar atrelada a sentidos que remetem a memoráveis de acontecimentos apontados nas discussões de gênero realizadas por Butler (2015) e Louro (2003a).

Nesse sentido, no capítulo que segue apresentamos a análise do livro didático *Português: Linguagens*, dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, destinado aos anos finais do Ensino Fundamental, a qual poderá apresentar tanto distanciamentos quanto aproximações dos sentidos e memoráveis acima referenciados.

5 O LIVRO DIDÁTICO: UM ESPAÇO POLÍTICO DE CONTENDAS

Livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas.

Mário QUINTANA

5.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O LIVRO DIDÁTICO

Uma das questões que devem ser colocadas como ponto de reflexão, ao tomar o Livro Didático (doravante, também, LD) como objeto de pesquisa, é o fato de que este recurso é atravessado por enunciações oriundas de acontecimentos que têm marcado o espaço político mundial e local, contribuindo tanto para mudanças de posicionamentos, quanto para a legitimação de modos de dizer. Nesse sentido, é possível pensar que a neutralidade é uma posição que não cabe no LD. Há sempre uma relação de sentidos, em cada página, que o insereem um lugar do dizer, seja nos enunciados dos textos, das propostas e sugestões dos autores, seja nas imagens que ilustram esses dizeres. E todos esses elementos que compõem o LD são marcados por enunciações “com aspectos diferentes do político: os movimentos de sentido reivindicados na formulação do dizer, as posições-sujeito que os sustentam, ou contra as quais se inscrevem” (OLIVEIRA, 2014, p. 51-52).

Analisando o Livro Didático, Lima (2012, p. 149) assevera que este recurso é “produto de uma visão de mundo, de homem, de escola”, mas nem por isso é um objeto estável, à mercê de inscrições que vão marcando suas páginas com essas visões e posicionamentos. O LD também “institui este mundo, ao mesmo tempo em que reflete os condicionantes e o perfil de cidadão desejado.” Apesar de ser apresentado apenas como um suporte instrumentalizado, “presta-se aos rituais culturais de sociabilidade e enquanto tal inscreve-se em relações dadas, historicamente construídas, e sempre abertas às ressignificações”.

A partir dessas considerações é possível entender o Livro Didático como um recurso onde o espaço de enunciação (a língua) cria uma situação em que “os sentidos entram em conflito, se dividem, tornam-se outros” onde “o real é significado pelos sentidos na linguagem, considerando que eles se constituem no acontecimento de enunciação pela relação com a história, o sujeito e o político” (MACHADO, 2011, p. 55; 67).

Ao falar sobre o processo de análise de textos, Guimarães (2012b, p. 17) afirma que o texto “nos interroga sempre por caminhos os mais inesperados”. Fazendo uma relação desta afirmação com a proposta de análise do LD, podemos pensar que aqui também há uma atividade constante de debate e questionamentos, um funcionamento enunciativo que nos

impulsiona a rejeitar o óbvio e buscar a opacidade da língua, tentando compreender os sentidos produzidos em enunciações sustentadas por lugares sociais distintos.

Se levarmos em consideração que o LD é constituído por textos com características diversas, é possível inferir que, se o texto “é uma unidade de sentido que integra enunciados no acontecimento de enunciação”, de certa forma tais enunciados perpassam o LD, constituindo-o de sentidos, os quais também se “produzem em virtude do próprio modo de se produzirem”, não se tratando, desse modo, de uma decodificação, mas de “considerar o funcionamento da linguagem pensando nas condições em que os acontecimentos enunciativos se produzem” (GUIMARÃES, 2012b, p. 25; 60).

Sendo assim, analisar um LD é compreender o modo como os sentidos são produzidos nos diversos textos que o constituem, para poder entender e dizer que outros sentidos podem ser reconhecidos, de que lugar eles se originam, de que modo são instituídos pelas relações linguísticas imbricadas num processo litigioso que indica a contradição, o jogo, o conflito.

5.1.1 Conhecendo o objeto de análise

A materialidade didática escolhida para análise é a coleção destinada aos anos finais do Ensino Fundamental I, intitulada *Português: linguagens*, dos autores Thereza Anália Cochar Magalhães e William Roberto Cereja, publicada pela Editora Saraiva, em 2012, e aprovada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), para utilização nos anos de 2014 a 2016. Os motivos da escolha da referida coleção são os seguintes: primeiro, por ser a mais distribuída, com um total de 3.172.012, por coleção, segundo informações do portal do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE); segundo, por apresentar, de acordo com a análise exposta no guia 2014, uma proposta de atividades textuais que “podem contribuir para o desenvolvimento intelectual e cultural do aluno e para sua formação cidadã” (BRASIL, 2013, p. 87). Nesse sentido, entendemos que nesse desenvolvimento cultural e nessa formação cidadã está intrínseca a compreensão acerca de gênero, das categorias interseccionais que o constituem, dos sentidos produzidos para representá-las na sociedade.

A referida coleção é composta por quatro livros, cada um destinado a um ano do Ensino Fundamental II (6º, 7º, 8º e 9º anos). Os capítulos dos livros estão organizados em cinco seções: *Estudo do Texto*; *Produção do Texto*; *Para Escrever com Expressividade*; *A Língua em Foco*; *De Olho na Escrita*. Duas dessas seções têm como parte dos seus constituintes, os tópicos. Assim, na primeira seção estão os tópicos *Cruzando Linguagens*,

Trocando Ideias e Ler é Prazer; na quarta, os tópicos *Construindo o Conceito, Na Construção do Texto, Semântica e Discurso, De Olho na Escrita e Divirta-se*.

Para analisar o sentido do masculino e do feminino na referida coleção, escolhemos o *manual do professor*, de onde selecionamos as atividades apresentadas pelos autores, para que os alunos as respondam, as sugestões de respostas que os mesmos apresentam ao docente e as propagandas escolhidas para discussão do uso da língua nos exercícios. Além da discussão acerca do sentido do masculino e do feminino, tivemos também o objetivo de identificar, nessas escolhas e sugestões, memoráveis recortados da história das relações de gênero e/ou da teoria pós-estruturalista, analisadas no segundo e terceiro capítulos desta pesquisa.

5.1.1.1 Análise dos recortes

Para melhor compreensão da análise, utilizamos a mesma estratégia que usamos no segundo capítulo desta pesquisa: a organização por temáticas.

Na primeira temática (*Homem professor é orientador; mulher professora é mãe*) foram analisados recortes que retratam modos de dizer acerca do professor e da professora.

A segunda (*Qualificação masculina ≠ qualificação feminina*) organiza recortes cujos enunciados possibilitam discussões acerca do lugar social do locutor, quando se refere a profissões, as quais aparecem com características distintas para homens e mulheres.

A terceira (*Ambiente de trabalho masculino ≠ ambiente de trabalho feminino*) traz recortes a partir dos quais é possível identificar a persistência de uma enunciação coletiva atrelada ao discurso de que o espaço doméstico é feminino, enquanto o masculino é a figura principal do espaço público.

A quarta (*Perfil da chefe ≠ perfil do chefe*) é representada por recortes cuja cena enunciativa leva à construção de determinações que estabelecem o perfil da mulher e do homem, quando ambos têm suas funções ligadas a cargos gerenciais.

A quinta (*Trabalho doméstico e educação dos filhos é coisa só de mãe*) é composta de recortes cujos enunciados remetem a memoráveis relacionados aos papéis que devem ser assumidos pela figura feminina, no exercício da maternidade.

A sexta (*Atividade com o pai ≠ atividade com a mãe*) trata dos modos de dizer que podem estabelecer oposições entre atividades realizadas com o pai e atividades realizadas com a mãe.

A sétima (*Drama e consumismo são coisas de mulher; equilíbrio e parcimônia são coisas de homem*) apresenta uma discussão acerca dos estereótipos relacionados ao modo como mulheres e homens vivem seus relacionamentos e lidam com a sociedade de consumo.

A oitava (*Configurações de um novo dizer*) apresenta recortes cuja enunciação aponta para a possibilidade de outros sentidos funcionando no LD, novos dizeres sendo mostrados no acontecimento político ali representado.

Vejamos, então, a análise de cada temática, cujos recortes, somados, apresentam um número de vinte e quatro (24):

Temática 1	Homem professor é orientador; mulher professora é mãe.
-------------------	---

R1: Meu professor de Filosofia é sábio.¹⁷

(LD do 6º ano, questão 2 do exercício do tópico *Construindo o Conceito*, alternativa a, p. 144).

R2: Maria será, sem dúvida, **uma professora de mão cheia**.¹⁸

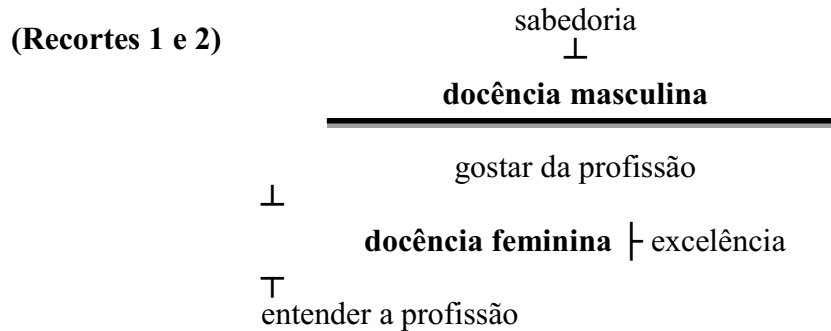
(LD do 6º ano, questão 7 do tópico *Semântica e Discurso*, alternativas b, p. 147).

A proposta da atividade no exercício onde se insere o recorte um (R1) é que o aluno empregue o grau superlativo do adjetivo (analítico e sintético). Já no recorte dois (R2) solicita-se que o aluno *leia as frases, observando o significado das palavras destacadas, considerando o contexto em que elas estão, depois dê o significado dessas expressões*. Como sugestão de resposta para o significado da expressão destacada no recorte dois (R2), os autores afirmam que *uma professora de mão cheia* é “uma excelente professora, que gosta e entende da profissão”.

Embora o objetivo da proposta do exercício seja a exploração da gramática da língua portuguesa, é possível perceber que o locutor-autor adere ao lugar de dizer de um enunciador-coletivo, o qual aponta para diferenças entre ser professor e ser professora. Enquanto a docência masculina está relacionada com a sabedoria, com o intelecto, a docência feminina está ligada à ação de *gostar* e de *entender a profissão*. Isso nos leva ao seguinte DSD:

¹⁷ Os sublinhados neste capítulo são nossos.

¹⁸ Os destaques em negrito são dos autores do Livro Didático.



Pelo DSD, é possível verificar uma relação de sentidos que posicionam a profissão docente masculina e feminina em lados opostos. Diferentemente do professor, cuja profissão é determinada pela *sabedoria*, a professora recebe qualificações que remetem a dois memoráveis ligados a acontecimentos políticos ocorridos em meados do século XIX: o primeiro, atrelado ao argumento de que a docência feminina representava “uma atividade de amor, de entrega e doação”; o segundo, vinculado à resistência representada no discurso de que seria “uma insensatez entregar às mulheres usualmente despreparadas, portadoras de cérebros ‘pouco desenvolvidos’ pelo seu ‘desuso’, a educação das crianças” (LOURO, 2006, p. 450). Nesse sentido, exigia-se da professora não apenas a afinidade com a docência, mas também o preparo, o entendimento da profissão, a excelência.

Essa relação de sentidos possibilita a elaboração das seguintes paráfrases:

(R1a) *Ser professor é assumir uma profissão.*

(R2b) *Ser professora é assumir um desafio.*

Tais paráfrases remetem ao memorável da oposição aos movimentos em prol de maior participação social e política feminina, nas primeiras décadas do século XX, oposição esta fortalecida pelo discurso de que as mulheres eram “menos inteligentes e menos instruídas do que os homens” (BEAUVOIR, 1967, p. 160), estereótipo que contribuiu não só para a sua exclusão das discussões político-sociais, como também transformou sua atuação no espaço público como uma atividade de provas constantes acerca da sua capacidade.

Temática 2	Qualificação masculina ≠ qualificação feminina.
-------------------	--

Os recortes que seguem continuam marcados por uma adesão do locutor-autor ao lugar de dizer do enunciador-coletivo, que diferencia a atividade profissional desenvolvida pelo homem, daquela desenvolvida pela mulher. Embora o objetivo da proposta de exercício seja a exploração da gramática da língua portuguesa, é possível constatar um modo de dizer que parece ressaltar qualificações distintas para ambos. Vejamos:

R3: A balconista foi amável.

(LD do 6º ano, questão 2 do exercício do tópico *Construindo o Conceito*, alternativa *d*, p. 144).

R4: Os canavieiros se cortaram com a faca.

(LD do 6º ano, questão 1 do tópico *Semântica e Discurso*, alternativa *c*, p. 205).

R5: Todo o país lamentou a morte do seu presidente.

(LD do 6º ano, questão 6 do tópico *Semântica e Discurso*, alternativa *b*, p. 206).

R6: O guarda de trânsito detém o motorista infrator.

(LD do 6º ano, questão 4 do exercício do tópico *De Olho na Escrita*, alternativa *b*, p. 209).

R7: Os policial cercaro os bandido. / Os policiais cercaram os bandidos.

(LD do 7º ano, questão 3 do tópico *Semântica e Discurso*, alternativa *c*, p. 99).

R8: Aquela mulher ainda vira uma cantora de sucesso.

(LD do 7º ano, questão 1 do Exercício do tópico *Construindo o Conceito*, alternativa *b*, p. 115).

R9: O ator colocou a máscara no rosto. / O ator colocou-a no rosto.

(LD do 7º ano, exemplo do tópico *Construindo o Conceito*, p. 172).

R10: Ele é o atleta mais **rápido** da turma.

(LD do 7º ano, questão 8 do Exercício do tópico *Construindo o Conceito*, alternativa *b*, p. 232).

R11: O porteiro abriu a porta de entrada.

(LD do 8º ano, questão 6 do Exercício do tópico *Construindo o Conceito*, alternativa *c*, p. 64).

R12: A campanha tocou. / Os operários largaram o serviço.

(LD do 8º ano, questão 3 do Exercício do tópico *Construindo o Conceito*, alternativa *b*, p. 204).

A solicitação apresentada no recorte três (R3) é a utilização do grau superlativo do adjetivo (analítico e sintético). Já a proposta dos demais recortes aparece na seguinte ordem: *indicar ao menos dois sentidos para a ambiguidade causada pela frase e reescrevê-la, deixando-a com um único sentido* (R4); *completar a frase com os elementos linguísticos **todo** ou **todo o*** (R5); *escrever a frase no plural* (R6); *reescrever a frase, usando a norma-padrão-formal* (R7); *completar a frase, usando um verbo de ligação* (R8); *exemplo do uso de pronomes pessoais* (R9); *indicar o sentido e a classe gramatical da palavra destacada* (R10); *passar as frases para a voz passiva analítica* (R11); *usar as conjunções coordenativas* (R12).

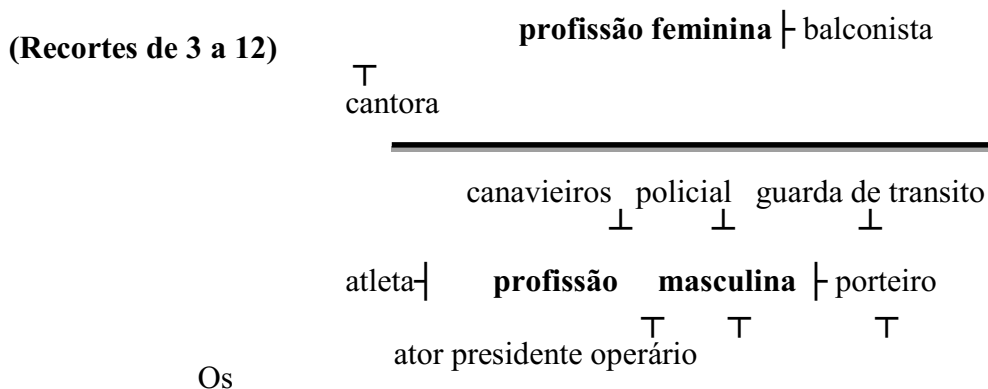
A enunciação que se instaura no recorte três (R3) remete ao memorável das normas de comportamento estabelecidas para a mulher, em séculos passados, dentre elas o dever de ser delicada e amável, no espaço doméstico e fora dele. Nesse sentido, o referido recorte permite

a inferência de que essas normas ainda influenciam a atuação de algumas mulheres, na atualidade, em seu ambiente de trabalho¹⁹.

Nos demais recortes, é possível identificar vários sentidos funcionando na cena enunciativa, sentidos estes instituídos por um enunciador-coletivo em cujo dizer aparece o discurso legitimado da presença masculina prevalecendo em cargos políticos (*presidente*), de comando e segurança (*guarda de trânsito, porteiro*), em profissões que exigem força corporal (*atleta*), e apesar da marcação do modelo universal para indicar o gênero do substantivo, ousamos dizer que esse discurso também prevalece quando faz referência a profissões de risco (*policiais*) e àquelas que exigem resistência e agilidade (*canavieiros e operários*).

É interessante observar, nessa relação de sentidos, que a única profissão que aparece marcada apenas pela presença feminina é a de *cantora*, mas a proposta do uso do verbo de ligação (*vira*) e da locução adjetiva (*de sucesso*) pode demonstrar um estereótipo relacionado a este ofício, já que a enunciação cria a possibilidade para se pensar que cantar é um “dom natural”, por isso não há necessidade de esforço e trabalho para exercer tal profissão, para se tornar uma profissional bem sucedida, o que remete ao memorável de que o artista não trabalha.

Temos, assim, um conjunto de sentidos que podem ser representados no seguinte DSD:



sentidos instituídos pelo DSD nos permitem pensar nas seguintes paráfrases:

(R3a) *A profissão feminina exige afinidade, entendimento e excelência.*

(R8a) *A mulher vira uma profissional.*

¹⁹Godinet al. (2013, p. 156), em artigo intitulado *Gênero, autoconceito e trabalho na perspectiva de brasileiros e angolanos*, fazem referência a uma discussão de Roth, Buster, e Barnes-Farrell (2010), afirmando que a influência da cultura, segundo os autores, levam homens e mulheres a apresentarem comportamentos diferentes no trabalho. Eles “tenderiam a assumir mais atributos de agressividade, competitividade”; elas, ao contrário, “adotariam mais facilmente atitudes e comportamentos de sociabilidade, gentileza e amabilidade, pela valorização cultural da sensibilidade e do cuidado com a família e o lar”.

(Demais Ra) A profissão masculina exige do intelecto, atenção, força e agilidade.

(Demais Rb) O homem não vira um profissional; ele atua como profissional.

As paráfrases nos remetem ao memorável de que a inteligência e a capacidade de ser racional são atributos mais masculinos que femininos. Isso nos leva a pensar que os homens encontram mais oportunidades para assumirem determinadas profissões, porque há um lugar social legitimando o discurso de que a emotividade está relacionada apenas às mulheres, por isso algumas profissões não lhes são apropriadas.

Temática 3	Ambiente de trabalho masculino ≠ ambiente de trabalho feminino
-------------------	---

O décimo terceiro recorte (R13) nos leva ao memorável da desigualdade estabelecida pela designação do ambiente de trabalho masculino, em relação ao ambiente de trabalho feminino.

R13: Ronaldo é um senhor jogador.

Mamãe é uma senhora doceira.

(LD do 6º ano, questão 7 do tópico *Semântica e Discurso*, alternativas *a* e *d* p. 147).

A proposta desta atividade é que o aluno *leia as frases, observando o significado das palavras destacadas, considerando o contexto em que elas estão, depois dê o significado dessas expressões*. Como sugestões de respostas para o significado das expressões destacadas, os autores afirmam que *senhor jogador* significa “um jogador notável, de peso”, e que *senhora doceira* é quem “entende muito da arte de fazer doces, uma excelente doceira”.

Nota-se, aí, uma concepção de que a língua é transparente, de que existe um sentido óbvio nos enunciados. Contudo, a enunciação nos apresenta uma língua marcada pela opacidade, funcionando porque é afetada pela sua exterioridade, pelos sentidos, configurada na relação com um coletivo que a fala (GUIMARÃES, 2011a; 2011b). Desse modo, podemos identificar um locutor-machista enunciando de um lugar social que diferencia ocupações femininas de ocupações masculinas, que determina, por exemplo, que futebol é uma tarefa para homens, enquanto fazer doces é uma tarefa para mulheres. Além disso, apesar de realizar seu trabalho com excelência, ela não pode ser uma doceira de peso. Isso tudo aponta para um memorável de que mulheres e homens assumem certas funções (e não outras) na sociedade.

Outra questão interessante relaciona-se às designações que qualificam os sujeitos simples (*senhor jogador* e *senhora doceira*), as quais nos fazem pensar que, diferentemente

de *senhora*, a palavra *senhor* possibilita outro sentido, se for relacionada a *idoso*. Ou seja, como os atletas encerram sua carreira ainda cedo, um *senhor* que gosta de jogar realiza essa atividade não como profissão, mas como uma forma de manter a saúde, um lazer. Já no caso de *senhora* é diferente, mesmo a palavra mudando de sentido, a possibilidade de trabalho continua, intensificando-se com a idade. Afinal, circula na sociedade uma enunciação coletiva de que, quanto mais velha, melhor é a mulher cozinheira, o que parece reiterar a relação da figura feminina com o espaço da cozinha.

Tais sentidos nos levam aos seguintes DSD:

(Recorte 13)

<p>a) jogador profissão masculina</p> <hr style="width: 100%;"/> <p style="text-align: center;">Ambiente privado</p>	<p>b) doceira profissão feminina</p> <hr style="width: 100%;"/> <p style="text-align: center;">Ambiente público</p>
<p>atletismo lugar do masculino</p>	<p>c)d) cozinha lugar do feminino</p>

Os DSD demonstram que jogador é determinado pela profissão masculina, e doceira, pela profissão feminina. Nesse sentido, a atividade desenvolvida pelo homem está em oposição ao ambiente privado, e a atividade desenvolvida pela mulher aparece em oposição ao ambiente público. Desse modo, é possível dizer que os locutores-autores do LD enunciam do lugar de um enunciador-coletivo, cujo modo de dizer aponta para o sentido de que o atletismo determina o lugar profissional do masculino, e a cozinha determina o lugar profissional do feminino, o que remete ao memorável de que o espaço doméstico não faz parte dos lugares de atividades masculinas, uma vez que esse ambiente é específico para as mulheres. Isso pode ser parafraseado por enunciados como:

(R13e) Lugar de homem é no espaço público.

(R13f) Lugar de mulher é no espaço doméstico.

Essa relação com o espaço doméstico aparece legitimada até quando se escolhe a ilustração do livro didático, como demonstra a imagem a seguir, um anúncio publicitário do Grupo Bettanin, do ano de 2003, criado, segundo os autores do LD, a partir da obra de Jan Vermeer, *Rua em Delft*, pintor holandês do século XVII. Vejamos:



In: CEREJA; MAGALHÃES, 2012, 9º ano, p. 79.

O anúncio, retirado da revista *Cláudia*, nº 500, representa duas mulheres com vestuários que remetem a memoráveis de séculos passados, a exemplo do memorável da “rainha do lar”, já discutido neste trabalho, mas o *design* dos objetos utilizados por uma delas remete a outro memorável, o da evolução social da mulher, marcada pela sua inserção nos diversos espaços públicos, mas também por uma jornada de trabalho intensa, daí a utilização de objetos modernos (a exemplo de eletrodomésticos, utensílios de limpeza, dentre outros) como suporte para dar conta da multiplicidade de tarefas com as quais se depara diariamente, ao voltar para o lar, ao fim de um dia árduo de trabalho, na esfera pública.

Segundo Santos e Maia (2012), a conquista do espaço público, pelas mulheres, veio acompanhada de uma tripla jornada de trabalho, causada pela naturalização histórica do espaço doméstico como um lugar para o descanso masculino e um lugar para o labor feminino. Desse modo, no primeiro momento elas se “alforriam” do ambiente privado, mas sempre retorna a ele, enfrentando mais um período laboral que a sobrecarrega cada vez mais.

A ilustração apresenta um ambiente doméstico, uma espécie de sala com cortinas nas paredes e piso revestido por taco. No interior da casa, aparece uma mulher com uma vassoura e um balde espremedor, conversando com outra mulher que se encontra na parte exterior da

casa, encostada na janela. É possível perceber um contraste entre o antigo e o moderno, se compararmos o interior da casa, bem como a paisagem que aparece pela janela, onde se vê telhados de construções antigas, com os objetos usados para limpeza. Centralizado à esquerda da ilustração, aparece o anúncio da Bettanin: *Quando as mulheres chegaram aos escritórios de design, a vida melhorou também para as donas de casa*. No rodapé, à esquerda, está escrita a sigla do *Serviço de Atendimento Bettanin (SABE)*, seguida por um ponto de interrogação. Centralizado, o enunciado *Mudar facilita a vida*, seguido do nome do grupo, com o ano do lançamento do anúncio: *BETTANIN, 2003*.

A impressão que se tem, quando se observa a imagem, é que a vida de algumas mulheres ficou parada no tempo, enquanto a sociedade a sua volta evoluiu. Tal impressão parece se fortalecer com os sentidos que constituem o anúncio, trazido para análise no recorte catorze (R14):

4: Quando as mulheres chegaram aos escritórios de design, a vida melhorou também para as donas de casa. (LD do 9º ano, questões 1 a 3 do tópico *Construindo Conceito*, p. 79).

A enunciação do recorte acima apresenta um locutor-preconceituoso, o qual fala de um lugar social que parece excluir donas de casa da designação do ser mulher. Primeiramente, há uma generalização no enunciado, criada pela articulação entre os artigos definidos com os substantivos (*as mulheres; as donas de casa*), o que pode contribuir para a interpretação de que todas as mulheres trabalham em escritórios, então quem não está inserida nesse espaço público não é mulher, é dona de casa. Isso é reforçado pela relação linguística produzida pelo *também*, o qual ressalta a ideia inicial de exclusão, por ser utilizado como elemento para incluir aquelas que desenvolvem suas atividades no lar, não no grupo de mulheres, e sim no grupo de pessoas que tiveram suas vidas modificadas.

É possível identificar, ainda, uma ironia por parte do Locutor, bem como um lugar social marcado por uma voz coletiva atravessada por um discurso que remete ao memorável de que determinadas profissões (e aqui se destaca a de *designer*) são melhores desenvolvidas por homens. Nesse sentido, a enunciação nos apresenta mulheres fora do espaço considerado por esse discurso como propriamente seu (o doméstico), mas desenhando objetos que, nessa visão estereotipada, representam tarefas consideradas femininas.

Essa relação de sentidos permite a representação dos seguintes DSD:

mulheres | trabalho no espaço público

(Recorte 14 a)

donas de casa | trabalho no espaço doméstico

(Recorte 14 b)

ocupação pública feminina----- **ocupação doméstica**T
desenhar utensílios de limpezaT
usar utensílios de limpeza

Os DSD indicam sentidos diferentes funcionando. O primeiro, como já foi dito, o de que mulher é diferente de dona de casa. Nesse sentido, *mulheres* são determinadas pelo *trabalho no espaço público*, enquanto *donas de casa* são determinadas pelo trabalho no espaço doméstico. Quando se trata das ocupações desenvolvidas por esses dois grupos, contudo, como mostra o segundo DSD, as relações de sentido ligadas a elas se aproximam, uma vez que suas ações estão relacionadas a objetos semelhantes: o material de limpeza. Assim, podemos chegar às seguintes paráfrases:

(R14c) *O trabalho no espaço público define o ser mulher.*

(R14d) *A inserção no espaço público não rompe a ligação feminina com o espaço doméstico.*

Algo interessante em relação a esta discussão é que não há no LD uma proposta de reflexão acerca destas questões, de trabalhar as relações de sentido que constituem o enunciado do recorte em análise. A solicitação é que o aluno identifique no referido enunciado os elementos que compõem uma subordinação, o tipo de relação que uma oração mantém com a outra.

Nota-se, aí, um silêncio, o qual, na visão de Orlandi (2007), é carregado de sentidos. Um silêncio marcado pelo não dito, abrindo espaço para diversas interpretações, atravessando as palavras, indicando que o sentido pode ser outro, mostrando que o primordial para se dizer não é dito.

Temática 4**Perfil da chefe ≠ perfil do chefe**

O recorte quinze (15) apresenta uma enunciação que aponta para mudanças, no que diz respeito às atividades desenvolvidas por homens e mulheres, porém o perfil traçado para ambos indica um modo de dizer produzindo sentidos distintos. Vejamos:

R15: Ela se tornou apoderosa da empresa.

Ele pretende ser chefe de cozinha.

Ele pretende ser o chefe de cozinha.

Ele pretende ser o chefe de cozinha.

(LD do 6º ano, questão 4, alternativa *c*, e questão 5, alternativa *a*, do tópico *Semântica e Discurso*, p. 163).

A proposta da atividade referente ao primeiro enunciado do recorte é que o aluno *reescreva a frase, substituindo o artigo destacado por uma palavra de sentido equivalente*. Já em relação aos demais enunciados, é solicitado que ele *explique a diferença de sentido entre as frases de cada item, considerando a presença ou não do artigo definido*. Novamente a língua está sendo tratada não como um espaço político, e sim como um sistema onde prevalece a obviedade, o que vai de encontro com os múltiplos sentidos que se estabelecem nos modos de dizer do enunciador-coletivo que aí se apresenta, apontando para outras possibilidades de interpretação que vão além da discussão acerca da paridade entre homens e mulheres, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento da sua profissão.

Embora os artigos sejam o foco de discussão na atividade proposta, há outros elementos linguísticos que podem apontar para a presença de sentidos que determinam condições para o exercício de algumas profissões, pelo homem e pela mulher. Percebe-se, por exemplo, ao comparar o primeiro enunciado (*Ela se tornou a poderosa da empresa*) com a sugestão de resposta (*Ela se tornou a única (ou a mais) poderosa da empresa*), Locutores enunciando de lugares diferentes, uma vez que a articulação do artigo (*a*) com o adjetivo (*poderosa*) pode estabelecer o sentido de que é preciso que a mulher demonstre não apenas sua competência, mas que conquiste esse espaço, antes considerado masculino, mediante habilidades para lidar com as relações de poder. Esse sentido continua funcionando na sugestão de resposta, todavia o aparecimento de outro adjetivo (*única*) possibilita pelo menos duas interpretações: sem a intercalada nos parênteses (*ou a mais*), traz o sentido de que a mulher citada (*Ela*) é a única que conseguiu alcançar um cargo gerencial; já com a inserção da intercalada o sentido é outro, o de que, embora *Ela* seja a mais poderosa, há outras mulheres ocupando cargos importantes dentro da empresa. Mas o adjetivo *poderosa* pode nos levar também à interpretação de que, apesar dessas conquistas, os desafios que as mulheres enfrentam para serem respeitadas em cargos antes considerados masculinos ainda persistem. Sendo assim, podemos identificar na cena enunciativa uma divisão do Locutor em locutor-machista e locutor-feminista, ambos apresentando-se como enunciadore-coletivos que

Observando as relações de sentido que se instituem no DSD, podemos pensar nas seguintes paráfrases:

(R15c) *A liderança feminina ainda é uma ocupação de provas constantes.*

(R15d) *A liderança masculina é uma ocupação comum, em todos os espaços.*

(R15e) *A cozinha, para a mulher, é um espaço natural; para o homem, é o espaço da ciência.*

É possível dizer que, enquanto a liderança feminina exige das mulheres um acréscimo de qualificações além daquelas adquiridas em sua formação profissional, no que diz respeito ao homem, o cargo de chefe, mesmo num espaço por séculos considerado um “lugar de mulher”, é uma ocupação rotineira, determinada pela excelência e exclusividade.

Temática 5	Trabalho doméstico e educação dos filhos é coisa só de mãe.
-------------------	--

Ao tratar das tarefas que são desenvolvidas no ambiente doméstico, o LD oculta a figura masculina, o que nos traz mais de uma possibilidade de interpretação. Observemos:

R16: Minha mãe fez uma **bela** macarronada hoje.

(LD do 6º ano, questão 6, alternativa *a*, tópico *Semântica e Discurso*, p. 111).

R17: Minha mãe é várias coisas: conselheira, sabe tudo, cozinheira.

(LD do 9º ano, exemplo de concordância do verbo *ser*, seção *A Língua em Foco*, p. 183).

Assim como nas propostas anteriores, nos enunciados que compõem os recortes percebe-se uma preocupação apenas com os aspectos gramaticais da língua portuguesa. No primeiro, há uma solicitação para que o aluno *refaça as frases, substituindo o adjetivo bela por outro de sentido mais específico*. Já em relação ao enunciado do segundo, o LD o apresenta como exemplo de como utilizar a concordância do verbo *ser*. Esse foco apenas nos aspectos estruturais da língua impossibilita compreendê-la como um espaço político funcionando no acontecimento que aí se apresenta.

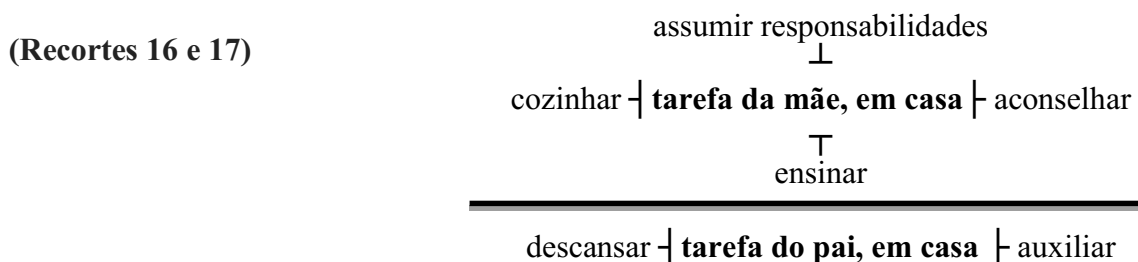
A enunciação que se apresenta nos recortes traz mais de uma possibilidade de interpretação. Uma delas está atrelada ao memorável de que as tarefas domésticas e a educação dos filhos são responsabilidades das mulheres. Outra interpretação está ligada ao memorável da inserção da mulher no mercado de trabalho, fato que trouxe diversas transformações para sua vida, dentre elas a multiplicidade de funções. Ela conquista o espaço

público, desenvolvendo atividades remuneradas, ao mesmo tempo em que desempenha papéis ainda considerados, pelo dizer de um locutor-machista, como “tarefas de mulher, não de homem”. Desse modo, ao voltar para casa, ela não tem descanso, uma vez que precisa dar atenção aos filhos, na realização das tarefas escolares, orientá-los na sua formação humana, cuidar da organização da casa, dar atenção ao esposo, enfim, uma infinidade de tarefas que minam suas energias, mas não são percebidas como tal.

Há ainda o memorável da nova estrutura familiar que tem se firmado nos últimos séculos. Nessa nova estrutura, está presente a mãe solteira, cuja vida é marcada por uma multiplicidade de funções, as quais envolvem a educação dos filhos, o sustento dos mesmos, a administração do lar.

Algo também interessante para se discutir, é a não referência à presença do pai assumindo tarefas domésticas, o que remete a um memorável dos “Anos Dourados” no Brasil, onde a vida e o trabalho no ambiente privado eram considerados a marca da feminilidade, por isso a mulher era aconselhada a não ir de encontro a essa natureza, para não correr o risco de desestruturar o seu lar (BASSANEZI, 2006). Esse discurso ainda é legitimado na atualidade, pois apesar de alguns homens (esposos e filhos) realizarem tarefas no ambiente doméstico, essas atividades são compreendidas como uma forma de auxílio, como se o trabalho no lar fosse uma atribuição das mulheres, não deles²¹.

Frente a esta relação de sentidos, temos um DSD apresentando determinações que apontam para uma oposição entre tarefas desenvolvidas pela mãe, no ambiente doméstico, e tarefas desenvolvidas pelo pai, no mesmo ambiente. Vejamos:



Isso indica uma relação de sentidos onde é possível construir as seguintes paráfrases:

²¹ Em pesquisa realizada por Maria C. A. Bruschini e Arlene M. Ricoldi, mulheres dizem que seus companheiros só realizam tarefas domésticas quando elas não dão conta, ou então quando eles gostam de realizar determinada atividade. Ver: Revendo estereótipos: o papel dos homens no trabalho doméstico. *Estudos Feministas*, v. 20, n. 1, p. 259-287, 2012.

(R 16 e 17a) *Trabalho em casa é obrigação feminina.*

(R 16 e 17a) *Descanso em casa é privilégio masculino.*

Tal paráfrase reforça as discussões que vêm sendo realizadas nesta pesquisa, acerca de como ainda existem modos de dizer legitimando o discurso de que o lar é um espaço exclusivamente feminino, mesmo diante de tantas funções que têm sido desempenhadas por alguns homens, no ambiente privado, os quais assumem tarefas domésticas e a educação dos filhos, não como um auxílio, mas como sua responsabilidade.

Temática 6	Atividade com o pai ≠ atividade com a mãe
-------------------	--

Quando se trata de tarefas realizadas por pais e filhos, juntos, o discurso legitimado da ligação do lar com a mulher continua presente, como podemos ver nos seguintes recortes:

R18: Pai e filha **praticam** natação diariamente.

(LD do 9º ano, exemplo de concordância do verbo com o sujeito composto, seção *A Língua em Foco*, p. 182).

R19: Foi ao cinema a mãe, o filho e a filha.

(LD do 9º ano, exemplo de concordância do verbo com o sujeito composto, seção *A Língua em Foco*, p. 182).

R20: Pegue as xícaras, filha, e coloque-as sobre a mesa.

(LD do 7º ano, questão 4, alternativa *d* da seção *Produção de Texto*, p. 134).

O enunciado do recorte dezoito (R18) mostra a ausência do pai desenvolvendo com os filhos tarefas consideradas domésticas, se for comparado com aquele que institui o último recorte desta temática. Já a mãe, figura presente no acontecimento retratado nos recortes dezenove (R19) e vinte (R20), aparece tanto no ambiente doméstico quanto no ambiente público. Todavia, há algo interessante que merece uma reflexão, quando esses recortes são comparados: se a presença do filho poderia interferir na escolha da atividade. Isso se deve ao fato de que, no último recorte, a solicitação para que a filha ajude nas tarefas de casa remete ao memorável de que a mulher, desde cedo, deve aprender a lidar com as tarefas domésticas, já que essa função sempre foi considerada como sua. Diante disso, temos o seguinte DSD:

(Recortes 18 a 20 a)

o que se faz com o pai

┴
tarefas extradomicílio

o que se faz com a mãe

┴
tarefas domésticas e extradomicílio

(Recortes 18 a 20 b)

o que o menino faz com a mãe

┴
tarefas extradomicílio

o que a menina faz com a mãe

┴
tarefas domésticas e extradomicílio

Os DSD demonstram locutores-autores falando de um lugar cujo dizer está atrelado ao discurso de que meninos fazem coisas diferentes de meninas. E esse dizer, oriundo de um enunciador-coletivo, fortalece a ideia de que existem atividades que todos da família podem desenvolver, outras que apenas os homens podem realizar, e aquelas que apenas as mulheres podem assumir, o que posiciona tais tarefas numa relação de sentidos marcada pela oposição. Essa enunciação nos leva às seguintes paráfrases:

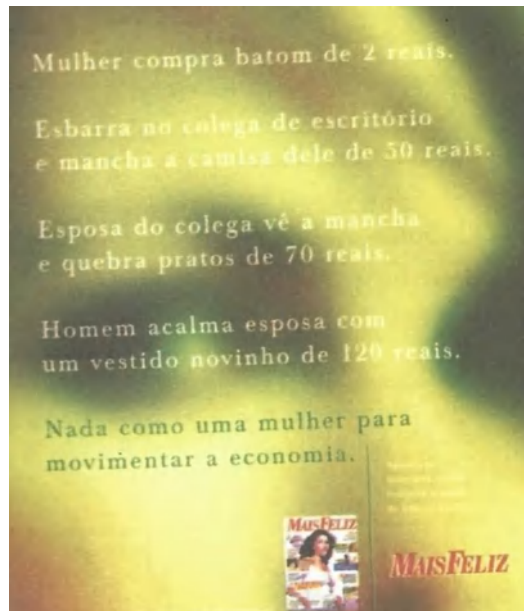
(R 18,19 e 20a) Atividades domésticas fazem parte da função feminina.

(R 18,19 e 20b) Atividades fora do lar fazem parte da função feminina e masculina.

É interessante como os enunciados apresentados nas propostas de atividades, bem como nos exemplos citados com o objetivo de que o aluno compreenda melhor os aspectos gramaticais da língua, remetem continuamente ao memorável do papel da rainha do lar, em oposição ao papel do provedor. Parece haver a reiteração de um discurso que fortalece a desigualdade, em diversos aspectos, entre mulheres e homens, indo de encontro a outro discurso, o da luta feminina em busca da visibilidade discutida pela teoria de gênero aqui em análise (BUTLER, 2015; LOURO, 2003a).

Temática 7	Drama e consumismo são coisas de mulher; equilíbrio e parcimônia são coisas de homem.
-------------------	--

O recorte que segue representa um enunciado utilizado como anúncio publicitário para promover, segundo os autores do LD, a revista feminina *Mais Feliz*, e foi publicado no *28º Anuário do Clube de Criação de São Paulo*, p. 208.



In: CEREJA; MAGALHÃES, 2012, 9º ano, p. 98.

A ilustração mostra, ao fundo, uma figura feminina, sobre a qual aparecem o nome e a imagem da revista homenageada, bem como o texto representado no recorte vinte e um (R21):

R21:Mulher compra batom de 2 reais. Esbarra no colega de escritório e mancha a camisa dele de 50 reais. Esposa do colega vê a mancha e quebra pratos de 70 reais. Homem acalma esposa com um vestido novinho de 120 reais. Nada como uma mulher para movimentar a economia.

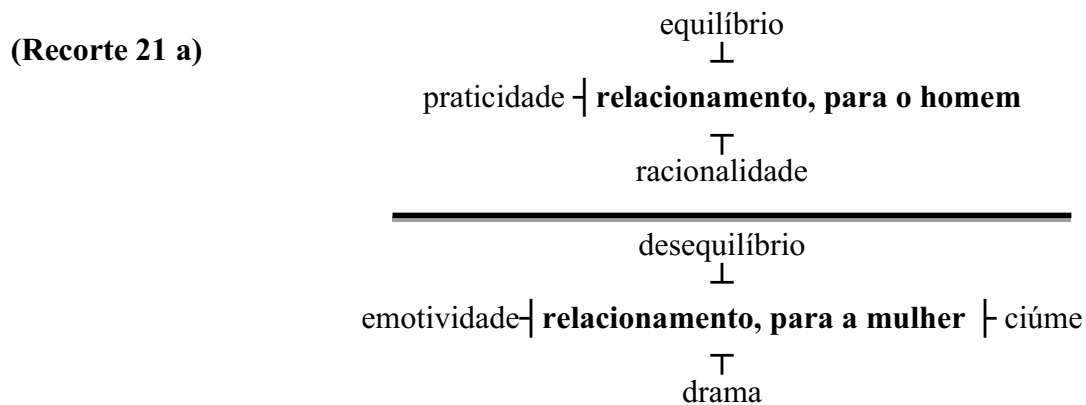
(LD do 9º ano, questões 1 e 2 do tópico *Construindo o Conceito*, p. 98).

A cena enunciativa do referido recorte lembra um *script* de uma peça de teatro, de filme ou de novela, o que nos possibilita dizer que o locutor-narrador fala de um lugar social onde o relacionamento entre homens e mulheres é visto como uma relação marcada pelo drama, e essa arte de dramatizar está ligada, de acordo com os sentidos que constituem a enunciação, mais a elas do que a eles. A referida cena remete ao memorável das relações extraconjugais mantidas no ambiente de trabalho, da mulher ciumenta que rasga camisa suja de batom ou com cheiro de perfume que não seja o seu, daquela que demonstra sua raiva destruindo objetos da casa, ou da que faz escândalos em público, por isso são designadas de forma machista, como, por exemplo, *Dona Encrenca*. Já em relação à atitude masculina, é possível identificar o memorável de que o equilíbrio é uma de suas qualidades, uma vez que

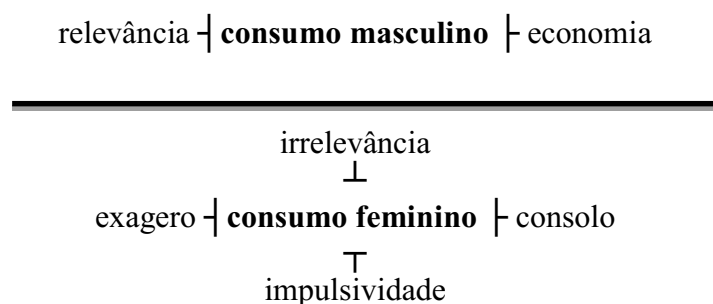
ele age com a razão, não com o coração. Nesse sentido, na praticidade da sua ação parece haver uma convicção de que, ao invés de brigar, a melhor opção é presentear a esposa com um vestido novo, não porque ela mereça tal presente, e sim para impedir mais prejuízos econômicos, como a destruição de outros bens materiais, por exemplo, ou ainda para evitar escândalos em seu ambiente de trabalho, atitudes consideradas, pelo modo de dizer coletivo machista, como especificamente femininas.

Essa preocupação em evitar gastos parece não fazer parte do mundo feminino, de acordo com o lugar social de onde fala o locutor-publicitário, o que pode ser compreendido no último enunciado da cena enunciativa (*Nada como uma mulher para movimentar a economia*), que remete ao memorável de que a mulher compra sem moderação, pelo simples prazer de consumir, levando para casa, muitas vezes, coisas que jamais usará. Relacionando esse memorável com a atitude do esposo, bem como à ênfase dada à palavra *mulher*, iniciando e finalizando o enunciado, é possível pensar que há sentidos funcionando em direção à interpretação de que ser consumista é uma característica feminina, não masculina.

Temos, então, no recorte em análise, um conjunto de sentidos que podem ser representados pelos seguintes DSD:



(Recorte 21b)



Os DSD apontam para uma oposição entre homens e mulheres, tanto no que diz respeito à visão que têm sobre o relacionamento, quanto em relação ao modo como eles e elas se comportam frente ao consumismo. Assim, a *praticidade*, o *equilíbrio* e a *racionalidade* determinam o modo como os homens veem o relacionamento, enquanto para as mulheres este é determinado pela *emotividade*, *desequilíbrio*, *drama* e *ciúme*. Quando se trata da atividade de consumo, a contradição prevalece, pois para eles o DSD mostra a *economia* e a *relevância* como determinantes, enquanto para elas essa atividade é determinada pela *irrelevância*, *exagero*, *consolo* e *impulsividade*. Isso nos possibilita construir as seguintes paráfrases:

(R21c) *Homens e mulheres vivem o relacionamento de modos distintos: eles simplificam, elas dramatizam.*

(R21d) *Mulheres são consumistas, homens são consumidores.*

As paráfrases apontam para sentidos que só podem ser identificados mediante compreensão de que a língua funciona politicamente, fato que parece não ser levado em consideração pelos autores do LD, ao apresentarem a proposta de atividade a ser realizada pelo aluno. Embora a alternativa *b* da questão 1 dê a impressão de que se pretende fazer uma análise dos sentidos que constituem o enunciado (*Geralmente, que visão a respeito da relação entre as mulheres e o consumo circula na sociedade?*), há apenas uma resposta curta (*A visão de que as mulheres adoram comprar*), e o debate sobre a questão é substituído por uma preocupação em identificar o público-alvo do anúncio publicitário e os tipos de períodos da oração que ali aparecem.

Temática 8	Configurações de um novo dizer
-------------------	---------------------------------------

A língua é um espaço de contendas e de conflitos, lugar onde o homem assume a palavra, onde são constituídos sentidos que indicam outras possibilidades de interpretação, onde falar se torna uma questão política, não apenas um simples modo de se comunicar. Nesse sentido, desigualdade e afirmação se confrontam, dando origem a outros acontecimentos políticos que vão possibilitar a construção de outros sentidos, outras configurações do dizer (GUIMARÃES, 2005b; MACHADO, 2011).

Pensando nesse espaço político, analisemos os recortes que seguem:

R22:Ensinou-lhes que a sociedade está presa a certos padrões e que é possível rompê-los, que o preconceito pode levar as pessoas à infelicidade, que é preciso respeitar a vocação e o desejo de cada um; que, além dos problemas sociais há também os problemas familiares e individuais, que não podem ser esquecidos. (LD do 8º ano, questão 10, sugestão de resposta para a alternativa *b*, do tópico *Cruzando Linguagens*, p. 215).

A cena enunciativa que aqui se apresenta é uma sugestão de resposta dos autores do LD, para uma questão referente ao filme *Billy Elliot*, de Stephen Daldry, lançado no ano de 2000, que conta a história de um garoto de 11 anos que se apaixona pelo balé. Oriundo de uma família de mineradores, principal meio de sustento de uma pequena cidade da Inglaterra, Billy é obrigado, pelo pai, a treinar boxe. Contudo, ao chegar à academia, descobre que ali também acontecem as aulas de dança clássica, pela qual demonstra fascinação, ao contrário do boxe, cujos treinos realizava apenas por medo de descumprir as ordens do pai. Percebendo seu interesse pelo balé, a professora o incentiva a dançar, pois percebe um talento nato nele. Então Billy resolve deixar o boxe e se dedica intensamente à dança, enfrentando a contrariedade da família e o preconceito da sociedade.

A proposta do LD é que o aluno *assista ao filme, depois responda ao roteiro de análise*. A sugestão de resposta apresentada no recorte acima está relacionada à seguinte questão: *Na cena final, o pai e o irmão vão ao teatro para assistir a um espetáculo de dança no qual Billy é o bailarino principal. O que a vida lhes ensinou?* A resposta para esta questão apresenta um locutor que fala de um lugar social onde o discurso referente às ocupações de homens e de mulheres parece romper com padrões estereotipados, já que se refere a *certos padrões sociais* como *preconceito*, ao mesmo tempo em que ressalta a importância do respeito *à vocação e ao desejo de cada um*. Isso remete ao acontecimento político dos movimentos feministas, os quais apontaram, dentre outras coisas, para a relevância de se pensar na igualdade de direitos entre homens e mulheres, dentre eles o direito de escolher suas profissões, de terem suas escolhas respeitadas. Remete, também, ao memorável de que o balé é uma atividade feminina, por isso o homem que a escolhe é um “maricas”. No entanto, parece haver uma tentativa de romper com esse modo de dizer coletivo, uma crítica a padrões sociais marcados pelo preconceito. Sendo assim, é possível identificar na cena enunciativa em questão, o seguinte DSD:

(Recorte 22)

profissão masculina ----- profissão feminina

Podemos verificar, se compararmos este DSD com os já apresentados neste capítulo, referentes a profissões masculinas e profissões femininas, uma reconfiguração no modo de dizer do Locutor, que agora fala de um lugar social onde existem possibilidades de homens e mulheres desenvolverem ocupações semelhantes, onde há uma ruptura com discursos de que determinadas ocupações são coisas de mulher. Desse modo, as relações de sentido que aí se constituem nos levam à seguinte paráfrase:

(R22a) Profissão não tem gênero.

Embora ainda haja uma visão misógina relacionada aos afazeres de mulheres e homens, como discutem as teorias de gênero que subsidiam esta pesquisa, os sentidos que levam à construção dessa paráfrase instituem outros dizeres, outros modos de se ver os papéis que são desenvolvidos por homens e mulheres, como esses papéis estão sendo reconfigurados na sociedade, demonstrando que os acontecimentos políticos referentes a esta questão agenciam Locutores a se posicionarem de lugares antes contestados.

Os próximos recortes (R23 e R24) também são sugestões de resposta para questões referentes a um texto intitulado *Mais valem dois carros na contramão do que uma mulher na mão*, do escritor Leon Eliachar, que se aproveita de frases do senso comum para essa construção textual.

O vigésimo terceiro recorte rebate os seguintes trechos do texto: *toda vez que o trânsito para mais de meia hora, não pode ser outra coisa: tem mulher colocando carro na garagem; e toda vez que há um desastre, tem mulher metida no meio*. A questão que se segue (*Que outros aspectos relativos aos fatos mencionados nos trechos poderiam ser considerados?*) recebe a seguinte sugestão de resposta:

R23: O trânsito para por muitos outros motivos: congestionamento, farol desligado, acidente na pista ou na rua. Acidentes também são provocados por homens, que costumam ser mais ousados e imprudentes no trânsito que as mulheres.
(LD do 9º ano, questão 3, sugestão de resposta da seção *Produção de Texto*, p. 217).

O vigésimo quarto recorte responde à seguinte questão: *Embora trate de questões sérias, como imprudência no trânsito, o texto de Leon Eliachar é humorístico. De que modo foi construído o humor nesse texto?* E assim apresenta-se a sugestão de resposta:

R24: Foi construído a partir de afirmações absurdas e preconceituosas em relação à mulher e, conseqüentemente, sem consistência. Tão sem consistência quantas essas afirmações seria a afirmação de que homem cozinhando é um desastre. Há muitos cozinheiros excelentes. (LD do 9º ano, questão 5, sugestão de resposta da seção *Produção de Texto*, p. 217).

O locutor-anti-machista que enuncia no recorte vinte e três (R23) fala de um lugar social marcado pela não aceitação do discurso de que “mulher não combina com direção”, ainda corroborado por um dizer preconceituoso de que *mulher ao volante é um perigo constante*. Tal ideia, representada pelo lugar de um enunciador-coletivo, institui uma relação de sentidos que determina a habilidade para dirigir como característica especificamente masculina, interpretação que é questionada quando eles são apresentados como aqueles que *costumam ser mais ousados e imprudentes que as mulheres*. Esse lugar de onde fala o locutor, o qual se representa como um enunciador também coletivo, mas com um dizer atravessado pelas mudanças sociais no que diz respeito ao ser homem e ao ser mulher, demonstra a existência de um novo olhar a respeito da presença feminina nos espaços públicos, realizando atividades diferenciadas, inclusive aquelas que em séculos passados eram apresentadas como impossíveis de serem assumidas por mulheres.

No recorte vinte e quatro (R24) há uma continuidade dessa crítica a esses dizeres reiterados, já que as afirmações retiradas do senso comum, pelo escritor Leon Eliachar, são consideradas *absurdas e preconceituosas em relação à mulher*. Outra questão é que o enunciado aponta para a reconfiguração de outro memorável, o de que cozinha não é lugar para homem, criando um novo sentido para esse discurso, já que qualifica muitos cozinheiros como *excelentes*.

Assim, essa relação de sentidos pode ser representada pelo seguinte DSD:

(Recortes 23 e 24)



De acordo com o DSD, a prudência e o cuidado determinam a presença feminina ao volante, situação que se opõe quando o homem assume a direção, atividade determinada pela imprudência e ousadia. Isso tudo remete ao memorável de que o percentual de homens envolvidos em acidentes é maior que o de mulheres, o que vai de encontro ao discurso

preconceituoso em relação à figura feminina, o qual tem sido combatido também pelo número cada vez maior de mulheres assumindo a direção como uma atividade profissional. Desse modo, o DSD aponta para a construção da seguinte paráfrase:

(R23 e 24a) Mulher ao volante também representa segurança.

Retomando Machado (2011), é possível dizer que as relações de sentido instituídas nessa temática nos fazem pensar sobre o funcionamento enunciativo do LD analisado neste capítulo, como os sentidos foram politicamente constituídos, reiterando modos de dizer marcados pela misoginia, mas também desestabilizando essas vozes, relacionando-se a partir do conflito, indicando outras possibilidades de interpretações. Tais sentidos, no dizer de Guimarães (2005b), são pensados historicamente, constituem-se pelo cruzamento de discursos, por sua relação com a história e com os sujeitos, os quais são instituídos na e pela linguagem.

5.2 CONSIDERAÇÕES GERAIS

As cenas enunciativas instituídas no Livro Didático aqui analisado apontam para a existência de um lugar social de onde se originam, ainda, concepções de que o espaço público é masculino e o espaço doméstico é feminino, de que existem atividades e ocupações destinadas a homens e outras relativas às mulheres.

Embora haja uma voz coletiva combatendo o preconceito e estereótipos relacionados a atividades realizadas por homens e mulheres, destaca-se, na maioria dos recortes, a reiteração de dizeres que fortalecem a desigualdade, o que pode contribuir para que os alunos aceitem como natural o discurso de que lugar de mulheres e lugar de homens devem ser distintos, de que suas ocupações devem ser valorizadas de forma diferente, de que existem qualificações masculinas que as mulheres não podem alcançar.

Nesse sentido, é possível dizer, ao chegarmos aqui, que o referido LD remete a memoráveis mais próximos dos acontecimentos políticos retratados pelos relatos dos viajantes e por pesquisas apresentadas por Mary Del Priore (2006), que constituem o segundo capítulo desta pesquisa, do que dos acontecimentos políticos discutidos pela teoria pós-estruturalista de gênero (BUTLER, 2015; LOURO, 2003a), apresentada no terceiro capítulo.

Isso tudo nos faz pensar que Mario Quintana, ao escrever o poema que introduz este capítulo, possivelmente não estava pensando no Livro Didático.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda não é a conclusão, não é o fim. O ponto final nos coloca numa condição de imobilidade. A curiosidade nos faz caminhar rumo a descobertas que nos levarão a outras e a outras... Com a curiosidade vamos aprendendo e compreendendo que não há verdades absolutas, mas incertezas inquietantes.

Florisbete SILVA (2016)

Os estudos realizados nesta pesquisa nos possibilitaram pensar sobre como os sentidos do feminino e do masculino vêm sendo produzidos no espaço político brasileiro, uma vez que as cenas enunciativas construídas no *corpus* analisado, desde os fatos históricos até as propostas e sugestões de respostas apresentadas pelo Livro Didático, apontam para lugares onde Locutores ainda fortalecem dizeres marcados por conceitos pré-estabelecidos acerca do ser homem e do ser mulher, legitimando, algumas vezes, a discriminação, os estereótipos relacionados ao seu modo de viver, às profissões que escolhem, às identidades que os constituem, instalando, com isso, um conflito constante de inclusão e exclusão.

Os relatos dos viajantes (GRAHAM, 1956; SOUZA, 1587) e os acontecimentos políticos narrados pelas pesquisas organizadas em História das Mulheres no Brasil (DEL PRIORE, 2006) apresentam enunciados cujos sentidos indicam uma desigualdade quando se compara as três etnias que compuseram a população brasileira, uma vez que a etnia do colonizador é destacada como superior, pois possui, de acordo com a enunciação, requisitos para ser chamado de homem e de mulher, e isso coloca o povo das demais etnias na condição de indivíduos apenas, não homens, não mulheres.

Ainda em relação a tais acontecimentos, é possível dizer que os mesmos estão ligados ao memorável da superioridade masculina e da fragilidade feminina; de que a mulher está ligada ao satânico, à mentira, à perdição, por isso deve ser disciplinada e isolada no espaço privado, onde deverá assumir a função para a qual foi criada, reproduzir e cuidar da prole, uma forma de se redimir da herança de pecados deixado pela sua ancestral, Eva; de que o homem é o retrato da perfeição, tanto que não dependeu de ninguém para a sua criação, ao contrário, é nele que está a origem, portanto cabe a ele desbravar o mundo, o espaço público é o seu lugar de atuação.

Os acontecimentos políticos bem como as discussões apresentadas pelas pesquisadoras Butler (2015) e Louro (2003a) apontam para uma reconfiguração de sentidos acerca do ser homem e do ser mulher, demonstram não apenas a luta feminina pelo reconhecimento dos seus direitos, mas a consolidação destes, acontecimento que contribuiu para a construção de

novos dizeres sobre as identidades de gênero e a atuação de mulheres e homens na sociedade, sobre as funções antes consideradas específicas do feminino ou do masculino, a participação social e política, a educação, os espaços ocupados por ambos.

Mas ainda se percebe, nas discussões das pesquisadoras, um certo combate a discursos oriundos de um lugar social onde a misoginia é reiterada, o que nos faz pensar que, apesar das conquistas vivenciadas pela sociedade, os sentidos instituídos para as categorias de gênero (etnia, raça, classe social, identidades, sexualidade) ainda são atravessados por discursos que remetem a memoráveis que apontam para lugares sociais distintos, dentre eles aquele de onde se origina a reiteração da desvalorização feminina, o que ainda prega o discurso da delicadeza e da fragilidade, relacionado à mulher, e o da força e competência, relacionado ao homem, bem como o que fortalece a ideia de que, mesmo com a presença feminina em diversificadas atividades profissionais, ainda há profissões que só o homem pode assumir com competência e segurança.

O livro didático nos possibilitou várias reflexões. A primeira delas nos levou à compreensão de que, apesar da coleção analisada ter sido lançada no século XXI, os enunciados aliselecionados para análise remetem a memoráveis de acontecimentos políticos que retratam as condições de submissão e de invisibilidade vividas por mulheres até a segunda metade do século XX. Em outras palavras, há uma ligação maior entre os sentidos dos enunciados do livro didático com aqueles identificados nos relatos dos viajantes e os acontecimentos políticos narrados em *História das Mulheres no Brasil*, do que com os enunciados selecionados nas duas obras que discutem a teoria pós-estruturalista de gênero, das autoras Butler (2015) e Louro (2003a). Nesse sentido, apresentamos alguns memoráveis que aparecem representados pelas relações de sentidos constituídos nos enunciados dos recortes analisados.

Primeiro, o memorável da professora, constituído de sentidos relacionados à habilidade, ao comportamento, ao exemplo de boa profissional, em oposição ao memorável do professor, apresentado como o *sábio* orientador na elaboração do conhecimento. É possível dizer, também, se pensarmos nos sentidos que instituem a designação *cozinheira de mão cheia*, muito utilizada em nossa sociedade, que *uma professora de mão cheia*, expressão que aparece no livro, é um dizer oriundo de um lugar que relaciona a docência feminina a uma missão, uma continuidade do trabalho realizado no espaço doméstico, uma função onde o zelo maternal e a formação humana superam a preocupação com a formação intelectual.

Outro memorável é o da desigualdade entre homens e mulheres, quando se trata de atividades profissionais. E isso demonstra a legitimação de discursos que criam visões

estereotipadas de que existem ocupações específicas para o masculino e outras para o feminino. As atividades profissionais deles estão atreladas à força, inteligência e racionalidade; já as delas, à delicadeza e ao sentimento. Além disso, há também o discurso de que os cargos gerenciais são inerentes aos homens, por isso a mulher precisa travar uma batalha de forças para mostrar que pode desempenhar essa função com a mesma competência.

O memorável de que mães e pais fazem coisas diferentes com seus filhos também é identificado nos enunciados analisados no LD. Pai e filha realizam tarefas no espaço público, voltadas para o bem estar e saúde (*natação*). A mãe, quando está com a filha, realiza atividades nos dois ambientes (trabalho, em casa/lazer, na rua), mas quando o filho se une a elas, tanto o trabalho quanto o espaço doméstico são excluídos (tarefa com o filho é ir ao cinema).

Há ainda o memorável de que a mulher é consumista e o homem é moderado, mas quando ele se vê ameaçado pela companheira, esquece essa moderação e acaba gastando com presentes caros, numa tentativa de *calar a boca da fera*. Isso remete a um outro memorável, o de que a mulher gosta de promover escândalos, principalmente quando se trata de relações amorosas, e de que esses podem ser evitados com presentes. Uma célebre frase de Brás Cubas, personagem criado por Machado de Assis, nos faz pensar que esse estereótipo acompanha a mulher há séculos: *Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos*²².

Apenas três recortes selecionados no LD remetem a memoráveis ligados aos acontecimentos políticos dos movimentos feministas e teoria pós-estruturalista de gênero. Foi possível identificar nesse trio, uma reconfiguração do discurso sobre o ser homem e o ser mulher, um lugar onde são instituídos sentidos que apontam, nos parece, para um novo caminho, aquele onde a paridade substitui a desigualdade entre homens e mulheres, onde os direitos conquistados são consolidados.

Apesar de parecerem irrelevantes, esses três recortes são importantes para nos fazerem pensar que os sentidos sobre o masculino e o feminino, construídos pelo livro didático aqui analisado, poderiam ser outros, abrindo espaços para reflexões acerca dos direitos de mulheres e de homens na sociedade, da luta das mulheres para consolidar suas conquistas, de como as discussões de gênero têm permitido novas possibilidades de se pensar sobre os sentidos instituídos para o ser homem e o ser mulher e tudo a eles relacionados. Mas, ao invés disso, esses sentidos legitimam discursos marcados pelo preconceito, representativos de

²²Memórias póstumas de Brás Cubas (online). Capítulo XVII, p. 25.

estereótipos que fortalecem a desigualdade de gênero, principalmente no tocante aos direitos, às ocupações profissionais, à participação social e política.

Isso mostra a relevância desta pesquisa para a reflexão acerca das representações de gênero nos recursos didáticos, bem como para a reconfiguração do ensino de língua portuguesa, tomando como base o texto, seu funcionamento, como ele faz sentido, desenvolvendo estratégias que auxiliem os alunos a compreenderem de que lugar interpretam os sentidos produzidos pelos textos e de onde se posicionam os Locutores que ali aparecem.

A pesquisa nos apontou também outros caminhos de investigação atrelados ao gênero: os sentidos do corpo feminino e do corpo masculino; os sentidos do homem negro e da mulher negra; da patroa e da empregada; da mulher pobre e da mulher rica; das identidades de gênero e do silêncio que se institui em relação a elas, dentre tantas outras possibilidades de estudo.

Assim, essa investigação sobre os sentidos do masculino e do feminino no Livro Didático de Língua Portuguesa mostrou a relevância da discussão não apenas sobre uma categoria de gênero, mas de todos os aspectos a ele relacionados, visando à construção do respeito às diferenças, à compreensão de que os sentidos que constituem o gênero estão relacionados com a história, sendo produzidos pelos diferentes discursos que se cruzam no acontecimento.

REFERÊNCIAS

- ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- AMANTINO, Marcia; FREIRE, Jonis. Ser homem... ser escravo. In: DEL PRIORE, M.; AMANTINO, M. (Org.). **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2013. p. 15 - 48.
- ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 45-77.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 607-639.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: a experiência de vida. 4.ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 4.ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BRASIL. **Guia de livros didáticos**: PNLD 2014: língua portuguesa: ensino fundamental: anos finais. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2013.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CASTRO, G. Não nasci pra ser Amélia. **Blog no wordpress.com**. Disponível em: <<https://naonascipraseramelia.wordpress.com/contato/>>. Acesso em: 07jan. 2016.
- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português**: linguagens, 7º, 8º e 9º anos. 7.ed. São Paulo: Saraiva, 2012.
- CORRÊA, M. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. **Cadernos Pagu**, n. 16, p. 13-30, 2001.
- DEL PRIORE, Mary. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 78-114.
- DEL PRIORE, M.; AMANTINO, M. (Org.) **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2013.
- DICIONÁRIO informal da língua portuguesa. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/>>. Acesso em: 07 Set. 2016.
- DICIONÁRIO da língua portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 1998. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlDLPO>>. Acesso em: 07Set. 2016.
- FERREIRA, A. B. H. 1910-1989. **Miniaurélio século XXI**: O minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FIGUEIREDO, C. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 1913. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2015.

FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 141-188.

GÂNDAVO, P. M. **Tratado da Terra do Brasil. História da Província Santa Cruz**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. Disponível em: <<http://www.psb40.org.br/bib/b146.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2016.

GIULANI, Paolla Cappellin. O movimento de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 640 – 668.

GRAHAM, M. **Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823**. Tradução de Américo Jacobina Lacombe. Companhia Editora Nacional, 1956. Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br>>. Acesso em: 05 jan. 2016.

GUIMARÃES, E. **História e Sentido na Linguagem**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

_____. Designação e espaço de enunciação: um encontro político no cotidiano. **Letras**, n. 26, p. 53-62, 2003.

_____. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 2.ed. Campinas, SP: Pontes, 2005a.

_____. **Os limites do sentido**: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. 3.ed. Campinas, SP: Pontes, 2005b.

_____. Posfácio. Acontecimento e argumentação. In: GUIMARÃES, E. **Texto e Argumentação**. Campinas: Pontes, 2007a.

_____. Domínio semântico de determinação. In: GUIMARÃES, E.; MOLLICA, M. C. **A palavra: forma e sentido**. Campinas: Pontes, RG Editores, 2007b.

_____. Enumeração funcionamento enunciativo e sentido. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, 51(1): 49-68, Jan./Jun. 2009.

_____. Língua e enunciação. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, v. 30, 2011a. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/download/1690/4235>>. Acesso em: 15 ab. 2015.

_____. O sentido de “história” em dois estruturalistas brasileiros. **Revista Línguas e Instrumentos Lingüísticos**. Edição 25. UNICAMP: Editora RG, 2011b.

_____. Ler um texto uma perspectiva enunciativa. **Revista da ABRALIN**, v. 12, n. 2, 2012a.

GUIMARÃES, E. **Análise de texto**: procedimento, análise, ensino. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 2012b.

JORNAL DAS MOÇAS, 07 de janeiro de 1960, p. 14, edição 02325. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1960_02325.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2016.

LIMA, E. G. Para compreender o livro didático como objeto de pesquisa. **Educação e Fronteiras On-Line**, v. 2, n. 4, p. p. 143-155, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/1563>>. Acesso em: 03 jun. 2016.

LOURO, G. L. **Gênero sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 5.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003a.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 443-481.

MACHADO, C. P. **Política e sentidos da palavra preconceito: uma história no pensamento social brasileiro na primeira metade do século XX**. Tese de doutorado. Unicamp. Campinas, SP, 2011.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L. et al. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003b.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

OLIVEIRA S. E. Sobre o funcionamento do político na linguagem. **Línguas e instrumentos linguísticos**, 34, Campinas: CNPQ - Universidade Estadual de Campinas; Editora RG, 2014. p. 41 – 54.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 6.ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2005.

OSBORNE, Richard. **Dicionário de sociologia**. Rio de Janeiro: 2012.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 278 – 321.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 578 – 606.

RAMINELLI, Ronald. Eva Tupinambá. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 11 – 44.

SANTOS, T. S.; MAIA, S. A condição feminina: dupla jornada de trabalho. **Revista Partes**, 2012.

SCOTT, J. W. et al. Os usos e abusos do gênero. **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**. v. 45, 2012. Acesso em 05 jan. 2016.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, v. 16, n. 2, p. 19, 1989.

SILVA, Maria Aparecida Moraes. De colona a bóia-fria. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 554 – 577.

SILVA, A. V. **O sentido da palavra poesia nas ciências da linguagem**. Tese de doutorado. Unicamp. Campinas, SP, 2012.

SOUZA, J. Topônimos mineiros: uma análise semântico-enunciativa do processo de ocupação, exploração e formação do estado nacional. **Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos**. Edição 25. UNICAMP: Editora RG, 2011. p. 25-48.

SOUZA, G. S. Tratado descritivo do Brasil em 1587. **Revista do Instituto histórico e geographico do Brazil**, v. 14, 1851.
<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me003015.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2016.

VALCÁRCEL, A. **O que é o feminismo e que desafios apresenta?** Em busca da plena cidadania das mulheres. CONGRESSO HACIA LA PLENA CIUDADANÍA DE LAS MUJERES. Barcelona, 2004. Disponível em
<<http://www.diba.cat/urbal12/cdseminari/ponencias/ameliavalcarcelportu.pdf>>. Acesso em: 23 ab. 2016.

ZOPPI-FONTANA, M. G. A arte do detalhe. **Revista discursividade**. Edição n° 09 - Janeiro/2012 - Maio/2012.